



FLUC FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Dissertação EuroMACHS

Mestrado em Património Europeu, Multimédia e Sociedades de Informação

# Contribuição Metodológica para a Investigação Histórica e Concepção de Roteiros Hipermédia Participativos e Potenciadores de Novas Vivências do Espaço

Joana Filipe Viana



Orientadores:

António Filipe Pimentel, FLUC

Licínio Gomes Roque, FCTUC

Outubro de 2010

***Resumo da dissertação de mestrado EuroMACHS intitulada “Contribuição Metodológica para a Investigação Histórica e Concepção de Roteiros Hipermedia Participativos e Potenciadores de Novas Vivências do Espaço”***

No contexto da dissertação de mestrado em Património Europeu, Multimédia e Sociedades de Informação – Euromachs surge esta tese / projecto que pretende ser inovadora ao colocar as Tecnologias de Informação e Comunicação “ao serviço” da fruição do património, sendo no caso de estudo o Património Edificado na cidade de Coimbra.

O que se pretende é a estruturação de um sistema web disponível em suportes móveis que permitirá ao visitante o acesso a informação especializada bem como a interacção com essa mesma informação.

O visitante poderá ainda aceder não só à informação “escrita” e científica mas também aceder a informação em formato multimédia como sejam reconstituições 3D ou pequenos filmes acerca do património edificado e cultural.

O objectivo é mostrar de que modo é que uma pesquisa científica acerca do património e da sua contextualização poderá sair das páginas de um livro e transformar-se numa aplicação “web” portátil, dinâmica e interactiva.

Fazendo a ponte entre as “Letras” e as “T.I.C.”, a meta que se pretende atingir é a de divulgar o Património levando o “público” a interagir com ele.

***Joana Filipe  
EuroMACHS  
FLUC  
2010***

## **Abstract/Resumo**

No contexto da dissertação de mestrado em Património Europeu, Multimédia e Sociedades de Informação – Euromachs surge esta tese / projecto que pretende ser inovadora ao colocar as Tecnologias de Informação e Comunicação “ao serviço” da fruição do património, sendo no caso de estudo o Património Edificado na cidade de Coimbra.

O objectivo é mostrar de que modo é que uma pesquisa científica acerca do património e da sua contextualização poderá sair das páginas de um livro e transformar-se numa aplicação “web” portátil, dinâmica e interactiva.

Fazendo a ponte entre as “Letras” e as “T.I.C.”, a meta que se pretende atingir é a de divulgar o Património levando o “público” a interagir com ele.

## **Keywords/Palavras-chave**

Coimbra, Cultura, Euromachs, Fruição, Hipermédia, Usabilidade Interacção, Multimédia, Património Edificado, Percurso, Rotas, Turismo

# Índice

<b>CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO.....</b>	<b>ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.</b>
Contexto do Trabalho .....	Erro! Marcador não definido.
Objectivos da Proposta .....	Erro! Marcador não definido.
Metodologia.....	Erro! Marcador não definido.
<b>CAPÍTULO 2 – O TURISMO CULTURAL E O PATRIMÓNIO .....</b>	<b>ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.</b>
O Contexto Português e a Cidade de Coimbra em particular.....	Erro! Marcador não definido.
<b>CAPÍTULO 3 – INVESTIGAÇÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO .....</b>	<b>ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.</b>
Da Selecção do Contexto Histórico a Tratar.....	Erro! Marcador não definido.
Abordagem Metodológica à Investigação e Documentação do Património .....	Erro! Marcador não definido.
Inventariação e Concepção de Rotas .....	Erro! Marcador não definido.
<b>CAPÍTULO 4 – CONCEPÇÃO DO SISTEMA DE INFORMAÇÃO .....</b>	<b>ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.</b>
A Abordagem de Contextual Design.....	Erro! Marcador não definido.
Das Rotas ao Desenho do Suporte TIC.....	Erro! Marcador não definido.
User Environment Design.....	Erro! Marcador não definido.
Modelo de fluxo .....	Erro! Marcador não definido.
Modelos de sequência.....	Erro! Marcador não definido.
Modelo do Artefacto.....	Erro! Marcador não definido.
Modelo Cultural do Contexto.....	Erro! Marcador não definido.
Prototipagem em Papel.....	Erro! Marcador não definido.
Avaliação Heurística de Usabilidade .....	Erro! Marcador não definido.
Propostas de revisão do protótipo.....	Erro! Marcador não definido.
<b>CAPÍTULO 5 – REFLEXÃO SOBRE ESPECIFICIDADE METODOLÓGICA .....</b>	<b>ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.</b>



**CAPÍTULO 6 – CONCLUSÕES.....ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.**

**BIBLIOGRAFIA.....ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.**

**ANEXO A -- FICHAS DE PATRIMÓNIO .....ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.**

**Arquitectura Religiosa..... Erro! Marcador não definido.**

**Arquitectura Civil..... Erro! Marcador não definido.**

**Arquitectura Militar..... Erro! Marcador não definido.**

**ANEXO B -- ROTAS NA CIDADE DE COIMBRA....ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.**

**ANEXO C – ENTREVISTA A DR. PEDRO MACHADO PRESIDENTE. ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.**

## Tabela de Figuras

Ilustração 1 - User Environment Design .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 2 - Modelo de Fluxo .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 3 - Modelo de Sequência "Sem Rota Pré Definida" .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 4 - Modelo de Sequência "Com Rota Pré Definida" .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 5 - Modelo de Sequência "Interagir com Outros Visitantes" .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 6 - Modelo de Sequência "Renovar Informação" .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 7 - Modelo de Sequência "Agenda de Actividades" .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 8 - Modelo de Artefacto .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 9 - Modelo Cultural .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 10 - 1ª Área Focal .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 11 - 2ª Área Focal .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 12 - 3ª Área Focal .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 13 - 4ª Área Focal .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 14 - 5ª Área Focal .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 15 - 6ª Área Focal .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 16 - Fachada Mosteiro de Celas .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 17 - Vista Mosteiro de Celas .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 18 - Pormenor do interior da Igreja de São Domingos .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 19 - Fachada da Igreja de São Domingos .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 20 - Pormenor dos tectos da Igreja de S. João das Donas .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 21 - Fachada da Igreja S. João das Donas actual Café Sta Cruz .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 22 - Fachada Mosteiro de Santa Cruz .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 23 Fachada do Mosteiro de Santa Cruz .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 24 - Pormenor do Altar Mor do Mosteiro de Santa Cruz .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 25 - Interior da Igreja do Colégio da Graça .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 26 - Fachada da Igreja da Graça .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 27 - Pormenor dos Capitéis do Portal da Igreja de Santiago .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 28 - Fachada da Igreja de Santiago .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 29 - Interior da Igreja de Santiago .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 30 - Placa Informativa acerca da existências de dois colégios universitários .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 31 - Pormenor da Escadaria do Colégio de São Jerónimo .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>

Ilustração 32 - Estátua de São Jerónimo.....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 33 - Vista de fachadas do Colégio de Santo Agostinho**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 34 - Pormenor de um dos portais existentes no interior do Colégio**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 35 - Pormenor da cobertura das passagens que ladeiam o Claustro**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 36 - Claustro do real Colégio das Artes.....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 37 - Portal do Colégio das Artes.....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 38 - Pormenor dos corredores que ladeiam o claustro**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 39 - Pormenor da Fachada da Sé Nova.....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 40 - Fachada da Sé Nova .....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 41 - Fachada da Igreja de São Salvador.....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 42 - Arco sobre o portal da Igreja de São Salvador..**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 43 - Fachada da Sé Velha .....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 44 – Porta Especiosa da Sé Velha.....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 45 - Claustro da Sé Velha com a Torre da Universidade ao fundo**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 46 - Vista da Nave Central da Sé Velha .....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 47 Fachada do Mosteiro de Santa Clara a Nova.....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 48 Portal que antecede o átrio da Igreja.....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 49 Estátua da Rainha D. Isabel .....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 50 - Fachada do Mosteiro de Santa Clara a Velha....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 51 - Vista das ruínas do Claustro do Mosteiro de Santa Clara a Velha**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 52 Pormenor da estátua de Sto. António .....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 53 Fachada da Igreja de Santo António dos Olivais.**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 54 Pórtico que antecede a escadaria de acesso à igreja**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 55 Fachada da Igreja de São Bartolomeu .....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 56 Portal da Igreja de São Bartolomeu .....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 57 Interior da Igreja de São Bartolomeu.....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 58 Fachada da Igreja do Carmo .....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 59 Pórtico que antecede a entrada da Igreja do Carmo**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 60 Claustro do Jardim da Manga .....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 61 Pormenor do Claustro .....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 62 Pormenor da estatuária do Jardim, o Cão que representa a fidelidade**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 63 Pormenor da estatuária do Jardim, o Papagaio que representa a oratória.**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 64 .....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 65 Arcos do Jardim .....**Erro! Marcador não definido.**

Ilustração 66 Arco de Honra.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 67 Arcos do Jardim.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 68 Portal da Igreja de Santa Ana .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 69 Portal de acesso ao pátio do Museu .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 70 Vista da varanda que fecha opátio .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 71 Via Latina .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 72 Torre da Universidade .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 73 Biblioteca Joanina.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 74 Porta Férrea.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 75 Portal do Colégio de São Pedro .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 76 Pormenor do arco e do portal que dá acesso ao Instituto de Arqueologia.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 77 Arco Passadiço que liga ambas as casa .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 78 Pormenor do Portal .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 79 Pormenor da entrada .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 80 Fachada do Edifício do Chiado.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 81 Pormenor da entrada .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 82 Recinto do Jogo da Pela.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 83 Cascata do recinto do jogo da pela .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 84 Pórtico com os três arcos .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 85 Estátua de Avelar Brotero.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 86 Portal de entrada do Jardim .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 87 Pormenor de uma das passagens do jardim .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 88 Vista da Rua da Sofia.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 89 Vista da Rua da Sofia.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 90 Pormenor de um dos painéis de azulejos figurativos.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 91 Fachada do Teatro Gil Vicente .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 92 Fachada do Portugal dos Pequenitos .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 93 Pormenor de um dos Guardiães do Portal .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 94 Placa sobre a relação da Torre de Anto com António Nobre.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 95 Vista sobre a Torre de Anto .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 96 Arco de Almedina.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 97 Arco de Almedina.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 98 Porta da Barbacã .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 99 - Rota dos Claustros.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>

Ilustração 100 Rota da Água .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 101 Rota dos Jardins .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 102 Rota das Artes e das Ciências .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Ilustração 103 Rota do Passado ao Presente.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>

## *Agradecimentos*

Deixando os “academismos” de parte, permito-me agradecer num tom mais pessoal, pois parece-me que os agradecimentos devem ser feitos com o “coração”...

Em primeiríssimo lugar quero agradecer à minha Mãe, foi ela quem tornou possível que eu pudesse dar mais este passo na minha vida académica e na minha formação... com paciência, com amor, com carinho, com dedicação e sempre com muito apoio, tornou possível que eu me tornasse naquilo que sou hoje.

Para ela não há palavras suficientes de agradecimento e também de reconhecimento.

Depois à minha irmã, Anaísa, pela paciência de passar horas na reprografia da nossa faculdade e de estar sempre disponível para correr para os nossos institutos sempre que mais um livro surgia no caminho da minha pesquisa.

E por ser um exemplo de força e determinação, assim como de suprema inteligência intelectual e emocional.

Ao Micael, por ter estado presente, sempre a meu lado com muita paciência e coragem para que eu não desistisse; sempre com uma palavra de encorajamento quando o caminho da desistência era o mais fácil.

Aos Professores que me orientaram, que me ajudaram e também que acreditaram no valor do meu trabalho.

Ao Dr. Licínio Roque, apesar de usarmos “linguagens” diferentes, pelo apoio, pela disponibilidade, pelo pragmatismo e pelas “ideias brilhantes”, sem ele teria sido impossível.

Ao Dr. António F. Pimentel, por nunca me ter faltado com a sua orientação científica e pela facilidade com que expõe e modela os conteúdos.

De resto, aos Amigos e Colegas de trabalho que me apoiaram, me deram força e também que me ajudaram na preparação e elaboração desta dissertação.

Assim a todos o meu MUITO OBRIGADA, por fazerem parte da minha vida, por me terem apoiado e por me terem ajudado a tornar este trabalho possível.

## **Capítulo 1 – Introdução**

### ***Contexto do Trabalho***

Em contexto de realização de um projecto de estágio integrado no Mestrado Euromachs - Património Europeu, Multimédia e Sociedades de Informação entre cujos objectivos se podem encontrar a realização de um projecto relevante na área de produção de conteúdos digitais, ligado ao Património Cultural, Material e Imaterial e a formulação de ideias para novos projectos que usem conteúdos históricos patrimoniais e novas tecnologias, projectos elegíveis para financiamento dirigidos à criação de conteúdos para meios digitais, surge então o conceito em torno do qual se estruturará a dissertação de Mestrado no âmbito do mesmo programa de estudos – Euromachs.

### ***Objectivos da Proposta***

A proposta apresentada nesta dissertação visa criar uma ressubjectificação das vivências do Património na cidade de Coimbra, ou seja criar condições que permitam novas vivências do espaço, auxiliando os sujeitos a criar novas perspectivas de fruição do Património.

Através de uma interacção do domínio científico do Património com as novas tecnologias pretendem criar-se as condições necessárias para que o “fruidor” possa não só fruir o Património como também interagir com ele. Criando um sistema que esteja disponível em dispositivos móveis, de fácil acessibilidade e navegabilidade cria-se um conceito inovador em termos de “web sites” relacionados com o Património.

Assim cria-se uma dinâmica entre o “fruidor” e o Património que permite vivências muito mais entusiasmantes a partir do momento em que o utilizador vive o Património de uma forma mais intrínseca e estabelece com ele uma relação de interacção.

Entre os objectivos desta proposta pode encontrar-se o facto de dar a conhecer ao público em geral não só o Património Edificado existente, mas também a sua envolvente e o seu papel na vida da cidade que os acolhe, perspectivar o Património edificado da cidade como um recurso económico e de aprendizagem no desenvolvimento da cidade e por fim

proporcionar oportunidade de criação de novos projectos que visem o desenvolvimento cultural da urbe.

### *Metodologia*

O objectivo base desta dissertação surge ainda em contexto de estágio, visando a criação de um projecto que aliasse as novas tecnologias de informação com a divulgação de conhecimento, aplicada ao cenário específico do Património edificado na cidade de Coimbra. Após o delinear dos objectivos gerais deste projecto foi realizada uma investigação de carácter científico no que respeita ao Património e à sua contextualização, bem como da sua caracterização, ao que se seguiu um tratamento da informação de forma que esta se adaptasse aos objectivos do projecto bem como ao formato em que seria apresentado, tendo em conta o público alvo a que se dirige. Pretende-se informação que seja facilmente compreendida e assimilável visto que se dirige a um público generalizado e interessado, mas não especializado, havendo necessidade de um certo despojamento da informação.

O passo que se segue ao tratamento da informação é o da definição do sistema que se pretende implementar. Tendo este passo definido segue-se a estruturação do sistema de informação que serve os objectivos do projecto. Pretende-se que o sistema seja uma ferramenta de fácil acesso e de manipulação intuitiva, em contexto. Assim estruturou-se um sistema com base no Contextual Design, que visa o design de sistemas com base nas necessidades e habilitações dos seus utilizadores, adaptando-o ao contexto de uso, promovendo uma aprendizagem empírica da utilização do sistema, com base numa adaptação natural ao mesmo.



## Capítulo 2 – O Turismo Cultural e o Património

### *O Contexto Português e a Cidade de Coimbra em particular*

Na etimologia da palavra encontraremos a razão de tanto “burburinho” acerca deste conceito que é o de Património. A palavra património é composta por dois vocábulos greco- latinos: "*pater*" e "*nomos*". A palavra "*Pater*" significa pai, chefe de família e num sentido mais lato pode ser entendida como os antepassados e as suas heranças. Essas heranças tanto podem ser de ordem material como cultural. A palavra "*Nomos*" de origem grega refere-se à lei, aos usos e costumes relacionados com a origem, tanto de uma família quanto de uma cidade.

O “patri-monio” pode e deve ser assim compreendido à luz da sua etimologia como a herança cultural e patrimonial de uma geração para outra, ao longo dos tempos. É também um conceito vasto que abrange, quer o meio ambiente natural, quer o cultural. Recorda e expressa a longa caminhada do desenvolvimento histórico que constitui a essência das diversas identidades nacionais, regionais, autóctones e locais, e faz parte integrante da sociedade moderna. O Património específico e a memória colectiva de cada comunidade e de cada local, são insubstituíveis e representam uma base essencial para um desenvolvimento, simultaneamente respeitador do passado e virado para o futuro. Numa época de crescente globalização, a protecção, a conservação, a interpretação e a divulgação do património e da diversidade cultural de cada lugar ou região, constituem um importante desafio para todos os povos.

O turismo devido à sua componente de intercâmbio cultural, continua a ser um veículo que proporciona experiências, não só a partir da observação dos vestígios do passado, mas também através do contacto com a vida actual de outros grupos humanos. É, pois, cada vez mais reconhecido como uma força positiva que favorece a conservação do património natural e cultural.

É uma das principais actividades económicas do mundo de hoje, mesmo tendo em conta a diversidade de contextos geográficos, políticos e socio-económicos. Organizado de um modo regular a partir da segunda metade do século passado, tornou-se num dos sectores - chave da economia de um grande número de países, justificando numerosas actividades económicas e culturais. O fenómeno turístico, em termos de massificação do conceito, em

Portugal é um fenómeno relativamente recente. O nosso país não ficou obviamente indiferente ao fenómeno económico e cultural do turismo, principalmente a partir dos anos 60, como país receptor de turistas, essencialmente em zonas balneares como Algarve e também na ilha da Madeira.

Em meados dos anos 70, devido à conjuntura política no nosso país, sente-se um decréscimo acentuado na procura turística e nos anos 80 sentiu-se mesmo alguma estagnação do fenómeno. Na década de 90 quase que se assiste a um *boom* não só em termos de circulação de bens e pessoas<sup>1</sup>, mas também em relação à produção científica acerca da temática do turismo. Embora o Turismo em Portugal seja um fenómeno recente no que respeita à actividade económica devidamente estruturada apresenta já uma diversidade considerável. A fracção do turismo nacional que mais turistas atrai, não só estrangeiros mas também nacionais continuam a ser as praias principalmente as do Algarve.

Apesar de serem formas de turismo não tão procuradas no nosso país, também o turismo religioso (veja-se Fátima é um dos maiores santuários a nível internacional), turismo de termas, turismo cultural, rural e de eventos têm já uma visibilidade importante no panorama turístico português. No entanto muito embora se faça a análise do estado do Turismo em Portugal importa principalmente fazer uma análise da situação no que concerne à cidade de Coimbra, pedra basilar desta dissertação e deste projecto.

Após análise de alguns textos sobre a problemática do turismo na região centro e de uma entrevista do Dr. Pedro Machado, Presidente da Região Turismo Centro ao “O Despertar”<sup>2</sup> (O semanário de Coimbra) é possível tirar algumas conclusões sobre o tema. Assim quanto à entrevista do Dr. Pedro Machado, este salienta o facto da Região Centro ser em termos turísticos a mais completa e rica do país, pois proporciona tanto o turismo cultural/ de património como o turismo de praia/ natureza, tendo capacidade de resposta aos vários tipos de turismo. O presidente da R.C.T. refere ainda o facto de o Turismo poder vir a transformar-se num “peso” que sustente a nossa balança económica e que numa relação de reciprocidade, temos a obrigação de pensar no turista português, no turista nacional.

De salientar ainda que segundo o mesmo, o turista português está cada vez mais virado para um turismo de natureza e aventura, que alivie o stress do quotidiano e liberte tensões e

---

<sup>1</sup> Com a entrada de Portugal na C.E.E. em 1986, a circulação de bens e pessoas entre os países constituintes, tornou-se mais livre e conseqüentemente mais fácil

<sup>2</sup>A pesquisa quanto a esta entrevista foi feita no web site do referido jornal, pelo que não foi possível determinar a data da entrevista, que será facultada em anexo.

energias; Turismo esse que estando em expansão deveria ser mais cada vez mais explorado por esta região, que tem efectivamente capacidade de responder a esta procura.

Existe também como referência o Projecto M.I.T. – Mobilidade, Inovação e Território cujo objectivo é a criação de uma “região turística “ entre o centro de Portugal e “Castilla e León” em Espanha<sup>3</sup>, e após a análise do projecto conclui-se que há uma série de problemas em ambas as regiões e que se verificam consequentemente na região de Coimbra: Capacidade reduzida de alojamentos, predominância de um tipo de mercado “doméstico”, dificuldade de atracção do turista estrangeiro e duração média de permanência dos turistas demasiado baixa.

Este território apresenta-se muito mais como um local de passagem do que propriamente de permanência; embora existam fluxos turísticos, a capacidade para os manter é relativamente baixa. É assim premente criar e desenvolver “produtos turísticos globais” que se identifiquem com a unicidade e identidade dos respectivos territórios.

“A particularidade dos recursos existentes constituem uma mais valia num contexto de competição global dos destinos turísticos. Contudo estes não são muitas vezes integrados em ofertas devidamente estruturadas, visíveis e apelativas. Nesse sentido é tão importante um bom conhecimento dos recursos, como das necessidades, desejos, preferências e tendências de mercado”<sup>4</sup>.

Desta forma identificam-se algumas áreas de intervenção prioritárias de forma a dinamizar o Turismo na região:

- Acessibilidade: rede de transportes e infra estruturas
- Sinalética, informação e interpretação turística
- Aposta em novas tecnologias de informação e comunicação em negócios de turismo
- Divulgação e promoção profissional e eficaz dos produtos e destinos como se de uma “marca” se tratasse
- Aposta na sustentabilidade dos projectos bem como da sua integração em conceitos de “Turismo Acessível”
- Qualificação dos recursos humanos
- Conhecimentos do mercado e adaptação a mercados específicos enfatizando uma experiência global
- Colaboração em redes e parcerias de forma a desenvolver produtos diversificados e sinergias

---

<sup>3</sup> Para mais informações acerca do Projecto M.I.T consultar o site <http://www.ccdrc.pt/noticias/projecto-mit-2013-mobilidade-inovacao-e-territorio-seminario-final-17-de-novembro-viseu>

<sup>4</sup> Relatório do M.I.T. – Mobilidade, Inovação e Território

Surge assim a necessidade de com base nos recursos turísticos que a cidade apresenta, desenvolver “produtos turísticos” com estreita ligação aos elementos turísticos que lhe conferem a identidade e a unicidade e que por isso mesmo só aqui serão capazes de proporcionar experiências únicas. Estas características únicas têm que ser valorizadas e trabalhadas pois constituem uma mais valia no panorama nacional e internacional de ofertas turísticas. Infelizmente nem sempre se conseguem projectar ofertas devidamente estruturadas, visíveis e apelativas o que implica um maior conhecimento do que a cidade tem para oferecer e de quais as suas necessidades, não esquecendo também as tendências do mercado, que são um factor muita vezes esquecido.

Coimbra é detentora de um vastíssimo património não só cultural como edificado e no entanto cingiu-se apenas a uma faceta da sua identidade que é a sua vida universitária e académica. Vive demasiado de e para os estudantes e a sua vida académica (infelizmente nem sempre na sua vertente mais cultural), esquecendo que existe por trás desse “academismo” uma estrutura urbana e cultural milenar que a sustém, a apoia e acolhe.

A cidade tem o seu tempo marcado pelo tempo da vida universitária. É praticamente uma cidade fantasma durante os fins-de-semana e as férias escolares. Os seus “governantes” e até mesmo os seus estudantes estão a deixar escapar por entre os dedos aquilo que Coimbra tem de mais precioso para oferecer: o seu PATRIMÓNIO cultural e edificado.

O património para existir e fazer sentido tem que ser vivenciado, só assim se justifica que ele subsista e que permaneça como parte de nós, do que somos e de como somos...

Cada edifício conta uma história, tem uma narrativa própria que vale por si só, no entanto quando interpretado à luz de uma narrativa de conjunto, todos juntos contam uma história mais global, mais urbana, traçando assim o percurso de uma comunidade e de um núcleo urbano. No entanto todo o valor que é intrínseco ao património não chega muitas vezes para atrair “turistas” (num sentido mais económico e que é efectivamente necessário à subsistência das cidades, das suas gentes e dos seus patrimónios) mas também o simples visitante que frui apenas pelo prazer de fruir a multiplicidade de vivências que cada “património” encerra em si mesmo.

É necessária uma rápida intervenção dos órgãos responsáveis (Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, Paróquias, as várias Regiões de Turismo e as instituições académicas) para que se criem infra-estruturas e estratégias para uma “ressubjectificação” das vivências dos patrimónios.

Através de actividades culturais e de animação cultural tão vastas e actuais como concertos (existe um Conservatório em Coimbra com alunos que estão aprender música),

peças de teatro e visitas temáticas com animações (com tantas companhias teatrais que existem na cidade, espectáculos não iriam faltar), Workshops (nas mais variadas áreas), instalações e exposições (Coimbra tem uma escola superior de Belas Artes – a ARCA. EUAC), palestras (Coimbra tem dos melhores investigadores do país em todas as áreas inclusivamente na área patrimonial) e sem esquecer o público infantil, pois serão eles que darão continuidade ao património que lhes é legado hoje.

Se todos os órgãos e instituições aqui referidos entrassem em diálogo poderiam enriquecer ainda mais a oferta cultural da cidade, diversificando, inovando e construindo uma tradição cultural que precisa urgentemente de ser revista.

### *Uso das TIC no Contexto do Turismo Cultural e Património*

***“A hipermédia é o novo instrumento Dada que procede à dessacralização definitiva do objecto cultural”<sup>5</sup>***

O conceito de turismo cultural está intimamente relacionado com o conceito de património cultural. No entanto este é um conceito relativamente recente que se começa a construir a partir de meados do séc. XX, findo o período de Guerra Mundial e consequentemente de enorme desaparego dos bens culturais. Nos dias que correm o conceito de Património Cultural tem um sentido muito mais lato e abrangente do que na década de 50 do séc. passado.

O conceito diz-nos que “ o Património Cultural de um povo compreende as obras do seus artistas, arquitectos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anónimas, surgidas da alma popular e do conjunto de valores que dão sentido à vida, ou seja as obras materiais e imateriais que expressam a criatividade desse povo; a língua, os ritos, as crenças, os lugares e os monumentos históricos, a literatura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas”<sup>6</sup>

Este novo conceito traz inúmeras vantagens, por um lado a sua abrangência e flexibilidade pois alcança âmbitos mais vastos tendo assim melhor capacidade de responder às novas realidades e às novas necessidades patrimoniais, por outro lado transporta tudo aquilo que recebemos dos nossos antepassados e das gerações anteriores e que devemos transmitir às gerações vindouras.

---

<sup>5</sup> Arturo Colorado Castellary; “Actas del VI workshop CALSF”; Universidad Complutense de Madrid

<sup>6</sup> Conferência Mundial da UNESCO sobre Património Cultural, realizada no México 1982

Assim nesta transmissão do conceito de Património às gerações mais jovens é necessário ultrapassar o “pré-conceito” de que o património e a cultura são conceitos aborrecidos, vetustos, desinteressantes e fora de moda e incutir-lhes e fomentar que o Património é parte da nossa identidade, que como tal os ajuda a contextualizarem-se como elementos de uma sociedade e que para além disso tem capacidades de se integrar na vida quotidiana dos cidadãos e da urbe, tornando-a mais rica não só economicamente mas também cultural e socialmente.

E é aqui nesta tentativa de incutir o gosto pelo Património e conseqüentemente o gosto pelo conhecimento e pela aprendizagem que surgem as T.I.C. – Tecnologias de Informação e de Comunicação.

O verdadeiro acesso ao Património Cultural não se prende apenas com o ver e gostar de Cultura; a verdadeira fruição encontra-se na compreensão da sua contextualização e conseqüentemente na percepção da Cultura como veículo transmissor de conhecimento.

Neste sentido a hipermédia constitui um verdadeiro desafio para a difusão e compreensão do Património Cultural e ao mesmo tempo torna-se num suporte essencial para a criação e transmissão de conhecimento. Para compreender o alcance das possibilidades que permite a hipermédia como meio de transmissão e produção de conhecimento temos que analisar algumas das suas características básicas: a interactividade, o perspectivismo e a automatização.

- A interactividade no sentido em a comunicação se torna bilateral ou seja é feita em dois sentidos, do utilizador à informação e da informação ao utilizador.
- O perspectivismo permite que o utilizador tenha acesso a uma multiplicidade de perspectivas acerca de um mesmo conteúdo.
- A automatização permite que a busca de informação seja manipulada e automatizada logo torna-se mais rápida e mais acessível.

Deste modo a hipermédia transforma-se num meio privilegiado de promover o conhecimento, democratizando-o e divulgando-o de uma forma mais directa, atractiva e apelativa. Através dos novos meios técnicos digitais interactivos de comunicação e informação, o antigo sujeito passivo da informação de massa, passa a ser activo neste novo ambiente digital - cada um é um emissor e um receptor de informação.

A partir daqui podemos expor as oportunidades da linguagem hipermédia na difusão e acesso ao património cultural como meio transmissor de conhecimento: ao permitir a pesquisa livre de informação, confere ao utilizador a capacidade de organizar a informação e a sua procura da forma que lhe é mais confortável; ao permitir a integração do textual com o visual,

acaba com a velha máxima de que “uma imagem vale mais que mil palavras” e permite o acesso ao conhecimento e à informação de uma forma mais completa; ao permitir a interacção, o utilizador transforma-se ao mesmo tempo em receptor e produtor de informação; através da multidimensionalidade e da contextualização, permite ao utilizador um alcance em termos de conhecimento nunca antes imaginado e assim acaba por permitir a “dessacralização” do objecto cultural, tornando-o acessível a todos e em toda a sua dimensão.

A hipermédia aumenta a capacidade de difusão, de identificação e produção de informação e permite consequentemente transformá-la em conhecimento e fruição do Património. Assim surge um conceito de Cultura Digital de carácter interdisciplinar que faz sentido no seio de sociedades de informação e de conhecimento como as sociedades modernas que são acima de tudo sociedades abertas às novas tecnologias adaptadas a novas realidades.

A emergência do que se passou a chamar o espaço cibernético, coloca a sociedade actual sob um novo eixo de tempo e espaço na qual o computador (e a Internet), como principal meio técnico do fazer social, transforma grande parte das relações sociais, políticas, culturais e económicas. Estas "sociedades do conhecimento", marcadas pelos novos meios de informação desmaterializam as fronteiras, alteram as noções tradicionais de tempo e espaço levando a memória e o conhecimento a uma dimensão universal. Sem dúvida, a Internet é um dos acontecimentos político - culturais mais significativos desde o final de século XX e início do século XXI, que revolucionou completamente as formas de produção, distribuição e consumo da informação e do conhecimento<sup>78</sup>.

---

<sup>7</sup> Análise realizada com base na “Actas del VI workshop CALSF”; Arturo Colorado Castellary; Universidad Complutense de Madrid

<sup>8</sup> Análise realizada com base no “O contributo das TIC para o desenvolvimento sustentado do património” Natália Boticas, Luís Fontes e Ana Roriz; Conferência IADIS Ibero-Americana 2007

## **Capítulo 3 – Investigação do Contexto Histórico**

### ***Da Selecção do Contexto Histórico a Tratar***

O facto de ser o Património de Coimbra a ser tratado nesta dissertação prende-se inicialmente com questões de familiaridade com o espaço e o contexto. Mais tarde responde a objectivos gerais como os de divulgar o património arquitectónico da cidade de Coimbra, estimular a interacção entre as entidades culturais da cidade, revitalizar a cidade de Coimbra, motivar novos públicos e promover o conhecimento de uma forma dinâmica.

Esta tese/ projecto surgiu numa primeira abordagem com a intenção de tratar o Património a nível nacional, objectivo que por questões óbvias se torna impossível de realizar em tão curto espaço de tempo caso se pretenda um trabalho de qualidade. Como tal surge a necessidade de seleccionar uma pequena fracção de tão vasto património e como já foi referido, por razões de proximidade, acessibilidade e também de familiaridade a selecção recaiu sobre a cidade de Coimbra.

No entanto devido ao facto de Coimbra ser uma cidade dona de um vastíssimo património, quer em termos de quantidade como em termos de qualidade e até em variedade, houve a necessidade de seleccionar dentre o Património existente aquele que melhor servia os objectivos deste projecto. Os parâmetros de selecção recaem sobre factores como conservação, protecção, “visitabilidade”, acessibilidade, importância e contributo para a vida e para a história da cidade e por outro lado também Património que tenha sido sujeito a adaptações ou alterações que de algum modo o reintegraram na vida activa da cidade e da sua gente, e que por isso o valorizou.

### ***Abordagem Metodológica à Investigação e Documentação do Património***

Ao definir quais os objectivos desta tese/ projecto o primeiro passo em termos de levantamento de informação/ dados começou por ser algo tão simples como um levantamento de todo o Património edificado existente na cidade de Coimbra.



Para tal foram utilizados como ferramentas e fontes de informação os sites do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico<sup>9</sup>) e da DGEMN (Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais<sup>10</sup>)<sup>11</sup>. Devido ao facto de a informação que disponibilizam estar já seccionada e esquematizada foi extremamente útil numa primeira abordagem, inclusivamente na selecção do Património a figurar no projecto. Não esquecendo que por serem web sites oficiais de órgãos públicos ao nível do património e da cultura tem uma credibilidade acrescida.

Após a selecção do Património a tratar foi feita uma pesquisa de carácter mais científico, com a consulta de bibliografia adequada<sup>12</sup> e recorrendo a manuais acerca da história da cidade, de forma a estruturar uma contextualização do Património e da própria especificidade da cidade de Coimbra e posteriormente foi feita uma pesquisa semelhante para a caracterização do património tratado.

A informação acerca do património será apresentada como “bilhetes de identidade” onde constará toda informação referente à data de construção, ao estilo artístico em que se inserem os monumentos, às principais campanhas construtivas e alguma da sua contextualização social e temporal, assim como a sua caracterização artística. O Património dividir-se-á em tipologias arquitectónicas tendo em conta os fins para os quais foi edificado, pelo que teremos Arquitectura Religiosa, Arquitectura Civil e Arquitectura Militar.

Após a selecção inicia-se o processo de tratamento da informação acerca do Património que se pretende simples e acessível a todos. Como tal há um despojamento da informação no sentido de lhe retirar o supérfluo e o “demasiado” científico, para que ela vá ao encontro do “visitante” comum que frui o património pelo património e que necessita aceder a um tipo de informação correcta do ponto vista científico mas facilmente assimilável do ponto de vista dos conteúdos.

Após este processo de tratamento da informação no que refere ao Património Edificado a ser retratado, inicia-se uma outra etapa que é a da definição das rotas que serão apresentadas a título de protótipo no projecto.

---

<sup>9</sup> [www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)

<sup>10</sup> [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)

<sup>11</sup> Aqui se pode ver um sinal de como as T.I.C. se interrelacionam com a produção de informação e com o acesso ao conhecimento.

<sup>12</sup> Quanto à bibliografia utilizada é feita a sua descrição no final do presente trabalho.

## *Inventariação e Concepção de Rotas*

O conceito de “Rota” enquanto elemento turístico diz-nos que uma rota é um percurso proporcionado para ser percorrido pelo turista/ excursionista, que ao visitar o local tem os caminhos e locais de visita previamente marcados. Em relação à concepção das rotas apresentadas, a metodologia utilizada para a sua definição consistiu inicialmente num levantamento de informação sobre o Património existente e após uma consulta das fontes primárias de investigação puderam definir-se os pontos – ancora e os temas aos quais ficariam subordinadas as rotas. As rotas vão ser apresentadas subordinadas a um tema, tema esse que por sua vez estará submetido à sua própria simbologia.

Um dos objectivos gerais da traça destas rotas é o de dar a conhecer ao público em geral não só o Património Edificado existente, mas também a sua envolvente e o seu papel na vida da cidade que os acolhe, dando-lhe uma nova “roupagem” a partir do momento em que o “subjugamos” a um tema que por vezes não é óbvio e que por isso mesmo confere uma nova vivência ao fruir do património.

Alguns dos pontos patrimoniais da cidade são comuns a várias rotas o que irá permitir vivenciar esses mesmos pontos sob várias perspectivas. Por um lado esse factor demonstra as múltiplas experiências que um mesmo ponto permite ao visitante mas também revela a sua importância na vida da cidade ao longo dos séculos em que as suas existências se cruzam. Assim teremos cinco rotas – modelo: Rota dos Claustros; Rota dos Jardins; Rota da Água; Rota das Artes e das Ciências e Rota do Passado ao Presente.

Na Rota dos Claustros o Claustro surge como um lugar que se presta ao conhecimento e à interpretação pelo que é essencial o traçar desta rota pelos claustros da cidade. Como elemento arquitectónico é na cidade de Coimbra um elemento de experimentação com o delinear por Diogo de Castilho do protótipo de claustro renascentista, nos casos dos Colégios Universitários. Sendo também um local de reflexão e de introspecção urge vivenciar estes espaços na direcção de uma “subjetivação” de um espaço que por ser mais íntimo e pessoal é tantas vezes negligenciado nas visitas às nossas igrejas.

A Rota dos Jardins permite visitar jardins que se prendem cada um com uma parte da sua simbologia específica; assim sendo o jardim onde o Homem se pode dedicar ao repouso positivo e à elevação da alma, encontramos no Jardim da Sereia esse local de deleite com a sua estrutura cenográfica e com a sua estética barroca, que permite a fruição não só da natureza mas também de verdadeiras obras de arte. Já quanto à acção ordenadora do Homem sobre a Natureza e o lugar onde se cultivam as qualidades da alma podemos ver no Jardim

Botânico o ponto de encontro entre a contemplação e a fruição da natureza e a actividade científica e de conhecimento que daí advêm, numa mistura de ócio e saber. O Parque Dr. Manuel Braga e o Parque Verde são como passado e presente desta simbologia, vivências que se tornam diferentes na prática pela força do tempo, mas que se mantêm eternas pelo sentimento da fruição.

Quanto à Rota da Água sendo que a água é símbolo de vida e de regeneração, é pertinente a traça desta rota, pois vai ao encontro da simbologia de uma cidade que ao longo dos tempos se regenerou, se adaptou, se transformou e se moldou a fenómenos que teve o privilégio de integrar e que foram em si geradores de “vida” e de evolução. Para além de que sendo Coimbra um dos pontos de passagem desse grande modelador que é o Rio Mondego, tem com a água uma relação peculiar, pois se por um lado a água foi um elemento de vida e de progresso, por outro teve também o seu lado mais negativo com as enchentes fluviais e com a necessidade do assoreamento das águas do rio, devido às quais tanto do património da cidade foi destruído, sendo o elemento mais conhecido o Mosteiro de Santa Clara – a – Velha, daí a sua participação neste rota.

Quanto à Rota das Artes e das Ciências, sob o epíteto de “Lusa – Atenas”, Coimbra é e sempre foi uma cidade de cultura, de artes e de saber e como tal há edifícios que constituem o património construído da cidade que encarnam e interpretam precisamente esse epíteto. Veja-se o exemplo dos Colégios Universitários, onde se primava pelo ensino e pela formação, os Museus Universitários criados para servir a comunidade coimbrã e não só a estudantil e por fim os próprios edifícios da Universidade, local primordial de ensino e aprendizagem dos milhares de alunos e de mestres que por ali já passaram. Inclusive a própria Rua da Sofia ou da Sabedoria, rua imponente aberta para albergar os Colégios Universitários, que se transformou à data no primeiro bairro escolar da cidade. Como tal, parece pertinente o traçar desta rota, que nos levará por alguns dos mais importantes edifícios que marcaram a vida passada e presente da vida cultural e do ensino da cidade.

Na Rota do Passado ao Presente pretende-se incutir no visitante a noção de que recriando, protegendo e vivenciando o passado, celebramos o presente e “prevemos” o futuro. Assim traça-se um percurso que conduza por edifícios que a seu modo e tempo marcaram um período importante na história da cidade, tentando fazer uma “viagem no tempo” ao longo dos vários séculos que viram crescer e florescer a identidade da cidade de Coimbra. Dos romanos à modernidade, quase todas épocas estão aqui contempladas.

## Capítulo 4 – Concepção do Sistema de Informação

### *A Abordagem de Contextual Design*

Após a teorização da informação apresentada, surge a componente tecnológica e é a partir daí que esta dissertação vive. Foi difícil transpor a barreira que separa ambos os mundos: o histórico e o tecnológico, os livros e os computadores pois como mundos diferentes que são têm em si “linguagens” diferentes, que para alguém do mundo dos livros nem sempre é facilmente assimilável. *Diagramas de Fluxo, de Sequência, User Environment Design* e *User Interface* foram alguns dos conceitos novos que significaram novas aprendizagens e novas formas de produzir informação.

O *Contextual Design* (CD) surge um pouco como a espinha dorsal de um design<sup>13</sup> de sistemas cujo enfoque está naqueles que utilizam esses mesmos sistemas ou seja nos utilizadores e seu contexto de uso. Um *designer*, definirá aquilo que o sistema deve fazer e de que forma estará estruturado, centrando estas funções no papel e nas necessidades do utilizador. O CD providencia o apoio ao processo de design desde o utilizador até ao objecto de design; o processo junta as técnicas necessárias para “desenhar” um sistema que vá ao encontro das necessidades do utilizador enquanto responde ao desafio de desenhar um sistema que funcione num contexto real de trabalho<sup>14</sup>.

O desafio do *Contextual Design* prende-se com questões de transformar a utilização dos computadores e seus sistemas em tarefas simples do dia a dia. Como tal é necessário perceber de que forma o sistema deve intrinsecamente com o meio em que será utilizado. Quando o sistema supõe a continuação de um sistema já existente é necessário que haja uma continuação do seu funcionamento para que a adaptação seja natural. Quando se pretende definir um novo sistema (como é o caso) é necessário responder a quatro questões essenciais ao longo do processo de desenvolvimento: O que é realmente importante no trabalho; Que tipo de sistema responde ao que o utilizador necessita; Como estruturar o sistema e por fim O sistema está realmente a resultar?

---

<sup>13</sup> O termo design é utilizado no sentido de concepção e planeamento de um sistema; “*Contextual Design*” Beyer e Holtzblatt

<sup>14</sup> O termo trabalho é utilizado aqui no sentido da interacção do utilizador com o sistema; “*Contextual Design*” Beyer e Holtzblatt

A primeira questão responde às necessidades a que o sistema deve servir, quais as tarefas e papéis que este deve desempenhar. Estas directrizes elucidam quanto ao trabalho que o sistema deve produzir mas não definem a estrutura do sistema. A segunda questão está relacionada também com o desenvolvimento do processo de design, de que forma o desenvolvimento do sistema irá dar resposta à necessidade do utilizador. A terceira questão é talvez a mais difícil de responder por um não-tecnólogo pois é aquela que nos diz exactamente que funções este deve ter, que “comportamentos” terá e qual a sua “aparência”. A última questão prende-se com a avaliação do sistema, se este consegue responder às necessidades do utilizador ou se tem que ser corrigido. Para que todas estas questões façam sentido e tenham aplicabilidade têm que ser respondidas em separado mas dispostas depois em conjunto, analisando inicialmente o sistema nas suas partes e só depois no seu todo.

Todas estas questões de design de sistemas são respondidas pelo *Contextual Design* mas numa perspectiva centrada no papel do utilizador e das suas necessidades, ou seja centrado na perspectiva de quem trabalha com o sistema e não de quem o desenvolve. O *Contextual Design* é composto por uma prescrição de tarefas que têm impreterivelmente que acontecer durante o processo de design. As fases que compõem o *Contextual Design* são: *Contextual Inquiry*, Modelo de Trabalho, Consolidação, Redesign do Sistema, *User Environment Design*, Teste com os Utilizadores e “Pôr em Prática”.

O *Contextual Inquiry* visa a compreensão e conhecimento do utilizador: o que precisa do sistema, o que deseja e de que forma aborda o seu trabalho. Por norma este processo faz-se através de uma entrevista em tempo real enquanto o utilizador faz o seu trabalho. O Modelo de Trabalho consiste na compreensão do processo de trabalho na sua complexidade e nos seus detalhes. Este degrau do *Contextual Design* processa-se através da realização de diagramas de trabalho aquando da entrevista ao utilizador. A Consolidação é feita através do encontro dos vários diagramas de trabalho, realizados com base nas várias perspectivas dos vários utilizadores, de forma a produzir uma perspectiva única que responda às necessidades do conjunto de todos os utilizadores. O Redesign do Sistema consiste na adaptação do sistema existente às necessidades dos utilizadores às quais não consegue dar resposta. Para tal a equipa de designers desenvolve *Storyboards* que contemplem de que forma os utilizadores vão agir com o sistema assegurando que todos os aspectos do trabalho estão presentes. O *User Environment Design* funciona como a planta do novo sistema, mostrando todas as partes que o compõem e de que forma se interrelacionam entre si do ponto de vista do propósito e da navegação. Os Testes com Utilizadores são feitos através da prototipagem em papel, que

consiste literalmente no desenho do interface e da interacção com o sistema permitindo analisar se este está concebido de forma a oferecer uma boa usabilidade aos utilizadores.

### ***Das Rotas ao Desenho do Suporte TIC***

O objectivo dos casos de uso é o de mostrar para que serve o sistema e quais as suas possíveis utilizações, mais precisamente permitem captar as funcionalidades do sistema e seus comportamentos sob o ponto de vista dos utilizadores. Os casos de uso descrevem o contexto do sistema e as suas funcionalidades, funcionam como cenários da utilização e de interacção do sistema. Os modelos de Contexto surgem como uma perspectivação do contexto em que o sistema irá funcionar e como tal demonstram também que comportamentos o sistema adoptará em determinadas circunstâncias ou situações.

Como tal de entre as rotas pré-definidas será seleccionada uma que servirá como caso de uso e exemplificação para a análise dos comportamentos do sistema. De entre as cinco rotas traçadas, a que melhor se adapta ao papel de arquétipo será a Rota da Água. Esta é composta apenas por cinco pontos âncora tendo pontos de interesse nos caminhos que os interligam, permitindo assim exemplificar como explorar mais e melhor as possibilidades do sistema. A Rota da Água é então composta por cinco pontos espalhados pela cidade, desde a zona da Alta até Santa Clara, do outro lado do rio.

A Rota tem início nos Arcos do Jardim (nome pelo qual é comumente conhecido embora o seu nome seja Aqueduto de São Sebastião), descendo depois em direcção à Praça da República pode visitar-se o segundo ponto desta rota, o Jardim da Sereia.

Sempre em sentido descendente pela Avenida Sá da Bandeira poderão ver-se diversas fontes de menor importância ao longo do percurso: a Fonte da Madalena e depois a Fonte Nova ou Fonte dos Judeus, mesmo em frente ao terceiro ponto, o Jardim da Manga ou Claustro da Manga. Continuando em direcção ao Rio Mondego até chegar ao Parque Dr. Manuel Braga onde se pode visitar o penúltimo ponto: o Museu da Água. Prosseguindo sempre à beira rio, atravessa-se a ponte pedonal “Pedro e Inês” (também a sua história de amor relacionada com a água não esquecendo a Fonte dos Amores) cruzando assim o grande Mondego chegando por fim ao último ponto desta rota: Mosteiro de Santa Clara-a-Velha<sup>15</sup>. Ao longo deste percurso o visitante irá interagir com o sistema, de forma a vivenciar novas experiências de fruição do Património, propostas estas que serão objecto de análise nos diagramas de contexto seguintes.

---

<sup>15</sup> Para análise destes pontos patrimoniais ver Fichas de Património em anexo.

## User Environment Design

Todos os sistemas têm um UED – User Environment Design, que consiste no design do ambiente em que o utilizador se irá movimentar interagindo com o sistema.

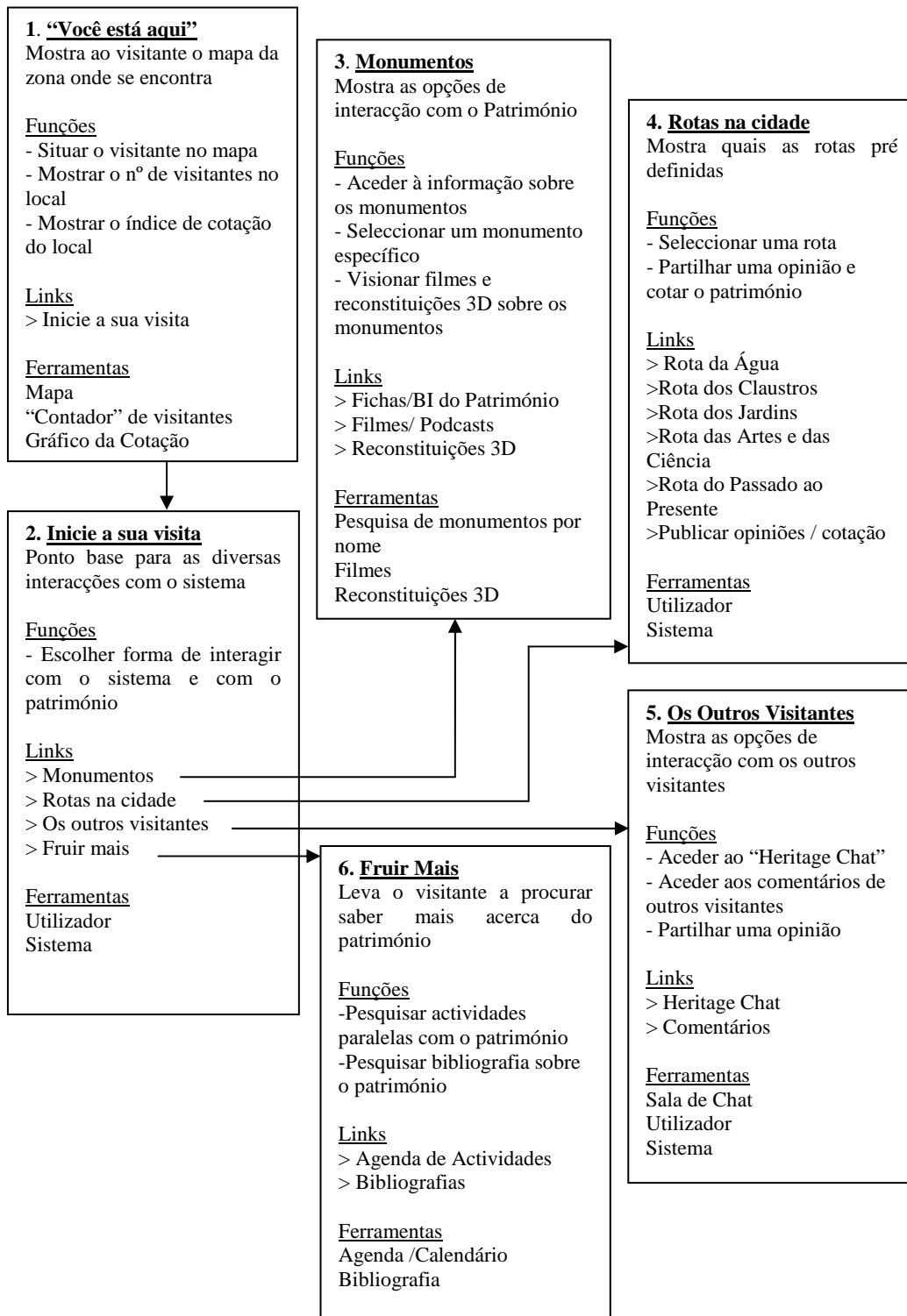


Ilustração 1 - User Environment Design

Num UED os “locais” representam-se como áreas focais onde o enfoque recai sobre determinada tarefa e a sua realização. Todas as áreas focais têm um propósito, uma “frase” sucinta acerca da actividade que cada área suporta. Se não se consegue resumir a tarefa de cada área focal numa só frase devido ao facto de haver diversas tarefas, é porque o sistema está mal estruturado. Deve usar-se a “frase” para descrever tudo o que a área focal faz.

O UED mantém o trabalho do utilizador coerente ao encaixar a definição de uma área focal num só local. Ou seja propõe uma representação física do sistema para que se possa ver se o sistema é funcional ou se necessita de novas funções ou novas ferramentas.

Uma forma de tirar partido do UED é enquanto se desenha um novo sistema – analisar a estrutura assegurando que o sistema se mantém simples e próximo das necessidades do utilizador.

O UED suporta a estrutura do sistema e representa ainda as distinções fundamentais que apoiam o trabalho prático através de sistemas de software. Representa as partes do sistema que o utilizador conhece ou se preocupa, quais os aspectos da utilização do sistema que cada parte suporta e de que forma as suas várias partes se relacionam umas com as outras.

As partes mais importantes de um UED são as áreas focais que mostram os locais no sistema que suportam a prática de actividades no trabalho. Devem providenciar as funções necessárias para a realização das tarefas e apenas as necessárias. Devem conter, organizar e apresentar os objectos sobre os quais os utilizadores precisam de trabalhar. As diferentes áreas focais estão interrelacionadas e interligadas. As setas que as ligam mostram como o utilizador se pode movimentar de área para área de acordo com as necessidades do trabalho.

### **Memória Descritiva do UED**

A primeira área focal funciona como uma página de Boas-Vindas do sistema ao utilizador. Apresenta-lhe um mapa com os pontos de uma rota onde assinala ainda a sua localização específica, mostra um contador de visitantes que estejam em tempo real naquele mesmo ponto patrimonial e exhibe ainda um gráfico com a cotação daquele monumento, traduzida em pequenos corações, que variam em número e intensidade de cor, consoante a cotação geral dos visitantes. Nesta primeira área focal existe um link [> Inicie a sua visita](#), clicando sobre ele o utilizador acede à segunda área focal, que funciona como a base para toda a interacção com o sistema. É aqui que o utilizador poderá seleccionar a que tipo de informação sobre o património pretende aceder, para tal existem quatro links, que conduzem às quatro áreas focais seguintes. O link [> Monumentos](#) permite o acesso à terceira área focal



que mostra ao utilizador as suas opções de interacção com o Património. É através desta área que o utilizador poderá seleccionar informação sobre um monumento específico, fazendo uma pesquisa por nome de monumento e acedendo à ficha informativa sobre o mesmo, poderá visionar filmes ou *podcasts* sobre o ponto patrimonial, o seu contexto e a sua envolvente e ainda (caso seja essa a situação) visionar reconstituições 3D do monumento, parte dele ou da sua envolvente. O acesso a estas opções é intuitivo através dos três links existentes na área focal: [>Fichas/BI do Património](#) ; [>Filmes/ Podcasts](#); [>Reconstituições 3D](#).

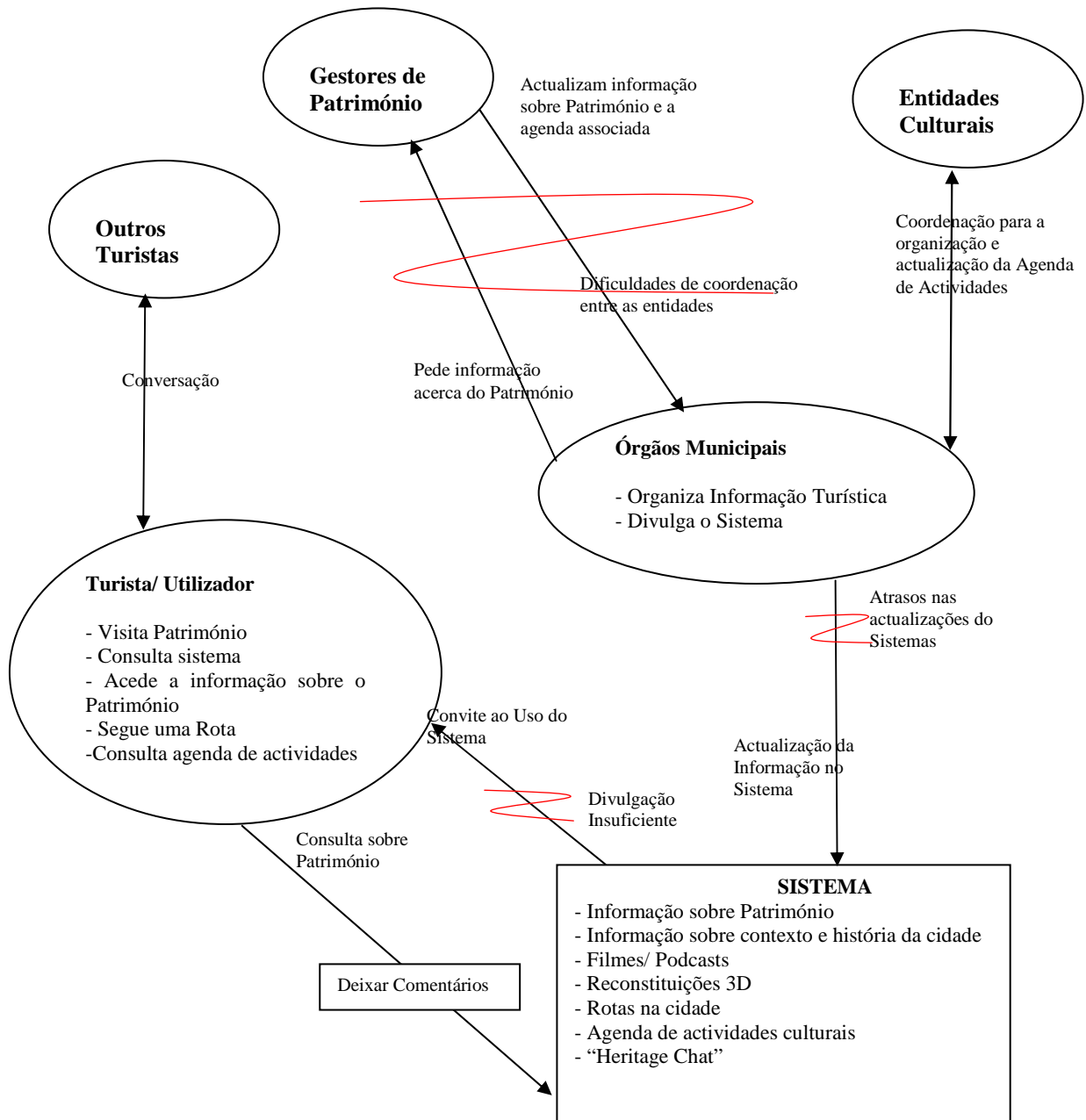
À quarta área focal acede-se através do link [>Rotas na Cidade](#) e é aqui que o utilizador poderá seleccionar uma entre as várias rotas propostas pelo sistema, clicando nos links com o nome da Rota pretendida.

Poderá ainda publicar a sua opinião ou comentário, bem como deixar a sua sugestão acerca da rota ou dos pontos patrimoniais que a compõem fazendo a sua cotação, através do link [>Publicar opiniões / cotação](#).

Na quinta área focal, à qual se acede pelo link [> Outros visitantes](#), o utilizador terá acesso a uma ferramenta de interacção com os outros visitantes, através do chamado “*Heritage Chat*”, onde os visitantes que se encontrem em tempo real num mesmo ponto patrimonial podem trocar opiniões, informações e comentários acerca do património, fruindo-o em conjunto. Para isso basta aceitar o convite do sistema para aceder ao *Heritage Chat*, clicando sobre o link com o mesmo nome. Nesta área focal o utilizador pode ainda deixar o seu comentário ou sugestão de uma forma mais perene, clicando no link [> Comentários](#), acedendo também aos comentários deixados pelos outros visitantes.

A sexta e última área focal, à qual se acede através do link [> Fruir Mais](#), é local onde o utilizador poderá consultar a agenda de actividades desenvolvidas em paralelo com as Entidades Culturais e os pontos patrimoniais, clicando no link [> Agenda de Actividades](#), ou caso pretenda acesso a uma informação mais científica e por isso mais complexa acerca do património, pode consultar a lista de bibliografia sobre o património e o seu contexto, bem como sobre o contexto e a história da cidade, para o que basta clicar no link [>Bibliografia](#)

**Modelo de fluxo**



**Ilustração 2 - Modelo de Fluxo**

Um diagrama/modelo de fluxo permite uma visão panorâmica do “trabalho” mostrando as pessoas e as suas responsabilidades e os padrões de comunicação, independentemente daquilo que é comunicado. Este diagrama/ modelo necessita de captar como o trabalho é realmente feito, incluindo toda as interacções, as formais e as informais,

para que o trabalho se processe e se conclua; através dele podemos encontrar” boas práticas” de trabalho, identificar problemas a eliminar e descobrir padrões de comunicação que permitem que o trabalho funcione.

### **Memória Descritiva do Diagrama de Fluxo**

Neste diagrama de fluxo específico podemos ver que interações existem entre as pessoas (utilizadores do sistema), o sistema e as entidades que os envolvem.

Temos como entidade/ actor central deste processo o Utilizador do sistema que será à partida um Turista/ Visitante comum. As actividades que o turista irá desenvolver neste contexto serão a visita ao Património, a consulta do Sistema, o acesso à informação acerca do Património e da história e contextualização da cidade de Coimbra, o seguir de uma Rota específica e ainda a consulta da Agenda de actividades bem como da bibliografia científica acerca do Património e da cidade.

Para além da entidade central podemos assumir outros turistas com quem haverá uma interacção através do sistema, como uma entidade independente. Os Gestores de Património e as Entidades Culturais serão mais duas entidades deste contexto específico. E por fim os Órgãos Municipais cujas funções são a organização da Informação Turística e a divulgação do Sistema surgem aqui também como uma entidade deste contexto.

O Sistema surge como um “local” onde se processa a interacção das entidades com o Sistema em si. Ao Sistema cabe a divulgação da informação sobre o Património e sobre o Contexto histórico da cidade; permite a visualização de filmes e *podcasts* sobre o Património e sobre a cidade de Coimbra; permite ainda a visualização de reconstituições 3D do Património actualmente destruído ou inexistente bem como da sua envolvente que se tenha alterado com o passar do tempo. Permite ainda seguir determinadas Rotas dentro da cidade, contemplando o património existente agrupado segundo um tema; permite a consulta de uma Agenda Cultural que envolve o Património e as Entidades Culturais da cidade e permite ainda a interacção dos diversos visitantes que se encontrem em tempo real num mesmo ponto patrimonial através de uma “sala de chat” o “Heritage Chat”.

O Turista/visitante surge assim como ponto central deste conjunto de interacções. Ao partir à descoberta é levado a consultar o sistema para que possa interagir com o Património e o possa fruir de uma forma inovadora.

A instalação do sistema bem como as suas infra estruturas são da responsabilidade dos Órgãos Municipais; sendo o sistema que em primeiro lugar interage com os Turistas

enviando-lhes um convite para aceder ao sistema, sempre que ele passem por um ponto patrimonial; aqui pode surgir um problema caso haja divulgação insuficiente e o turista não saiba em que consiste essa interacção, recusando aceder ao sistema.

Através do sistema o visitante irá aceder a informação sobre o Património e o contexto histórico da cidade, bem como poderá seleccionar algumas rotas que lhe darão uma perspectiva diferente dos pontos patrimoniais contemplados nas mesmas. Poderá ainda consultar uma agenda de actividades culturais que lhe permitirão fruir os pontos patrimoniais de uma outra forma através de actividades em parceria com as entidades culturais da cidade.

Ao aceder ao sistema para além do acesso à informação típica sobre o Património, o turista/visitante poderá aceder a elementos multimédia e hipermédia como sendo filmes e *podcasts*, reconstituições 3D, mapas e ainda aceder a uma ferramenta de comunicação com outros visitantes, o “heritage chat”. Poderá ainda publicar as suas opiniões e sugestões não só acerca do Património como das Rotas na cidade.

Aos Órgãos Municipais, sejam eles as Câmaras Municipais, as Juntas de Freguesia e os Postos de Turismo cabem as funções da divulgação do Sistema (através de órgãos de comunicação e de entidades turísticas) e da organização da informação turística existente no sistema. A estes cabe também a função de actualizar e gerir a informação presente no sistema; poderá surgir um problema caso existam atrasos na actualização do sistema.

A informação que é colocada no sistema pelos Órgãos Municipais é-lhes cedida pelos Gestores de Património a quem compete a actualização da informação sobre o Património bem como a actualização da agenda de actividades que lhe está associada. As dificuldades podem surgir quando houver problemas de coordenação entre as duas entidades. `

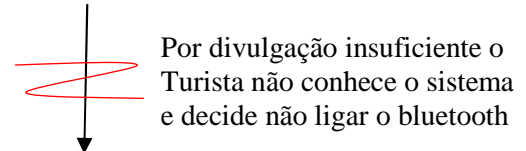
Quanto à coordenação para a organização e actualização da Agenda de Actividades é feita numa interacção entre os Órgãos Municipais e as Entidades Culturais.

## Modelos de sequência

### Propósito:

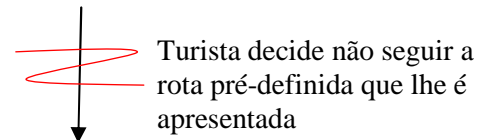
Fruir Património, interagindo com o sistema mas sem seguir nenhuma rota

**Trigger:** Turista recebe SMS a pedir para ligar o Bluetooth



Liga o Bluetooth

Recebe MMS com o mapa assinalado “Você está aqui”, apresentando uma rota



Opta por saber mais acerca daquele ponto patrimonial específico

Consulta BI/ Ficha de Património acerca daquele ponto

Visiona filmes/ podcasts sobre o edifício e a sua envolvente

Consulta agenda de actividades culturais a desenvolver em paralelo com aquele ponto patrimonial

Ilustração 3 - Modelo de Sequência “Sem Rota Pré Definida”

Num diagrama/ modelo de sequência podemos ver as acções sequenciadas necessárias à realização de um propósito ou objectivo. Os objectivos primordiais são listados do lado esquerdo, do lado direito surge a sequência dos passos que levam à realização do objectivo primordial. As setas direccionam a ordem de cada passo. As tarefas que as pessoas realizam ou devem realizar ao longo do processo revelam-se ao longo do tempo e do próprio processo em si e por isso os passos que as pessoas tomam não são de todo aleatórios. Acontecem por alguma razão. As acções de cada um ao realizar os seus propósitos revelam as suas estratégias, as suas intenções bem como aquilo que realmente é importante para as suas tarefas. Este diagrama/ modelo começa com o “objectivo-mor” da sequência e aquilo que o inicia, prosseguindo depois com a descrição dos passos que nos conduzirão a esse objectivo.

### **Memória Descritiva do Diagrama de Sequência “Sem Rota Pré-definida”**

Este diagrama de Sequência tem como objectivo primordial a fruição do Património por parte do Turista/ Visitante interagindo com o sistema, sem no entanto seguir nenhuma rota pré estabelecida. O trigger<sup>16</sup> desta sequência é a recepção de uma SMS por parte do turista, que lhe pede para que ele ligue o bluetooth do seu aparelho móvel, de forma a poder aceder ao sistema. Caso não haja uma boa divulgação do sistema o Turista pode não querer aceder ao mesmo, não ligando o bluetooth. Partindo do pressuposto que o sistema é bem divulgado o Turista liga ao bluetooth. Assim que acede ao sistema o Turista recebe uma MMS com um mapa, onde pode ver a sua localização relativamente a uma rota específica; nesta situação concreta o Turista decide não prosseguir, optando por saber mais acerca daquele ponto patrimonial onde se encontra. Através do sistema pode aceder à ficha onde constará toda a informação sobre aquele ponto patrimonial, desde a sua data de construção, passando pelos estilos contemplados na sua estética e ainda uma breve descrição do monumento. Após ter conhecimento de toda a componente científica acerca do património, o Turista entra na vertente multimédia do sistema, pois este permite aos visitantes visionar pequenos excertos de filmes ou podcasts acerca do monumento e da sua envolvente, bem como da sua contextualização. Agora que tem toda a informação necessária o Turista pretende vivenciar o património numa outra perspectiva, e consulta a agenda de actividades culturais que serão desenvolvidas em paralelo com as entidades culturais da cidade e aquele monumento específico.

---

<sup>16</sup> O “trigger” é como o “clic” que desencadeia a acção in “*Contextual Design*” Beyer e Holtzblatt

**Propósito:**  
Fruir Património,  
interagindo com o sistema  
seguindo uma rota pré-  
definida

**Trigger:** Turista apercebe-  
se que está no ponto de  
uma rota  
(informado pelo sistema)



Consulta o mapa,  
analisando quais os  
pontos que compõe a  
rota



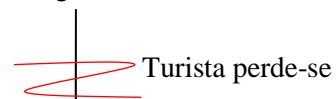
Escolhe seguir a rota pré-  
definida



Consulta informação  
sobre o ponto  
patrimonial onde se  
encontra



Segue o percurso até ao  
ponto patrimonial  
seguinte



Consulta o mapa para  
obter direcção a seguir



Chegando ao final da rota pode  
optar por publicar opiniões ou  
sugestões sobre a rota ou sobre  
os pontos patrimoniais que  
visitou

### **Memória Descritiva do Diagrama de Sequência “Com Rota Pré-definida”**

Neste diagrama o propósito da sequência é o de fruir o Património interagindo com o sistema, seguindo uma rota pré-definida.

O trigger será quando o Turista se apercebe de que se encontra num ponto patrimonial, informado pelo sistema. Consultando o mapa, pode ver quais os pontos patrimoniais que compõe a rota e especificar em que ponto se encontra; podendo também consultar a simbologia da rota que está a seguir, saber o porquê daquele tema aglutinador e de que forma os pontos patrimoniais que a compõe se agrupam sob aquela temática.

Consultando a informação sobre o ponto patrimonial em que se encontra pode aceder não só à informação teórica sobre o ponto como também aceder aos vídeos e podcasts e às reconstituições 3D dos monumentos e da sua envolvente.

Seguindo a rota opta por seguir até ao ponto patrimonial seguinte; Aqui pode ocorrer um problema no caso de o Turista se perder e sair do percurso pré-definido, nesse caso o Turista consultará o mapa de forma a poder encontrar um meio de voltar ao percurso que o levará ao ponto seguinte.

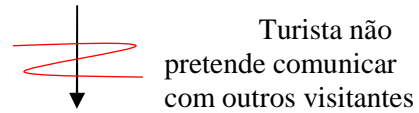
O Turista realizará estas acções sucessivamente até chegar ao ponto final da rota, podendo optar por publicar no sistema as suas opiniões, sugestões e comentários não só sobre a rota que seguiu mas também sobre os pontos patrimoniais por onde passou ou sobre o percurso que seguiu.



**Propósito:**

Interagir com outros visitantes

**Trigger:** Turista recebe SMS a questioná-lo se pretende comunicar com outros visitantes que se encontram no mesmo ponto patrimonial



Turista acede à “sala de conversação” a “Heritage Chat”



Interage e comunica com outros visitantes



Partilha opiniões e sugestões



Consulta opiniões, comentários e opiniões de outros visitantes

**Ilustração 5 - Modelo de Sequência "Interagir com Outros Visitantes"**

**Memória Descritiva do Diagrama de Sequência “Interagir com outros visitantes”**

Este diagrama de sequência ilustra a interação que pode existir entre os vários Turistas/visitantes que se encontrem num mesmo ponto patrimonial em tempo real, caso estes o desejem.

Quando se encontra perante determinado monumento o turista será informado de quantos mais visitantes estão naquele mesmo ponto, e aí será questionado se pretende interagir com eles. Poderá acontecer que o Turista não pretenda comunicar com os outros visitantes. Caso pretenda fazer parte dessa rede de fruidores de património o Turista acederá a uma típica sala de chat, o “Heritage Chat”; aqui poderá interagir e comunicar com os outros visitantes que estejam no mesmo local, trocando opiniões, comentários e até mesmo informações sobre o monumento em questão. Poderá ainda consultar as opiniões e comentários publicados por outros visitantes.

**Propósito:**

Renovar informação mantendo o sistema actualizado

**Trigger:** Órgão Municipal detecta informação desactualizada sobre o património

↓  
Contacta o Gestor de Património do (s) ponto (s) patrimoniais em questão

↓  
Solicita informação actualizada

↓  
Não recebe informação actualizada atempadamente

↓  
Recebe informação actualizada

↓  
Actualiza a informação existente no sistema

**Ilustração 6 - Modelo de Sequência " Renovar Informação"**

**Memória Descritiva do Diagrama de Sequência “Renovar Informação”**

Neste diagrama o propósito é a renovação da informação de forma a que o sistema esteja sempre actualizado. O trigger acontece quando o Órgão Municipal responsável pela manutenção do sistema detecta que a informação que aí consta se encontra desactualizada.

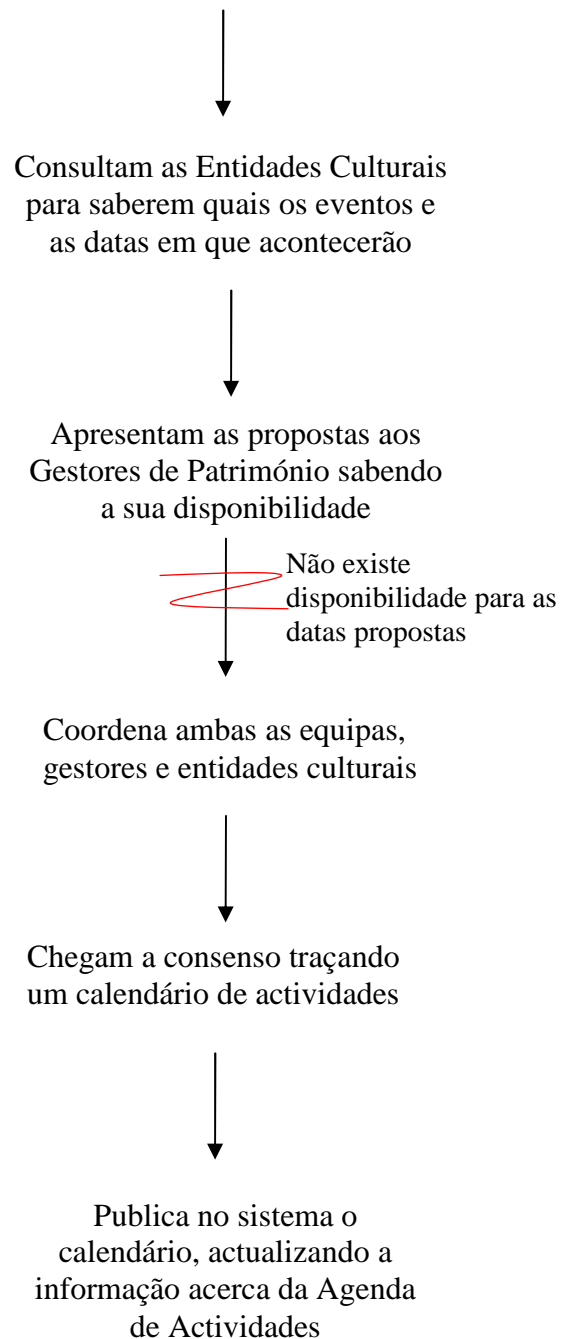
O passo seguinte será o de contactar os Gestores de Património responsáveis por fornecer informação acerca do Património contemplado. Esse contacto visa solicitar informação actualizada. Poderá surgir um contratempo caso a informação actualizada não seja entregue atempadamente.

Quando os Órgãos Municipais recebem a informação actualizada, encontram-se já em condições de actualizar a informação no sistema.

**Propósito:**

Marcar agenda de actividades para os pontos patrimoniais

**Trigger:** Os Órgãos Municipais pretendem agendar actividades a desenvolver em paralelo com as entidades culturais e os pontos patrimoniais



**Ilustração 7 - Modelo de Sequência "Agenda de Actividades"**

### **Memória Descritiva do Diagrama de Sequência “Agenda de Actividades”**

O propósito deste diagrama de sequência é o de marcar a agenda de actividades culturais que são desenvolvidas em paralelo com os pontos patrimoniais.

Os Órgãos Municipais pretendem agendar as actividades que serão desenvolvidas nos pontos patrimoniais pelas entidades culturais; estas são assim consultadas no sentido de saber que actividades pretendem desenvolver, com que monumentos específicos e em que datas o pretendem fazer. Após esta consulta, os Órgãos Municipais entram em contacto com os Gestores de Património, apresentando-lhes as propostas e querendo obter informação acerca da aceitação e disponibilidade para os eventos. Aqui pode surgir um contratempo caso não haja disponibilidade por parte dos pontos patrimoniais para as datas propostas.

Aos Órgãos Municipais cabe a tarefa de coordenar ambas as equipas: as entidades culturais e os gestores de património, no sentido de desenvolverem actividades em paralelo. Chegando a um consenso de datas e actividades, traçam o calendário dos eventos que irão então ocorrer.

A partir daqui é publicado no sistema o calendário, actualizando a informação acerca da Agenda de Actividades que poderá ser consultada pelos Turistas/visitantes.

*Modelo do Artefacto*



Ilustração 8 - Modelo de Artefacto

As pessoas criam, usam e alteram “coisas” durante o processo de trabalho, essas coisas transformam-se em “*artefactos*”, ou seja coisas ou acções reais que as pessoas criam ou usam para as ajudar a concretizar o seu trabalho.

Um diagrama/modelo de artefacto é um “desenho” do artefacto, complementado com notas do utilizador, que requer interpretação de forma a revelar a sua estrutura, a sua estratégia e o seu objectivo, assim como o seu uso.

Ao usar um artefacto as pessoas estão a construir uma forma de trabalhar que lhes pareça a correcta. O artefacto revela os conceitos, as estratégias e as estruturas que guiam quem os usa. No diagrama/modelo de sequência os artefactos são manipulados pelas pessoas e no diagrama/modelo de fluxo eles são articulados entre as pessoas.

### **Memória Descritiva do Modelo de Artefacto**

Neste caso específico de modelo de artefacto pode ver-se a estrutura física que suportará o sistema. É apresentado um protótipo de um telemóvel, com suporte web e acesso à internet onde é visível a página que porá em contacto o Utilizador (neste caso o turista/visitante) com o sistema em si. A primeira página após o acesso ao sistema será a apresentação do mapa da Rota onde o utilizador se encontra, assinalando com um ponto a sua localização específica. Nesta primeira página serão visíveis também o número de visitantes presentes no local, a cotação daquele monumento e a informação de que o visitante se encontra em determinada rota (neste caso a Rota contemplada é a Rota da Água).

Nesta primeira página existe também um link > Inicie a sua viagem que permitirá ao utilizador aceder ao resto do sistema. Para circular no ecrã podendo aceder aos itens pretendidos, o utilizador caso possua um telemóvel de ecrã táctil fará a circulação simplesmente clicando no item pretendido; caso possua um telemóvel dito tradicional utiliza as teclas de navegação típicas as [2], [4], [6] e [8] e carregando depois na tecla verde de chamar.

Através deste sistema simples de navegação o utilizador poderá interagir com todas as componentes do sistema.

### Modelo Cultural do Contexto

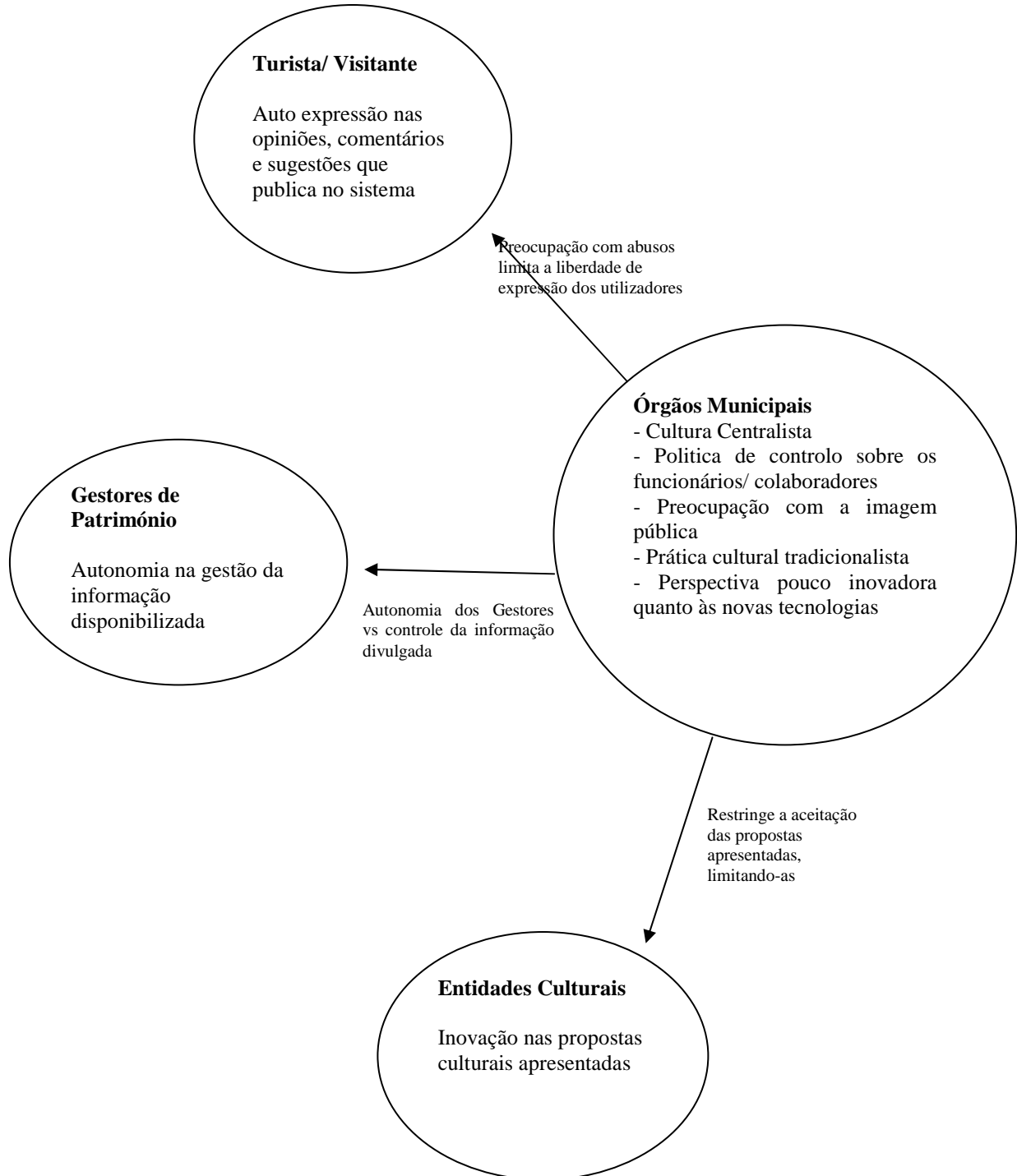


Ilustração 9 - Modelo Cultural

A implementação de qualquer sistema tem lugar no âmago de um contexto cultural específico, que por sua vez irá definir de que forma a abordagem a esse mesmo sistema será feita, segundo valores, políticas e expectativas concretas.

Muitas vezes não há nenhuma contrapartida da parte do sistema, não há nenhum bloqueio que o impeça de funcionar devidamente, simplesmente este não se enquadra com o plano cultural em que deveria ser inserido.

Embora o contexto cultural não seja algo concreto e palpável ele funciona como um filtro daquilo que será ou não aceitável pelo indivíduo, e isso só por si já pode criar constrangimentos à implementação do sistema. Assim um sistema de sucesso é aquele que encaixa na perfeição no contexto cultural dos seus utilizadores.

### **Memória Descritiva do Modelo Cultural**

No centro deste contexto cultural estão os Órgãos Municipais, visto que deles partiria a criação das infra estruturas necessárias à implementação do sistema, assim como a coordenação entre as equipas que fariam parte do projecto, como sendo as entidades culturais e os gestores de património.

Numa perspectiva de um contexto cultural e de que forma este pode ser limitativo, se os Órgãos Municipais forem adeptos de uma cultura centralista praticando uma política de controlo sobre os seus colaboradores, tendo por norma uma prática cultural tradicionalista e ainda uma perspectiva pouco inovadora quanto às novas tecnologias é normal que se oponham à implementação de um sistema tão inovador e que interfiram nos papéis de cada uma das outras entidades, limitando-os.

Em relação ao Turista/ visitante irá limitar a sua liberdade de expressão naquilo que este poderá publicar no sistema em termos de opiniões, comentários e sugestões.

No que respeita aos Gestores de Património opor-se-à à sua autonomia da gestão da informação disponibilizada, querendo manipulá-la, de acordo com os valores que defende.

Quanto às entidades culturais, tendo uma prática tradicionalista irá restringir as propostas apresentadas, no que respeita à inovação das actividades sugeridas.

Quanto ao sistema em si, tendo uma política pouco inovadora em termos de adesão às novas tecnologias e daquilo que estas permitem concretizar, será à partida um elemento de oposição à sua implementação ou restringirá o seu funcionamento apenas a algumas potencialidades.



## Prototipagem em Papel

### 1ª Área Focal – “Você está aqui”



Ilustração 10 - 1ª Área Focal

*2ª Área Focal – “Inicie a sua visita”*



Ilustração 11 - 2ª Área Focal

### 3ª Área Focal – “Monumentos”



Ilustração 12 - 3ª Área Focal

### 4ª Área Focal – “Rotas na Cidade”

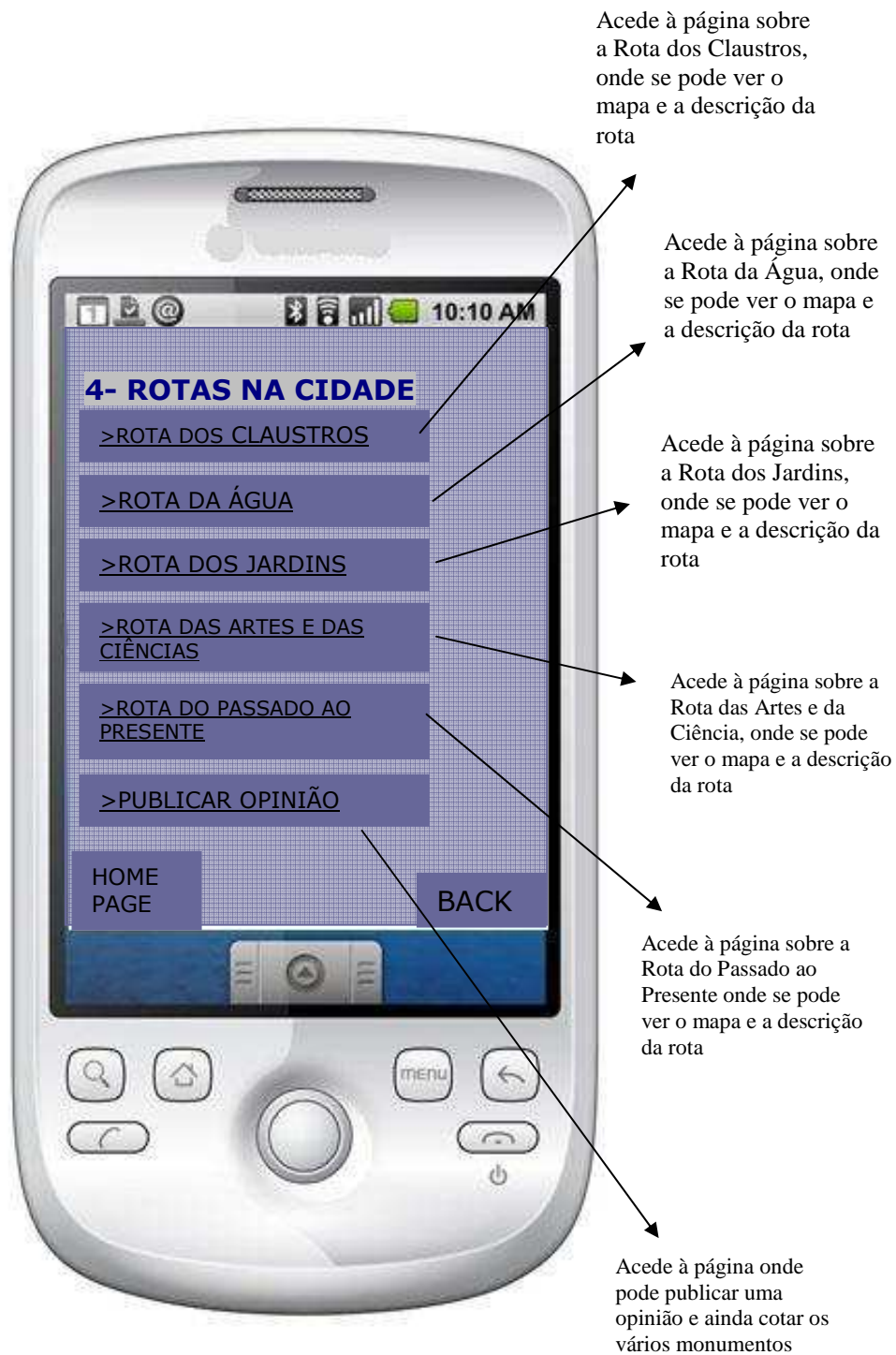


Ilustração 13 - 4ª Área Focal

**5ª Área Focal – “Outros Visitantes”**



**Ilustração 14 - 5ª Área Focal**

## 6ª Área Focal – “Fruir Mais”

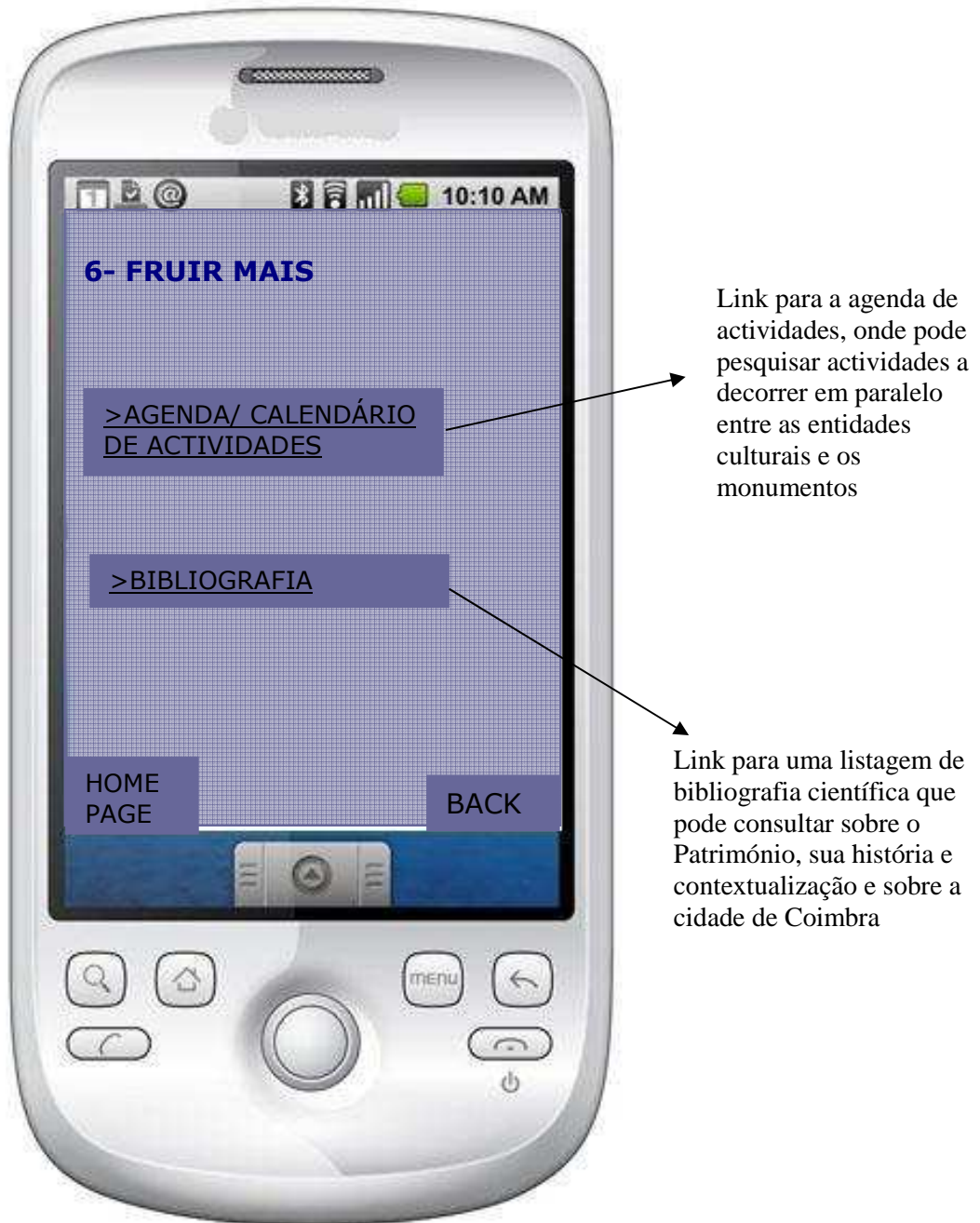


Ilustração 15 - 6ª Área Focal

## ***Avaliação Heurística de Usabilidade***

A avaliação Heurística é feita através da análise do interface tentando perceber o que está bem e o que está mal nesse interface. O objectivo é descobrir problemas de usabilidade no design do interface que depois possam ser resolvidos como parte num processo interactivo do design.

Esta avaliação consiste num conjunto de examinadores que avaliam o sistema segundo princípios de usabilidade reconhecidos – as heurísticas. E é com base num conjunto de heurísticas típicas que se fará a avaliação deste sistema. A potencialidade de uma avaliação heurística assenta no facto de ser possível fazê-la a um sistema que ainda não esteja implementado

O Design Walkthrough é uma técnica de avaliação de usabilidade com base na inspecção do protótipo com painel de peritos. A técnica é praticável mesmo com um protótipo de baixa resolução como é o caso do protótipo em papel. Tendo realizado um design walkthrough com a intenção de inspeccionar o desenho do protótipo em papel, fez-se uma avaliação de usabilidade com base numa reflexão à luz das heurísticas de usabilidade de Nielsen, cujo resultado se apresenta a seguir.

### **Heurística 1 – “Diálogo simples e natural”**

Os interfaces de qualquer sistema devem ser simplificados ao máximo, para que este vá ao encontro das tarefas do utilizador de uma forma natural minimizando a necessidade de navegação pelo sistema. O ideal é apresentar a informação de que o utilizador precisa exactamente no local e no momento em que é necessária. As várias informações que tenham que ser utilizadas em conjunto devem ser apresentadas em conjunto ou no mínimo no mesmo ecrã. A sequência da apresentação da informação e das operações necessárias deve também obedecer à sua sequencialidade inerente, devendo no entanto permitir ao utilizador controlar essa mesma sequencialidade adaptando-a às suas necessidades.

### **Design Gráfico e Cor**

Um bom design gráfico é um elemento essencial para alcançar um diálogo simples e natural para sistemas de computador assentes em interfaces gráficos. Os *layouts* devem obedecer à teoria de Gestalt para a percepção humana, que diz que as “coisas” são vistas como um grupo ou como um todo se estiverem juntas num mesmo espaço, separadas por

linhas ou numa mesma caixa de diálogo e ainda se se apresentarem da mesma forma, cor, tamanho ou tipografia. Estes princípios da estrutura gráfica devem ser usados para ajudar o utilizador a perceber a estrutura do interface.

No que respeita ao uso da cor no design do ecrã há três linhas mestras a seguir:

- Não abusar da cor; é muito mais prático limitar o design a um pequeno número de cores cuidadosamente aplicadas.
- Garantir que o interface também funcionaria num programa a preto e branco, já que há imensas pessoas que são daltónicas e que não tem a percepção real das cores.
- Tentar usar a cor apenas para categorizar, diferenciar ou dar destaque mas nunca para dar informação, principalmente se for informação em quantidade.

### **Menos é Mais**

Adicionar informação e campos de dados a um interface pode distrair o utilizador da informação mais primária do sistema. É possível identificar a informação essencial necessária ao utilizador para que este possa realizar as suas tarefas, permitindo relegar a informação mais supérflua para outros ecrãs auxiliares.

A regra do “menos é mais” não se aplica apenas à quantidade de informação disponível num ecrã mas também no que respeita às características e às interacções de um programa. O maior erro do design de sistema é cair na tentação de providenciar imensas formas de realizar as tarefas, para que assim se possam satisfazer todos os tipos de utilizador. Mas essa quantidade de modos vai apenas baralhar os utilizadores novatos e atrasar os “*experts*”. O que não significa que os sistemas não devam fornecer alternativas; muito pelo contrário. As alternativas devem existir desde que permitam ao utilizador identificar com facilidade qual delas é melhor para a sua interacção.

No que respeita a esta primeira heurística, de que os sistemas devem ser suportados por um interface simples e directo, este protótipo obedece a esse princípio em vários pontos.

Tendo em conta o suporte em que o sistema estará instalado, que são suportes móveis de pouca resolução o sistema tem que funcionar de uma forma simples, a informação é apresentada de forma clara e directa e organizada segundo o tipo de informação a que o utilizador pretende aceder. O interface tem ainda uma estrutura coesa pois todas as páginas se organizam de igual forma Quanto à questão do design gráfico e da cor usada o interface tem um design simplificado pelas características do suporte em que estará instalado, pelas mesmas razões as cores utilizadas são cores suaves que ajudam a categorizar a informação



apresentada, referindo ainda que o modelo funcionaria de igual modo numa paleta de preto e branco.

### **Heurística 2 – Falar a linguagem do utilizador**

Como parte de um interface centrado no utilizador a terminologia utilizada deve basear-se na linguagem do utilizador e não numa linguagem orientada para o sistema. Desde que seja possível os “diálogos” devem ser na língua nativa no utilizador e não numa língua estrangeira, sendo que esta teoria se aplica tanto à língua/ linguagem como a elementos de comunicação não verbais como por exemplo os ícones.

Usar a linguagem do utilizador não implica limitar o vocabulário a um conjunto de palavras comuns. Pelo contrário, se o sistema se dirige a um grupo específico de utilizadores que possuam uma terminologia e um léxico específico, o sistema deve privilegiar esses termos especializados em detrimento dos termos comuns. No entanto “falar” a linguagem do utilizador implica também ver as interacções com o sistema sob a perspectiva do utilizador.

Baseada nesta dicotomia entre conceitos comuns e conceitos específicos da linguagem do utilizador, o sistema deveria fornecer uma ferramenta que permitisse o uso de sinónimos bem como uma ferramenta que permitisse a definição de *aliases*, ou seja termos definidos pelo utilizador que depois seriam traduzidos pelo sistema.

### **Mapear e metáforas**

Uma forma mais generalizada de nos aproximarmos do objectivo de criar um diálogo centrado no utilizador é a de fazer a ponte entre a apresentação da informação por parte do computador e o modelo conceptual da informação por parte do utilizador. Uma boa forma de fazer essa ponte é em primeiro lugar realizar uma análise à realização de tarefas e tentar compreender o utilizador e o seu domínio. Utilizar metáforas também pode ser um excelente método de criar essas pontes entre o sistema e o utilizador, por exemplo a metáfora criada para a operação “*delete file*” usando o ícone gráfico do caixote de lixo.

No que respeita à heurística de que um sistema deve utilizar a linguagem do público-alvo a quem se dirige, este protótipo adapta-se a esta directriz. Muito embora a informação apresentada seja de cariz científico pois prende-se com questões de caracterização dos edifícios e monumentos contemplados, houve a preocupação de simplificar a linguagem utilizada e reduzir os termos técnico científicos ao mínimo estritamente necessário. Exceptuando a metáfora utilizada com a lupa para o comando “pesquisar” na 3ª área focal, o sistema é directo e intuitivo.

### **Heurística 3 – Minimizar a memória do utilizador**

Os computadores são óptimos a relembrar dados de uma forma muito precisa, pelo que devem retirar ao utilizador a responsabilidade do uso da sua própria memória o maior número de vezes possível.

Na generalidade as pessoas têm uma maior facilidade em se lembrarem de algo que lhes é apresentado, do que propriamente de se lembrar de algo sem uma ajuda externa.

O sistema deve providenciar a apresentação do maior número de informação possível, permitindo depois ao utilizador seleccionar de que forma pretende usar essa informação e qual é que é realmente importante para as suas tarefas.

Aqui pode criar-se o problema de que ao apresentar demasiada informação pode haver uma perda de saliência naquilo que realmente é importante para o utilizador. Volta a imperar a norma “menos é mais”. Para minimizar o uso da memória do utilizador, o sistema deve ser baseado num pequeno número de regras universais que se apliquem a todo o interface.

Esta heurística não se aplica a este protótipo, não existe no seu funcionamento a necessidade de o utilizador recorrer a “memórias” pois tudo o que necessita para a sua utilização lhe é apresentado de forma directa.

### **Heurística 4 – Consistência**

A consistência é um dos mais básicos princípios de usabilidade. Se o utilizador tiver consciência que um comando ou uma acção terá sempre o mesmo efeito, sentir-se-à mais confiante no uso do sistema bem como se sentirá encorajado a explorar outras partes do sistema pois já possui uma parte dos conhecimentos necessários para a sua utilização. A mesma informação deve ser apresentada no mesmo local em todos os ecrãs e caixas de diálogo e deve estar formatado da mesma maneira para facilitar o seu reconhecimento.

A consistência não se prende apenas com questões de design, mas também inclui considerações acerca da estrutura, da funcionalidade e das tarefas de determinado sistema.

Quanto à heurística da consistência este sistema actua de forma linear, os comandos comuns às várias áreas focais funcionam todos da mesma forma e estão bem sinalizados quanto à sua função, para além de que a própria estrutura das várias áreas está organizada da mesma forma, sendo portanto facilmente assimilável o seu “*modus operandi*”.

### **Heurística 5 – Feedback**

O sistema dever informar constantemente o utilizador sobre o que está a fazer e de que forma está a interpretar o seu comando. O feedback do sistema não deve acontecer apenas em

situações de erro; deve haver também um feedback positivo e haver também uma resposta por parte do sistema conforme a informação pedida vai estando disponível. O feedback do sistema não deve assentar em conceitos abstractos e gerais mas sim especificar de novo o comando do utilizador para que este perceba o que está a ser processado.

Este processo de resposta do sistema para com o utilizador é extremamente importante quando o sistema precisa de um longo período de tempo para realizar certas operações, por um lado mostra ao utilizador que se está a trabalhar no seu pedido e por outro indica ao utilizador que enquanto aguarda pode ir realizando outras tarefas.

Quanto à heurística do *feedback* há uma lacuna no protótipo, pois as questões do feedback não foram pensadas. Tendo em conta que o sistema funcionará em suportes móveis com acesso a redes em sistemas *wifi* o acesso à Internet necessário para operar com este sistema pode ter falhas ou não ser rápido o suficiente, pelo que as questões do *feedback* têm que ser repensadas.

### **Heurística 6 – Saídas claramente marcadas**

O utilizador não gosta de se sentir encurralado pelo computador. De forma a aumentar o sentimento de que se está no controlo das operações, o sistema deve providenciar uma saída rápida e fácil do maior número de situações possível.

Na maioria dos casos o sistema tem a opção de “*undo*” que transporta o utilizador para a página anterior, pelo que deve estar presente em todo o sistema. Esta opção permite ao utilizador sentir-se confiante para explorar o sistema pois pode voltar atrás sempre que desejar. Os vários mecanismos de saídas devem ser visíveis no interface e não devem depender da habilidade do utilizador para relembrar códigos ou comandos específicos.

No que respeita à heurística das saídas das várias páginas estas estão bem marcadas pois todas as páginas têm um acesso directo à *home page* assim como a opção *back* que permite ao utilizador voltar atrás sempre que desejar.

### **Heurística 7 – Atalhos**

Mesmo sendo possível interagir com um sistema utilizando apenas alguns comandos básicos, deve também ser possível tornar algumas interacções mais rápidas através do uso de atalhos. Um dos atalhos mais conhecidos e utilizados é o duplo “clic” sobre um objecto de forma a realizar a sua tarefa mais comum.

A heurística sobre atalhos não se aplica neste sistema. O sistema é claro e simplificado ao máximo, como já foi referido, pelo que não há necessidade de atalhos no seu funcionamento.

### **Heurística 8 – Boas Mensagens de Erro**

Situações de erro são críticas para a usabilidade por duas razões: primeiro porque representam situações em que o utilizador está com problemas e possivelmente é incapaz de utilizar o sistema para atingir o seu objectivo e em segundo lugar porque apresentam oportunidade para ajudar o utilizador a compreender melhor o sistema após a análise do erro em si, desde que para isso esteja suficientemente motivado.

As mensagens de erro devem seguir quatro regras simples:

- Devem estar num linguagem clara e evitar códigos complexos.
- Devem ser precisas em vez de vagas e gerais.
- Devem ajudar o utilizador a resolver o erro de uma forma construtiva.
- Devem ainda ser “educadas” e não colocar as culpas pelo erro no utilizador

de forma a não o intimidar no uso do sistema. Em conjunto com as boas mensagens de erro, o sistema deve providenciar boas recuperações desses mesmos erros.

Assim como a heurísticas dos atalhos não se aplica ao sistema também não é aplicável a questão das boas mensagens de erro; o sistema é pensado a ter um funcionamento quase empírico pelo que à partida não surgirão situações de erro.

### **Heurística 9 – Evitar erros**

Ainda melhor do que ter as boas mensagens de erro, é mesmo a prevenção total do mesmo. Há imensas situações que são por si propensas a erros e os sistemas devem ser desenhados de forma a evitar essas situações.

Os erros dos utilizadores podem ser úteis aquando de um “*redesign*” do sistema, eliminando as situações de erro mais frequentes e aquelas que podem consequências mais catastróficas.

O protótipo é todo ele a representação desta heurística. Todo o sistema foi pensado para funcionar de forma simples e clara, com o mínimo de operações e comandos possíveis estando todos eles bem identificados, evitando à partida qualquer situação de erro.

### **Heurística 10 – Ajuda e Documentação**

A situação ideal para um sistema era a de ser tão simples e intuitivo que dispensava qualquer tipo de livro de instruções, mas esta é efectivamente uma situação impossível.

Qualquer sistema tem suficientes definições que garantam um manual e alguns necessitam ainda de um sistema auxiliar. Havendo ainda a possibilidade do utilizador querer incrementar os seus conhecimentos e adquirir níveis de uso do sistema mais elevados. Claro que o facto de haver um manual de instruções não impede que se projecte um sistema intuitivo e de simples usabilidade.

No entanto o facto é que os utilizadores não lêem os livros de instruções antes de começar a usar o sistema. Quando finalmente pensam em lê-lo é porque estão em situações de erro e precisam de uma resposta rápida, eficaz e imediata, pelo que é necessário que os livros de instruções sejam orientados para a resolução de problemas e preferencialmente que disponibilizem uma versão online.

Relativamente ao uso dos mecanismos de ajuda sejam eles online ou um simples livro de instruções, o utilizador passa por três estádios diferentes:

- 1 Procura - Localiza a informação relevante para uma necessidade específica
- 2 Compreensão – Compreende a informação encontrada
- 3 Aplicação – Leva a cabo um procedimento como descrito na documentação

Como já referido o sistema pretende ser simples e directo, assentando numa usabilidade empírica e intuitiva, não sendo necessário recorrer a um manual de instruções exaustivo.

Como qualquer outro sistema necessita de um manual que elucide quanto às suas práticas mais básicas e apenas para quem se inicia no seu funcionamento.

### ***Propostas de revisão do protótipo***

O sistema que se tenta implementar é um sistema que tem que ser estruturado de forma simples e prática. O sistema visa a fruição do património através das novas tecnologias em tempo real, pelo que será implementado em suportes móveis e de baixa resolução o que se traduzirá na necessidade de ter um sistema de navegação fácil e directa.

Assim no que respeita à primeira heurística o sistema foi concebido com base num interface extremamente simples que é repetido ao longo da interacção com o sistema; a informação foi reduzida ao indispensável e o seu acesso é controlado pelo utilizador. Em termos de design gráfico e de cor assenta também no princípio da simplicidade e do pragmatismo que pontua todo o sistema.

O sistema vai também ao encontro da segunda heurística, utilizando uma linguagem corrente e reduzidos conceitos científicos utilizados foi também estruturado tendo em conta a perspectiva do utilizador.

A terceira heurística não se aplica ao sistema pois como sistema simples e elementar que é não recorre às “memórias” do utilizador.

O sistema obedece à quarta heurística pois é um sistema coerente em que todos os interfaces têm a mesma estrutura organizacional e que cada operação funciona da mesma forma em cada interface e está bem identificada.

A grande falha deste sistema está na heurística de *feedback*. Esta não foi contemplada aquando da planificação do sistema e tendo em conta que os sistemas de rede a que os suportes estarão conectados serão sistemas *wifi* existe uma necessidade efectiva de criar mecanismos de resposta por parte do sistema quanto ao tempo de espera entre as diversas operações e comandos por parte do utilizador.

Quanto à sexta heurística o sistema está bem estruturado pois para que a sua navegação fosse o mais facilitada possível criaram-se em cada interface duas saídas “rápidas”, a ligação directa à *home page* e a existência do comando *back* que permite ao utilizador voltar à página anterior sempre que desejar.

A sétima e oitava heurísticas não se aplicam a este sistema. Pelo facto já referido de ser um sistema simples e directo não há necessidade de este conter atalhos pois os interfaces e as operações foram reduzidas ao mínimo indispensável e por estas mesmas razões não se prevêem situações de erro, não sendo necessárias as boas mensagens de erro.

Quanto à nona heurística, o sistema foi pensado segundo uma estrutura básica funcionando de uma forma que desde logo à partida evita toda e qualquer situação de erro.

Finalmente no que respeita à décima heurística o sistema terá, como qualquer outro, um manual de instruções para a sua implementação nos suportes e para o início da sua utilização, que pela simplicidade e facilidade da sua navegação não terá necessidade de ser exaustivo. O que não foi pensado foi a existência de um manual de instruções *online*, mas que dada a fácil utilização do sistema não deverá ser necessária.

Assim tendo finalizada a avaliação heurística a este sistema conclui-se que é necessário repensar a heurística de *feedback* para que o sistema possa dar resposta aos comandos e às operações efectuados pelo utilizador de forma a este não ter dúvidas nem questões quanto ao bom e correcto funcionamento do sistema.

## Capítulo 5 – Reflexão sobre especificidade metodológica

Muito embora esta dissertação incida sobre um tema bastante corrente como seja a fruição do Património através de rotas pré estabelecidas, surge neste trabalho uma especificidade metodológica que advém da sua própria especificidade estrutural.

Sendo um dos objectivos do EuroMACHS, projecto em que se insere a presente dissertação, a realização de um projecto relevante na área de produção de conteúdos digitais ligado ao Património Cultural, Material e Imaterial, a especificidade desta dissertação surge na ligação que é feita entre a fruição do Património e as novas tecnologias, ou seja da colocação das T.I.C. ao serviço do Património e do Turismo. Tendo em conta que o se pretende é criar um projecto inovador que sirva posteriormente como protótipo passível de ser repetido e adaptado a outros patrimónios e as outras cidades, é necessário categorizar o “modus operandi” que conduziu ao projecto final, surgindo assim algumas *guidelines* que após uma reflexão metodológica devem ser salientadas.

### **Recolha e processamento de informação como base de sustentação do projecto**

O primeiro passo é sempre o da selecção do contexto a tratar, sendo neste caso a cidade de Coimbra, sua história e conseqüente contextualização do seu Património, tendo incidência sobre o Património Edificado da cidade.

Após a selecção inicial o passo seguinte é o da triagem do Património, visto que Coimbra é uma cidade detentora de um vasto e rico leque de Património edificado, reflexo de uma longa história cultural ou não fosse o seu epíteto “cidade do conhecimento”, foi necessária a selecção do património contemplado. Escolheram-se os edifícios de maior vulto na história da cidade e aqueles que ao longo do tempo tiveram um papel mais activo na construção da identidade do espaço urbano, todos aqueles que mesmo com o passar do tempo se mantiveram vivos pelo seu papel no quotidiano da cidade e que a própria se preocupou em manter, quer pelo seu valor histórico quer pelo seu contributo para a vida activa da cidade e dos cidadãos.

Esta triagem é sempre importante quando se fala de um projecto deste categoria, pois tendo em conta que se pretende alcançar um público variado a informação não pode ser demasiado vasta nem quantidade nem em qualidade, até porque se se alongar a informação pode perder-se de vista o objectivo essencial, que é o de se interagir com o maior número possível de fruidores.

Estando feita a selecção do Património a tratar é elaborado inicialmente um breve resumo da história da cidade, contextualizando-a referindo os acontecimentos que ao longo dos tempos lhe conferiram a identidade que hoje detém introduzindo o aparecimento dos vários edifícios em cada uma das suas épocas correspondentes.

Após esta caracterização histórica procedeu-se à caracterização mais concreta e específica de cada monumento. Cada um deles é caracterizado segundo o século em que se insere, a estética que utiliza, os seus autores e claro as características arquitectónicas que lhe conferem unicidade e identidade.

Esta recolha inicial de informação e o seu conseqüente tratamento são essenciais para projectos deste tipo. Todo o desenvolvimento do projecto e do sistema em si assentam na informação que se recolheu, que por sua vez tem que ir de encontro aos objectivos do sistema. Não chega recolher informação acerca do Património e da sua contextualização; utilizando premissas de usabilidade e tendo em conta o público-alvo que se pretende atingir, a informação tem que ser desconstruída e categorizada de forma a ser mais facilmente apreendida pelos utilizadores em geral.

Conclui-se que mais importante até que a própria recolha da informação é o tratamento que lhe é dado, a selecção que é feita é essencial para que o desenvolvimento do sistema resulte no contexto do projecto tornando possível um sistema de interacção simples e intuitiva e ainda de grande alcance.

### **Inovação nas formas de fruição do Património apresentadas**

Estando feito o trabalho que servirá de base ao projecto, como seja a caracterização da cidade e do seu património, o passo seguinte é o da criação de um processo de fruição que seja inovador e que se aproxime do público-alvo. O objectivo é levar os turistas a interagirem com o Património em tempo real de visita, aí reside o factor “surpresa”, o factor “inovação”.

Fruir Património através de rotas pré definidas não é de todo um conceito novo, no entanto levar essas rotas até ao local e aceder-lhes através de um sistema que permita interagir com elas é efectivamente um conceito renovado e bastante atraente, assim como o acesso à informação sobre o que se visita em tempo real pode ser (e é) uma mais valia. A conclusão é a de que é necessário (re) inventar novas formas de fruição do Património e a interacção com o objecto de interesse é sempre um atractivo.

Tendo em conta que o conceito de rota pré definida é um conceito banal e corrente, tentaram criar-se rotas que de alguma forma fossem inovadoras e que permitissem o conhecimento do património sob várias perspectivas. Uma vez que o património da cidade é



um património há muito edificado e que acompanhou o passar do tempo, contribui de diversas formas para a identidade da urbe nos diferentes períodos da sua história e acaba por ser detentor de várias facetas que permitem inserir um mesmo monumento em várias rotas sob temas diferentes. Traçadas as rotas e organizadas segundo um tema aglutinador, foram realizados pequenos mapas onde podem ser vistos os pontos ancora que compõe as rotas tendo cada uma delas um mapa correspondente, num total de seis: Rota da Água, Rota dos Jardins, Rota dos Claustros, Rota do Passado ao Presente e Rota das Artes e das Ciências.

### **O papel das T.I.C. no desenvolvimento do projecto**

Finalizado o trabalho de investigação começa a delinear-se de que forma as T.I.C. servirão a fruição do Património, e é a partir deste ponto que começa a surgir a especificidade do projecto aliada às aprendizagens de maior vulto, que surgem precisamente nesta fase. Conceitos como usabilidade são essenciais para desenvolver projectos deste tipo. Estando definido o objectivo do sistema que se pretende implementar é premente a aprendizagem do processo que permitirá fazê-lo.

O que se pretende criar é um sistema que esteja disponível em suportes portáteis com ligação à Internet. Para tal é necessária a implementação de sistemas *wireless* junto de cada um dos monumentos que integram o projecto.

Através dessa rede *wireless* o turista receberá uma mensagem no seu dispositivo móvel com a ligação ao sistema que lhe permitirá uma interacção com o património e também com outros turistas que se encontrem no mesmo local.

Na generalidade o sistema permitirá ao utilizador ter acesso à descrição e contextualização dos monumentos que visita em tempo real. Permitirá também que o utilizador seleccione uma Rota consultando o mapa referente e que aceda a toda a informação sobre a rota, a temática da rota e de que forma aquele monumento específico se engloba no tema a que está subordinada.

O sistema funcionará também como uma “rede social cultural” uma vez que possui a opção de acesso a um “*Heritage Chat*” onde os turistas que se encontram no mesmo ponto patrimonial podem “entrar” e trocar informações sobre aquele ponto, sobre aquela rota ou sobre outros que tenham visitado. O sistema permitirá ainda o acesso a filmes ou *podcasts* e reconstituições 3D sobre a cidade, a sua história, as suas vivências e festividades, fazendo de certo modo uma ponte entre o Património edificado e o imaterial, ou seja o cultural.

Finalmente poderá ser feita pelo utilizador uma pesquisa bibliográfica sobre a cidade e os seus monumentos e ainda aceder a uma agenda das actividades culturais que decorrem na cidade ao longo do ano.

Sendo este um sistema que permite algumas aplicações e interacções é essencial pensar-se num processo que esteja ao alcance de todos os utilizadores. Assim surge o *Contextual Design* em que o design de sistemas é feito visando os seus utilizadores e o seu contexto de uso. O seu maior desafio é a implementação de sistemas cuja utilização seja o mais empírica e intuitiva possível, para tal o sistema deve diluir-se no contexto em que será utilizado. Por isso é necessária a análise dos utilizadores e dos contextos de uso do sistema; visto que estamos a lidar com um sistema que ainda não foi implementado apenas podemos supor quem o irá utilizar e em que contexto o fará. Assim pensou-se numa estrutura de sistema simples e intuitiva, com uma navegação acessível a todos, não esquecendo a questão do tipo de suporte em que será implementado.

A aprendizagem e análise das premissas do *Contextual Design* foram essenciais para delinear a estrutura do sistema. Após essa análise concluiu-se que muito embora o Contextual Design tenha uma série de etapas que não podem ser descuradas, no caso concreto desta dissertação fala-se de um sistema que ainda não está implementado e como tal saltaram-se algumas dessas etapas tendo ido directamente para a fase do *User Environment Design*. O *UED* vai funcionar como a planificação em papel do sistema, as partes que o compõe e de que forma se relacionam tendo em conta qual a função de cada uma das partes constituintes e de que forma se navega entre elas.

Após a definição do *UED* traçaram-se alguns diagramas necessários para a compreensão do funcionamento do sistema em si e de que forma interage com os seus utilizadores e com o contexto em que se inserem. Neste caso específico os diagramas que melhor respondem à situação são o diagrama de fluxo, o de sequência, o de artefacto e o cultural pois são aqueles que melhor espelham a relação do sistema com o meio em que se insere e o seu próprio comportamento.

No Diagrama de Fluxo pode ver-se de que forma se relacionam os utilizadores, o sistema em si e as entidades necessárias à sua implementação. Temos depois alguns Diagramas de Sequência onde se podem analisar as sequências necessárias à realização de várias interacções com o sistema. Aqui foram pensadas algumas sequências tipo que decorrerão no uso do sistema. No Diagrama de Artefacto pretende-se visualizar um desenho da estrutura física que servirá de suporte ao sistema, neste caso apresenta a primeira página do sistema inserida num protótipo de um telemóvel com suporte web e acesso à Internet. Traçou-

se também o Modelo Cultural do Contexto onde se poderá questionar de que forma o contexto em que se insere a implementação e o uso do sistema podem de alguma forma interferir com ele, podendo ter uma acção positiva ou negativa. Traçar estes diagramas foi essencial para a elaboração da estrutura do sistema. Através deles, foi possível ir determinando as suas falhas e lacunas e tornou-se cada vez mais claro o que se pretendia do sistema e de que forma a sua estrutura estava ou não a responder aos objectivos iniciais.

Após a estruturação do sistema procede-se à Prototipagem em Papel, que mais não é do que o desenho literal das páginas de navegação do sistema e quais as aplicações que comporta, permitindo desenvolver e testar interfaces antes de iniciar a implementação. Finalmente procede-se à avaliação do sistema e da sua usabilidade através do *Design Walkthrough* analisando o protótipo em papel e inspeccionando-o com base na avaliação heurística de *Nielsen* conseguem determinar-se as suas lacunas e verificar aquilo que funcionará correctamente.

Mais ainda do que a prototipagem em papel, o *Design Walkthrough*, permitiu que as lacunas do sistema fossem mais evidentes. Através da análise das Heurísticas de *Nielsen* foi notório que o sistema tinha, apesar de tudo, algumas falhas, como sejam neste caso específico a questão da Heurística de Feedback.

Finda a memória descritiva de todo o processo de concepção do projecto pode proceder-se a uma reflexão acerca da sua especificidade, que reside essencialmente na forma como se aliam as T.I.C. ao Património e à Cultura. O conceito de fruição do Património através de um web site onde se pode consultar informação organizada em rotas pré existentes é efectivamente um conceito corrente e vulgarizado. A originalidade deste projecto reside na questão de se levar essa informação até ao local sobre o qual se pretende pesquisar e poder no tempo real da visita aceder uma quantidade vasta de informação, descritiva, visual e até mesmo interactiva.

Essa transposição da informação para o local e tempo real da visita é possível graças à concepção de um sistema inovador, que estará disponível em dispositivos móveis.

O levantamento da informação é essencial e é a base de todo o projecto. Tendo em conta o público abrangente a que se dirige é necessária uma selecção cuidada e atenta da informação disponibilizada, para que esta seja acessível a todos. Mas não se pode descuidar a vertente da inovação e da atracção que se pretende criar nos utilizadores. A especificidade reside no modo como se projectou a concepção do sistema. O sistema que ainda não passou a fase de projecto é pensado no mundo das suposições e aí optou-se por uma concepção com base no Contextual Design, estruturando um sistema dirigido ao seu utilizador, sempre

orientados pelas premissas da Usabilidade. O que se pretende é que o público utilize o sistema e visando esse objectivo tão básico e tão simples aliado ao contexto de uso, o sistema foi concebido assentando em pressupostos de simplicidade, pragmatismo e intuição.

## Capítulo 6 – Conclusões

*“This new masters programme<sup>17</sup> brings together knowledge of European Cultural Heritage with current developments in Information and Communications Technologies (ICT), Digital Media and their commercial implications in order to produce a new type of professionals capable of meeting the needs for new content in the Information Society.”<sup>18</sup>*

A realização desta dissertação em contexto do mestrado EuroMachs – Património Europeu, Multimédia e Sociedades de Informação, está efectivamente intrincada com as principais competências que este se propõe a ensinar aos seus mestrados. Assim a consciência do valor patrimonial, histórico, cultural e artístico numa vertente local mas à luz de uma contextualização mais vasta a nível europeu aliada aos novos meios de comunicação e de expressão, como sejam os multimédia, e também à produção de conteúdos para esses mesmos meios, foram sem dúvida competências adquiridas ao longo deste percurso de Mestrado.

A consciência dos valores patrimoniais e históricos eram já existentes mas ganham nova vida quando vistos à luz de uma nova perspectiva e de novas vivências, no sentido em que aliados ao mundo multimédia ganham uma outra dimensão. Inseridos em contexto de Sociedades de Informação, os multimédia são cada vez mais uma ferramenta indispensável nas suas mais variadas vertentes e que devem ser postos ao serviço dessa consciência global que é a do Património, salvaguardando as suas diversidades e as suas unicidades, a um ritmo cada vez mais frequente.

Posto isto as aprendizagens mais relevantes desta dissertação conduzida pelas directrizes Euromachs são sem dúvida as que se prendem com a produção de conteúdos para os novos meios de comunicação e de que forma se comportam esses mesmos meios, como reagem aos conteúdos e através de que meios se relacionam com quem os utiliza e com quem os produz. Neste caso concreto a recolha e processamento da informação disponibilizada no sistema que se apresenta em projecto foi a primeira etapa, a que se seguiu a estruturação de um sistema interactivo, com vista à fruição do património por um público abrangente. A perspectivação desse sistema, a sua estrutura e o seu comportamento foram o resultado mais notório das aprendizagens deste mestrado.

---

<sup>17</sup> EuroMACHS

<sup>18</sup> in <http://www.uc.pt/en/fluc/euromachs/> página oficial do EuroMACHS.

Com este projecto alcançaram-se alguns dos primordiais objectivos do programa disciplinar do EuroMACHS. Existiu ao longo de todo o projecto um grande enfoque nas chamadas Sociedades de Informação não sob uma perspectiva fechada apenas às questões tecnológicas, mas fazendo as pontes necessárias entre a área das T.I.C. e a tradição humanística, criando uma multi e inter disciplinaridade cada vez mais necessária nesta área.

Para colocar em prática as aprendizagens relacionadas com a produção de conteúdos em contexto multimédia houve algumas técnicas a serem utilizadas que constituíram novas aprendizagens, principalmente as que se prendem com as questões tecnológicas da dissertação. Projectar um sistema interactivo de fruição de património utilizando rotas pré definidas foi um processo que permitiu ao longo do seu desenvolvimento a aquisição de novos conhecimentos. A aplicação do *Contextual Design* no desenvolvimento e estruturação do sistema foi a principal técnica utilizada e a que proporcionou o maior número de conhecimentos adquiridos. Conceitos como hipermédia, usabilidade, *User Interface*, *User Environment Design*, Diagramas de fluxo, de artefacto, de sequência e culturais, áreas focais, prototipagem em papel, *design walkthrough* e avaliação heurística foram conceitos completamente novos que se transformaram em conhecimento através da sua aplicação prática na produção não só da informação mas também dos conteúdos. Estas aprendizagens permitiram criar uma visão mais estreita da correlação que existe entre os meios multimédia e a produção da informação utilizada por estes e de que forma os meios multimédia podem ser colocados ao serviço da fruição do património. As T.I.C. podem e dever ser um veículo transmissor e produtor de conhecimento, fazendo com que este se torne cada vez mais acessível a todos.

A experiência adquirida no contexto deste projecto prende-se muito mais com as questões das aprendizagens tecnológicas do que propriamente com aquelas que se relacionam com o contexto das rotas. As rotas servem apenas de pretexto para fazer a passagem para o campo dos meios multimédia e das T.I.C. Após a pesquisa de conteúdos sobre o Património, as rotas surgiram como uma tentativa de inovar a fruição do Património da cidade, traçando-as sob temas que sejam originais e que mostrem o património sob perspectivas variadas e nas suas mais diversas vertentes e contribuições para o quotidiano da urbe, muito embora seja necessário algum conhecimento da contextualização e caracterização do Património, de forma a encontrar nas suas diversidades um ponto comum que ligue os vários elementos, os vários pontos – âncora, constituindo assim cada rota.

Para além de todas as aprendizagens adquiridas ao longo da elaboração desta dissertação há um conjunto de conclusões que devem ser analisadas e que se relacionam com a situação do turismo e do Património na cidade de Coimbra.

Coimbra é e sempre foi uma cidade riquíssima em Património, nas suas mais variadas vertentes, património edificado, natural e cultural, no entanto insiste em viver de e para a instituição universitária e para a população estudantil. Parece ser cada vez mais notória a necessidade da colaboração entre as várias instituições (sejam a Universidade, os Institutos Superiores e Politécnicos, Câmara Municipal, Museus e Instituições Culturais) para que cada vez mais possam desenvolver o turismo na cidade, vivificando mais intensamente os seus patrimónios. Os Multimédia não podem de todos ser descurados como meio transmissor e produtor de conhecimento e o Euromachs pode e deve ter um papel activo no desenvolvimento das vertentes turísticas da cidade, visto que abre os horizontes fazendo a ponte entre o património nacional e o europeu e a sua ligação às T.I.C. As colaborações devem ser cada vez mais activas e proactivas, Urge a criação de projectos que levem o património cada vez mais longe; quase que encetando novos “Descobrimentos”... mas em vez de descobrir, levar Coimbra (e Portugal) ao mundo, levando à sua própria descoberta. Muito tem sido feito ao longo do tempo, mas muito há ainda por fazer. Há património que está a desaparecer e a “desertificação” da Baixa da cidade é disso um exemplo... mas este tema requeria uma outra dissertação, com uma pesquisa cultural e sociológica, bem como económica, pois é um fenómeno que se prende com questões de várias índoles.

Esta dissertação é apenas uma ínfima contribuição para a melhoria do turismo e da fruição do Património na cidade de Coimbra, é apenas uma tentativa de vivificar os edifícios a sua história, aproximá-los de quem os visita tentando inculcar-lhes a noção de proximidade e a consciência de que a história desse património é a sua própria história e faz parte da sua identidade cultural.

Pretende-se com estes projecto trazer mais visitantes à cidade, mas também e essencialmente inculcar no residente uma nova relação com o seu património e com a sua cultura. Atrair os cidadãos de Coimbra aos seus patrimónios, despertando neles a curiosidade e o interesse efectivo por aquilo que os rodeia e que faz parte das suas vivências quotidianas é talvez uma das metas mais difíceis de alcançar deste projecto. Deixar nos visitantes memórias e recordações da cidade que se prendam com novas vivências e com novas experiências, para as quais a contribuição dos novos media são essenciais, visando criar nos fruidores o desejo de voltar, para que Coimbra não tenha apenas...”*mais encanto, na hora da despedida...*”

## Bibliografia

ALMEIDA, José António Ferreira de; *“Tesouros Artísticos de Portugal”*; Lisboa; Selecção do Reader’s Digest 1976

BATTISTINI, Matilde; *“Símbolos y Alegorias”*; Barcelona; Electa – Grupo Editorial Random House 2003

BEYER, Hugh e HOLTZBLATT, Karen; *“Contextual Design – Defining Customer - Centered Systems”*; San Francisco; Morgan Kaufmann Publishers 1998

BORGES, Nelson Correia; *“Coimbra e Região”*; Lisboa; Editorial Presença 1987

COOPER, J.C.; *“Diccionario de Símbolos”*; México; Ediciones G. Gili, SA de CV 2000

CORREIA, Vergilio; GIRÃO, A. De Amorim e SOARES, Torquato de Souza; *“Excursões no Centro de Portugal”*; Barcelos, Companhia Editora do Minho 1939

CORREIA, Vergilio e GONÇALVES, Nogueira; *“Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra”*; Lisboa 1947

CRAVEIRO, M<sup>a</sup> de Lurdes; *“Diogo de Castilho e a arquitectura da renascença em Coimbra” - Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra*; Coimbra 1990.

DIAS, Pedro; *“Coimbra Arte e História”*; Coimbra; Gráfica de Coimbra 1988

DIAS, Pedro; *“Coimbra: Arte e História – Os Monumentos”*; Porto; Paisagem Editora 1983



DIAS, Pedro; “*Coimbra – Guia para uma visita*” 2ª Edição; Coimbra; Gráfica de Coimbra 2002

DIAS, Pedro e GONÇALVES, Nogueira; “*O Património Artístico da Universidade de Coimbra*” ; Coimbra; Edição da Universidade de Coimbra 1990

DIAS, Pedro; “*O Urbanismo, a Arquitectura e as Artes Plásticas na Criação do Mito da Lusa Atenas – Actas do Colóquio A Universidade e a Arte*”; Coimbra, Edições da Universidade de Coimbra 1993

DIAS, Pedro; “*100 Obras de Arte em Coimbra*”; Coimbra; Gráfica de Coimbra 2008

ENGLAND, Elaine e FINNEY, Andy; “*Managing Multimedia – Project Management for Web and Convergent Media*” ; Harlow; Addison- Wesley 2002

GARRAND, Timothy; “*Writing for Multimedia and the Web – A Practical Guide to Content Development for Interactive Media*”; Oxford; Elsevier 2006

GERVÁSIO, Ana Sofia; PEREIRA, Carmen e SANTOS, Raquel; “*Património Edificado com interesse cultural - Concelho de Coimbra*”; Coimbra; Edição da Câmara Municipal de Coimbra 2009

GONÇALVES; Nogueira; “*Os Colégios Universitários de Coimbra e o Desenvolvimento da Arte – Actas do Simpósio Internacional*”; Coimbra 1982

HENRIQUES, Cláudia; “*Turismo, Cidade e Cultura – Planeamento e Gestão Sustentável*”; Lisboa; Edições Sílabo 2003

MACEDO, Francisco Pato de; “*Santa Clara-a-Velha de Coimbra: singular mosteiro mendicante*” - *Tese de doutoramento em História (História da Arte) apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra*; Coimbra 2006

PIMENTEL, A. Filipe; “*A Morada da Sabedoria*” *tese de doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra* - Coimbra; Almedina 2005

PINTO, Pedro; “*Coimbra*”; Rio de Mouro; Everest Editora Lda. 2001

REVILLA, Federico; “*Diccionario de Iconografia*”; Madrid; Ediciones Cátedra S.A.  
1990

ROSENFELD, Louis e MORVILLE, Peter; “*Information Architecture for the World Wide Web*” 2<sup>nd</sup> edition; EUA; O’Reilly 2002

SILVA, Jorge Henrique e CALADO, Margarida; “*Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*”; Barcarena; Editorial Presença 2005

#### Web Sites

[www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)

[www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)

## Anexo A -- Fichas de Património

### *Arquitectura Religiosa*

#### *Mosteiro de Celas*



Ilustração 17 - Vista Mosteiro de Celas



Ilustração 16 - Fachada Mosteiro de Celas

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santo António dos Olivais

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Mosteiro

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XIII; séc. XVI; séc. XVIII

**Estilo (s) Artístico (s)** – Românico; Gótico; Manuelino; Renascimento; Barroco

**Artistas/ Artífices/ Autores** – João Português e Gaspar Fernandes (mestres pedreiros); Nicolau Chanterene e João Ruão (escultores); Josefa de Óbidos (pintora); Gaspar Coelho (marceneiro)

**Descrição** – Construção medieval do séc. XIII, foi mandado construir por D. Sancha, filha de D. Sancho I, por volta do ano de 1213. D. Sancha trouxe consigo algumas religiosas de Alenquer e outras do Lorvão, tendo votado a fundação à Ordem de Cister. Aquando da morte de D. Sancha em 1229, tomou a seu cargo o mosteiro, a sua irmã D. Teresa.

Durante o séc. XVI o mosteiro esteve sob a alçada de várias abadessas que a seu cargo tomaram várias reformas: D. Leonor de Vasconcelos (1521-1541); D. Maria de Távora (1541-1572) e D. Helena de Noronha (1576-1615)

Hoje em dia conhecem-se mal as suas características medievais, devido ao facto de o Mosteiro ter sido alvo de algumas campanhas (re) construtivas ao longo dos sécs.

A fachada é invulgar pois possui um miradouro composto de nove vãos, construído por volta de 1630. O portal principal datado de 1530, de estilo renascentista dá a acesso a um pequeno átrio circular, que faz a ligação à igreja através de uma porta datada de 1753, cujos elementos decorativos são tipicamente manuelinos. A igreja por sua vez é de dimensões reduzidas, de planta circular, coberta por uma abóbada de nervuras de estética manuelina, ostentando no fecho central o escudo português. Tem ainda à direita da entrada a capela-mor e do lado oposto o coro. A capela-mor data de meados do séc. XVIII, tem um arco enquadrado de pilastras compósitas e onde se pode ver o brasão de Cister e de Portugal. No altar barroco de meados de setecentos, figura um retábulo dourado e marmoreado, com imagens de S. Bento e de S. Bernardo e uma tela da Senhora com o Menino. Este retábulo é idêntico aos retábulos que ladeiam arco-cruzeiro, onde podem ver-se duas esculturas: de um lado uma Piedade e do outro Cristo Crucificado.

Sob a prelazia de D. Leonor, foi construída a rotunda da igreja, com traça de João Português e Gaspar Fernandes tendo ficado finalizada a obra por volta de 1530. No entanto já em 1526 o mosteiro contou com a colaboração de Nicolau de Chanterene na elaboração do arco para a sepultura de D. Leonor, que acabou por o “transformar” em porta para o coro.

Num pequeno anexo do lado direito da nave podemos ver um baixo-relevo sobre o Martírio de S. João Evangelista, da autoria de João de Ruão, por encomenda da abadessa D. Maria de Távora, a quem também se deve a estrutura que o claustro possui hoje em dia, tendo sido mandado aumentar por volta de 1553. Nele encontramos capitéis historiadores, datados de período anterior ao grande desenvolvimento da escultura coimbrã, na passagem do séc. XIII para o séc. XIV. Datáveis dos finais da centúria de duzentos, são ainda parte integrante do primeiro claustro aqui construído. A escultura que os adorna é de excelente qualidade e pode dividir-se em três partes quanto à sua iconografia: a Vida de Cristo; temática não religiosa e também decoração fitomórfica.

Ao abadessado de D. Helena deve-se o cadeiral, excelente obra da autoria de Gaspar Coelho, datada dos finais do séc. XVI, bem como um novo dormitório e a hospedaria.

A última reforma do mosteiro ocorreu no séc. XVIII e embora não tenha alterado o essencial da igreja do mosteiro alterou a capela-mor e o retábulo principal, deveu-se a uma

mudança de estética que se sentia à data. A capela-mor data da centúria de setecentos, tem um arco ladeado de pilastras compósitas em cujo centro surge um brasão bipartido com as insígnias da Ordem de Cister e de Portugal. Grande parte das paredes da igreja está coberta por um lambril de azulejos de Coimbra do séc. XVIII. A passagem ao coro é feita por um arco setecentista de pilastras dóricas.

O Mosteiro ostenta várias tipologias arquitectónicas: românica, gótica, manuelina, renascentista e barroca, tendo sido construído no séc. XIII, foi alvo de campanhas ao longo dos sécs. XIV, XVI, XVII, XVIII e XIX. Apesar de todas as campanhas de que foi alvo, o traçado original da Igreja, do Coro, da Casa do Capítulo e do Claustro quase não sofreram alterações.

## *Igreja de São Domingos*



Ilustração 19 - Fachada da Igreja de São Domingos



Ilustração 18 - Pormenor do interior da Igreja de São Domingos

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santa Cruz

**Protecção** – Monumento Nacional <sup>19</sup>

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Igreja

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI;

**Estilo (s) Artístico (s)** - Renascimento

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Isidro de Almeida (arquitecto); João de Ruão (escultor)

**Descrição** – O antigo convento de São Domingos, fundado por D. Teresa e D. Branca, filhas de D. Sancho I, ficava situado na zona à beira rio, pelo que se tornou inabitável devido ao assoreamento do Mondego. Assim em 1546 os frades dominicanos, sob licença de D. João III, mudam-se para a nova casa conventual, situada na Rua da Sofia. O autor do projecto foi Isidoro de Almeida, arquitecto formado em Itália. O projecto apresentado era de certo modo inovador relativamente ao modelo instituído por Diogo de Castilho.

O projecto constava de um edifício com 3 naves abobadadas, com a nave central mais elevada que as laterais. Apesar de tudo o edifício não foi construído segundo o projecto de

---

<sup>19</sup> O edifício encontra-se na categoria de protecção como Monumento Nacional através do decreto 16-06-1910, DG 136 de 23-06-1910, muito embora se encontre completamente descaracterizada tendo sido transformada em centro comercial

Isidoro de Almeida por falta de verba. A Igreja de S. Domingos foi vendida após 1834, tendo servido para vários fins. Hoje em dia serve de “abrigo” a um centro comercial e está completamente descaracterizada. No entanto ainda é visível no seu interior a Capela de Jesus. Um outro elemento importante da Igreja de São Domingos é a Capela do Tesoureiro, da autoria de João de Ruão, é hoje parte do espólio do Museu Machado de Castro. Esta obra foi elaborada sob duas influências distintas: por um lado no que respeita à expressividade das imagens temos influências da gravura italiana, por outro lado o programa decorativo é claramente influenciado pela tratadística flamenga.

*Igreja de São João das Donas // Café Santa Cruz*

Ilustração 20- Pormenor dos tectos da Igreja de S. João das Donas



Ilustração 21 - Fachada da Igreja S. João das Donas actual Café Sta Cruz

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santa Cruz

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Igreja

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI

**Estilo (s) Artístico (s)** - Renascimento

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Diogo de Castilho

**Descrição** – Este templo, hoje em dia transformado no Café Santa Cruz, é um edifício de índole renascentista e data de 1530, devendo-se a sua construção a Frei Brás de Braga, reformador e prior de Santa Cruz. Serviu inicialmente de igreja paroquial, sendo um espaço mais apropriado à frequência dos devotos em vez da igreja monástica, libertando-a do “rebuliço” de um espaço sempre aberto aos fiéis. É uma igreja de nave única, de traçado quase quadrado, tem cobertura em abóbada de nervuras. O pavimento está hoje profundamente elevado, pois era na sua origem ao nível da igreja de Santa Cruz. A frontaria tem um aspecto revivalista moderno, típico na Coimbra de finais de oitocentos.

Nos inícios do séc. XX o espaço foi ocupado por uma carpintaria e depois como uma agência funerária. Na década de vinte começou a funcionar como café-restaurante, servindo



de local para tertúlias desportivas do União de Coimbra. O interior mantém ainda a primitiva estrutura da autoria de Diogo de Castilho, sendo um espaço de planta rectangular pouco acentuada coberto por uma abóbada de nervuras.

## *Mosteiro de Santa Cruz*



Ilustração 23 Fachada do Mosteiro de Santa Cruz



Ilustração 22 - Fachada Mosteiro de Santa Cruz

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santa Cruz

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Mosteiro

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XII; séc. XIII; séc. XV; séc. XVIII

**Estilo (s) Artístico (s)** – Românico; Gótico; Manuelino; Maneirismo; Barroco

**Artistas/ Artífices/ Autores** – Mestre Roberto (mestre de obras); Diogo de Castilho (arquitecto); João de Ruão e Nicolau de Chanterene (escultores); Pedro Nunes Tinoco (arquitecto); Marcos Pires (arquitecto); Cristóvão de Figueiredo e Grão Vasco (pintores); Boitaca (arquitecto)

**Descrição** – O edifício foi fundado em 1131, tendo sido lançada a primeira pedra pela mão dos clérigos D. Telo e D. João Peculiar a 28 de Junho, no exterior da muralha da cidade. Foi a



Ilustração 24 - Pormenor do Altar Mor do Mosteiro de Santa Cruz

mais importante casa monástica dos inícios da monarquia portuguesa. No ano seguinte aí se instalou uma comunidade de doze frades agostinianos que elegeram para prior S. Teotónio.

A primeira fase de construção esteve a cargo do Mestre Roberto; A construção da igreja de Santa Cruz durou quase um séc. entre 1131 e 1228.

A igreja era inicialmente uma igreja de uma só nave, com três capelas de cada lado e uma cabeceira com capela-mor e duas capelas colaterais. Das outras dependências existentes no mosteiro, há que destacar o claustro e a sala do capítulo. Nos sécs. Seguintes o Mosteiro foi alvo de várias obras e campanhas não só de aumento mas também de consolidação das suas instalações. De modo que no séc. XV ergueram-se as capelas laterais para que albergassem as relíquias dos Mártires de Marrocos, reformaram-se as abóbadas, a sacristia, o claustro e o portal. No séc. XVIII modificaram-se a frontaria e a porta da capela-mor.

Do traçado românico original pouco resta. Como importantíssimo núcleo monacal, o Mosteiro de Santa Cruz foi alvo de diversas campanhas construtivas ao longo dos sécs. A que conferiu ao edifício o aspecto que ele tem hoje em dia foi a levada a cabo por D. Manuel na primeira metade do séc. XVI. Recorrendo como não podia deixar de ser a alguns dos melhores artistas que trabalhavam à data no nosso país: Diogo de Castilho, João Ruão, Cristóvão de Figueiredo, Vasco Fernandes, Boitaca, Marcos Pires e Nicolau de Chanterenne entre outros.

A fachada foi reconstruída no séc. XVI mantendo o traçado maciço do Mestre Roberto mas apresentando agora um portal com motivos decorativos de Diogo de Castilho e Nicolau Chanterene, aos quais se juntaram esculturas de João de Ruão e motivos decorativos de Marcos Pires. O arco que antecede a entrada data do séc. XVIII.

No interior, de apenas uma nave, podemos ver de cada lado duas capelas: do lado esquerdo temos as capelas de Santo António e do Senhor dos Passos e à direita temos as capelas do Sagrado Coração de Jesus e a de São João Baptista. A nave termina na capela-mor, é coberta por uma abóbada de quatro tramos e iluminada por largas janelas. Do lado esquerdo existe o púlpito da autoria de João de Ruão, data de 1520 e é decorado em cada uma das suas faces por representações dos Doutores da Igreja rodeados de sibilas, sob dosséis em concha, que por sua vez são encimados por emblemas manuelinos. As paredes de Santa Cruz estão cobertas na sua quase maioria, por azulejos azuis de produção lisboeta do séc. XVIII, onde são representados temas religiosos. A sacristia de Santa Cruz merece ser alvo de destaque, edificada no séc. XVII é da autoria de Pedro Nunes Tinoco excelentes obras de pintura entre as quais *A Crucificação* e *Ecce Uomo* de Cristóvão de Figueiredo e *O Pentecostes* de Grão Vasco.

O Claustro do Silêncio, de traça manuelina foi começado a construir no ano de 1517 pelo arquitecto Marcos Pires. Tem uma planta quadrada, com cinco arcos de cada lado, é decorado por quatro capelas e três estações – baixos-relevos da Paixão, da autoria de Nicolau de Chanterene. Como na maioria dos casos Santa Cruz, foi alvo de campanhas ao longo dos sécs.: XII, XV, XVI, XVIII, pelo que encontramos características românicas, góticas, manuelinas, maneiristas e barrocas. A predominância estilística é definitivamente manuelina, como se pode ver na igreja de planta longitudinal de nave única, coberta por abóbada polinervada.

Foi um importante pólo cultural à data da sua formação, chegando a ter uma escola que se transformou em ponto de passagem obrigatório para toda a elite cultural da época, cultivando mormente o estudo das artes e das letras.

## *Igreja// Colégio da Graça*



Ilustração 25 - Interior da Igreja do Colégio da Graça

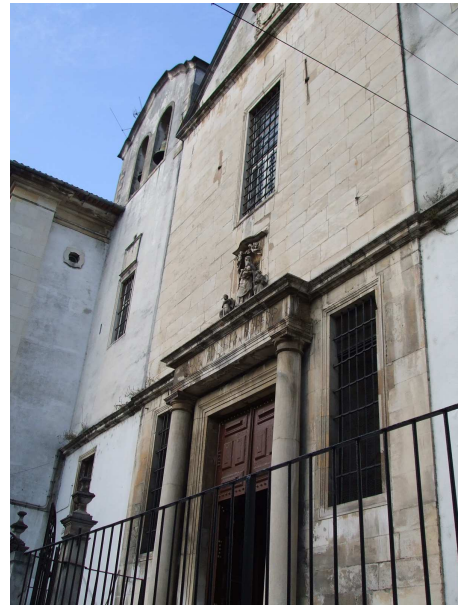


Ilustração 26 - Fachada da Igreja da Graça

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santa Cruz

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Igreja

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI; séc. XVII

**Estilo (s) Artístico (s)** – Renascimento; Maneirismo

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Diogo de Castilho (arquitecto); Baltasar Gomes Figueira (pintor)

**Descrição** – O Colégio da Graça foi fundado por ordem de D. João III, em 1543. Servia inicialmente a Ordem dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho, vulgarmente conhecidos como os Gracianos. A autoria do projecto arquitectónico é de Diogo de Castilho. Com a edificação do Colégio da Graça ficou traçada a tipologia que seria posteriormente usada nos restantes colégios da cidade: edifícios cupulados tendo uma abóbada de berço a cobrir o corpo da igreja, com uma decoração austera.

Aquilo que pode ser visto por quem passa na Rua da Sofia é a frontaria da zona habitacional do colégio, que nos mostra a alternância entre janelas grandes e pequenas, sendo

a janela grande a janela da sala de estudo e a pequena a janela do quarto de dormir propriamente dito. Este conjunto de janelas grande e pequena formava o espaço de alojamento dos antigos colegiais.

A igreja pertencente ao colégio ficou pronta em 1555; a fachada é austera de linhas clássicas visíveis no portal encimado por um nicho, onde está escultura da Virgem com o Menino, datado de meados do séc. XVI. A Igreja da Graça é assim uma igreja de nave única, renascentista, coberta com uma abóbada de pedra e com capelas comunicantes nos flancos, que por sua vez ostentam retábulos de talha dourada e policroma de estética barroca. O retábulo da capela -mor é de estética maneirista em talha dourada, da primeira metade do séc. XVII, com pinturas alusivas à vida da Virgem datadas de 1644, quase todas da autoria de Baltasar Gomes Figueira. Iniciou-se a sua construção no séc. XVI, mas prolongou-se pelos sécs. XVII, XVIII, XIX e séc. XX



*Igreja de Santiago*

Ilustração 28 - Fachada da Igreja de Santiago



Ilustração 27 - Pormenor dos Capitéis do Portal da Igreja de Santiago



Ilustração 29 - Interior da Igreja de Santiago

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – São Bartolomeu

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Igreja

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XII; séc. XV;

**Estilo (s) Artístico (s)** – Românico; Gótico; Rococó

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Não Contemplado

**Descrição** – A construção desta igreja teve o seu início

no terceiro quartel do séc. XII, já no reinado de D. Sancho I, constituindo um dos melhores exemplos do românico coimbrão. Aquilo que mais chama a atenção nesta igreja é o portal, devido à decoração dos capitéis das colunas que sustentem os quatro arcos de volta perfeita que o compõem. A decoração é feita por motivos geométricos e vegetalistas. Os capitéis ostentam aves e animais fabulosos. O interior divide-se em três naves, separadas por colunas cilíndricas e por um par de pilares quadrados, sendo a cobertura das naves feita em madeira. Na capela-

mor encontra-se um retábulo rococó coimbrão, proveniente da Igreja de São João de Almedina.

Assim podemos distinguir na Igreja de Santiago duas campanhas construtivas distintas. Por um lado encontramos o típico Românico Coimbrão no portal sul e na decoração vegetalista e geométrica dos capitéis e dos fustes das colunas. Outra campanha construtiva data do séc. XV e da qual fazem parte a capela quadrangular lateral, construída em Gótico Flamejante de influência mudéjar.

Esta igreja está profundamente descaracterizada, pois foi alvo de algumas atrocidades que a mutilaram ao longo dos tempos. Por um lado a Misericórdia de Coimbra que iniciou a construção das suas instalações sobre a nave direita da igreja e por outro a amputação da cabeceira aquando do alargamento da Rua Ferreira Borges (antiga Rua de Coruche).



## Colégio de São Jerónimo



Ilustração 30 - Placa Informativa acerca da existências de dois colégios universitários



Ilustração 31 - Pormenor da Escadaria do Colégio de São Jerónimo

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Sé Nova

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Colégio

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI; séc. XIX

**Estilo (s) Artístico (s)** – Quinhentista; Barroco

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Diogo de Castilho

**Descrição** – O edifício do Colégio de São Jerónimo começou a ser construído em 1565, sob a orientação de Diogo de Castilho; desta época resta ainda o claustro do edifício de planta quadrada de dois andares, sendo o andar inferior de ordem jónica e tendo cobertura nos lanços em abóbada aquartelada, do tipo conventual, que tem claras parecências e semelhanças com os dos Colégios do Carmo e de São Tomás. Em 1755 o edifício foi fortemente abalado pelo terramoto, pelo que se explica a coexistência das estruturas quinhentistas e as barrocas. Ainda



Ilustração 32 - Estátua de São Jerónimo

hoje existe a escadaria, de dois lanços: o primeiro simples e o segundo duplo e com guardas de balaústres, e cujas paredes laterais estão cobertas de azulejaria de fabrico coimbrão. No patamar entre os dois lanços existe uma estátua de S. Jerónimo datada dos finais do séc. XVI.

A porta do patamar superior é emoldurada por um brasão bipartido onde se podem ver o escudo nacional e as armas de S. Jerónimo. As portas apresentam, no geral, molduras de grande qualidade artística e os átrios e corredores existem painéis de azulejos de fabrico coimbrão, de setecentos.

Após a extinção das Ordens Religiosas, o colégio foi entregue à alçada da Universidade, que aí instalou um hospital em 1848. Neste processo de transformação em hospital, o edifício sofreu alterações que o descaracterizaram. No entanto a estrutura inicial tem uma tipologia religiosa barroca e civil oitocentista.

## *Colégio de Santo Agostinho*



**Ilustração 34 - Pormenor de um dos portais existentes no interior do Colégio**



**Ilustração 33 - Vista de uma das fachadas do Colégio de Santo Agostinho, com a Torre da Universidade ao fundo**

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Sé Nova

**Protecção** – Não se aplica

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Colégio

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI

**Estilo (s) Artístico (s)** – Arquitectura Chã

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Filipe Terzi (arquitecto)

**Descrição** – Construído sobre a muralha medieval, o Colégio de Santo Agostinho é também conhecido por Colégio da Sapiência ou Colégio dos Órfãos (em 1842 passou a recolher órfãos daí este nome). Este colégio era pertença dos cónegos regrantes de Santa Cruz e tinha como objectivo albergar os seus estudantes de artes e de ciências. A construção do Colégio teve início no ano de 1593, tendo ficado pronto onze anos depois em 1604. A fachada do edifício é caracterizada pela imponência das suas linhas sóbrias, típicas de uma arquitectura chã, na qual se integra, marcando presença entre o casario da encosta. No frontão triangular que encima toda a estrutura existe uma escultura de Santo Agostinho, orago da instituição.



**Ilustração 35 - Pormenor da cobertura das passagens que ladeiam o Claustro**

A merecer destaque, o claustro principal do colégio, traçado por Filipe Terzi, arquitecto régio, data de 1596; Possui uma planta rectangular, de dois pisos, sendo o piso inferior de ordem dórica e o superior de ordem jónica. O piso inferior é abobadado as paredes são cobertas por um lambril de azulejos dos finais do séc. XVII, inícios do séc. XVIII. A sua estrutura rompe com os esquemas tradicionais do renascimento coimbrão. Um portal neoclássico com o escudo dos Reinos Unidos de Portugal e do Brasil faz a entrada para a igreja e para os dois claustros. A igreja do colégio é hoje posse da Santa Casa da Misericórdia, é uma igreja pequena só de uma nave, com capela – mor com abóbada de caixotões e altar-mor do barroco final. Hoje aí se instalam a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e a Santa Casa da Misericórdia

## *Real Colégio das Artes*



Ilustração 37 - Portal do Colégio das Artes



Ilustração 36 - Claustro do real Colégio das Artes

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Sé Nova

**Protecção** – Incluído na Zona de Protecção do Colégio de São Jerónimo

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa / Civil

**Subtipo** – Colégio

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI; séc. XVII; séc. XVIII; séc. XIX; séc. XX

**Estilo (s) Artístico (s)** – Quinhentista; Barroco

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Diogo de Castilho (arquitecto); Guilherme Elsdén (engenheiro); Manuel Alves Macamboa e Vicente Valido (mestres de obras); Castiglione (pintor)

**Descrição** – O Colégio das Artes fundado em 1548, foi inicialmente instalado na Rua da Sofia e a construção do edifício hoje existente na Alta da cidade começou no ano de 1568.

O Real Colégio das Artes já nas suas novas instalações, foi entregue à direcção dos Jesuítas em 1555; até à data da sua expulsão estes prepararam os candidatos ao ingresso na Universidade. Do edifício original mantêm-se muito poucos dos seus elementos; em 1836 foi transformado em liceu e em 1853 foi adaptado a Hospital da Universidade. Ainda assim pode



Ilustração 38 - Pormenor dos corredores que ladeiam o claustro

ver-se um edifício de planta quadrangular que se organiza em torno de um claustro central ajardinado.

Dos elementos que ainda hoje podem ser vistos destacam-se o portal principal, alguns conjuntos de azulejos, o pátio e a capela datada de 1720. O portal barroco a sul, encimado por frontão semicircular interrompido, contém as inscrições "ANNO" e "1715", é ladeado por duas colunas toscanas, sustentando um segundo frontão onde se podem ver duas figuras femininas, a da direita segura um globo sobre um livro, e da esquerda, um caduceu. O pátio em torno do qual se organiza todo o edifício, possui ainda a colunata inferior original, onde podem ver-se no lado norte e no lado sul, vinte colunas dóricas com pedestal.

A capela é de planta longitudinal, com nave e capela-mor ligeiramente mais estreita com paredes revestidas por painéis de azulejo; tem cobertura em falsa abóbada de berço, com uma pintura em "trompe l'oeil", representando "Judite triunfante a segurar a cabeça de Holofernes; o retábulo – mor é de talha dourada decorado por motivos vegetalista, querubins e rosetões, tem ainda uma série de pinturas relacionadas com a vida de Santo Inácio da autoria de Castiglione. É hoje afecta à universidade servindo a Faculdade de Arquitectura.



*Sé Nova // Igreja de Jesus*

Ilustração 40 - Fachada da Sé Nova



Ilustração 39 - Pormenor da Fachada da Sé Nova

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Sé Nova

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Sé/ Catedral

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI; séc. XVII; séc. XVIII

**Estilo (s) Artístico (s)** – Renascimento; Manuelino; Maneirismo; Barroco

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Baltazar Álvares (arquitecto) Pêro e Filipe Henrique (escultores)

**Descrição** – A igreja juntamente com o Colégio das Onze Mil Virgens pertenceu à Companhia de Jesus até à data de 1759, data da expulsão da Ordem do nosso país. Este foi o primeiro colégio pertencente à Companhia e foi talvez o mais importante, não só por ser o primeiro ou pelo alto nível cultural e científico que aqui se viveu mas porque dadas estas circunstâncias daqui saíram homens brilhantes que levaram este legado a todo o mundo.

A Sé em si foi começada a construir em 1598, tendo sido o processo construtivo bastante moroso pois a igreja só foi sagrada em 1640. A Igreja da Sé Nova insere-se no conjunto do Colégio de Jesus, que foi erigido durante a reforma do ensino levada a cabo por D. João III e esteve sob a alçada de Frei Brás de Braga.

A reforma consistia entre outras medidas, na construção de vários colégios que serviriam não só para leccionar as disciplinas de base mas também para servirem de residências de estudantes. Pensa-se que o autor do projecto da Sé tenha sido Baltazar Álvares, “arquitecto oficial” da Companhia de Jesus em Portugal.

A fachada principal da igreja foi construída em fases distintas, assim apresenta dois corpos sobrepostos, sendo a parte inferior de linhas maneiristas e a parte superior já de estética barroca, diferindo bastante do projecto inicial. A fachada na parte inferior divide-se em cinco partes, separadas por pilastras jónicas, aqui abrem-se três portas, encimadas por três janelas. Vêem-se ainda quatro nichos que albergam santos da Companhia de Jesus.

A planta da Igreja da Sé Nova tem um traçado de cruz latina abobadada, apresentando um espaço interior de nave única, de carácter jesuítico, sóbrio e elegante, mas acima de tudo funcional. O cruzeiro é encimado por uma cúpula que termina em lanternim. O altar-mor é barroco, dos finais do séc. XVII, apresenta um retábulo de talha dourada com colunas torsas, onde se rasgam nichos para albergar os santos da Ordem: Inácio, Francisco de Borja, Francisco Xavier e Estanislau Kostka. O conjunto é completado por uma grande tela maneirista do séc. XVII, representando o Presépio.

Nas capelas laterais, seguindo pelo lado direito podem ver-se várias capelas com excelente retábulos em talha dourada, que primam não só pelo valor técnico mas porque permitem analisar a evolução não só da talha em si mas também da estrutura dos retábulos portugueses entre os séc. XVII e XVIII. A primeira dedicada a N. Sra. das Neves é dos inícios do séc. XVIII e possui características de barroco joanino. Em seguida temos a capela da Vida da Virgem, da segunda metade do séc. XVII, cujo retábulo pode ser da autoria do escultor Manuel da Rocha. É uma composição de estética maneirista, de excelente técnica de execução onde se destacam os relevos de madeira. A capela de S. Tomás de Vilanova possui uma imagem de São Tomás que proveio da Sé Velha, possivelmente datada da década de 80 do séc. XVII. A talha deste retábulo é de um elevadíssimo nível de execução. A última capela do lado direito é dedicada ao Santíssimo Sacramento, o retábulo maneirista data de meados do séc. XVII e mostra duas pinturas. Uma da Nossa Senhora da Conceição e uma outra representativa da Santíssima Trindade.

Do lado esquerdo da Sé a primeira capela possui uma pia baptismal de estética manuelina de forma octogonal coberta de laçarias e motivos vegetais. Esta obra está assinada pelos seus autores Pêro e Filipe Henriques (filhos de Mateus Fernandes, mestre das obras da Batalha) e é proveniente da Sé Velha para onde foi mandada fazer pelo Bispo D. Jorge de Almeida, razão pela qual ostenta o seu brasão. O retábulo desta capela data do séc. XVII, de



estética maneirista e prima pela escultura do Cristo Crucificado. A seguir surge a Capela de Santo António com um retábulo seiscentista, de talha dourada e policromada como os restantes, que apresenta uma pintura representativa da N. Sra. do Pópulo de visível influência italiana. Em seguida surge a Capela da Ressurreição, também com um retábulo maneirista, de decoração sóbria e moderada, transformando-o numa composição bastante elegante. No final surge-nos a Capela de Santo Inácio, fundador da Companhia de Jesus, também ela do séc. XVII, com um retábulo de onde se destaca a imagem da N. Sra. da Conceição. Para além das já referidas, a igreja da Sé Nova possui uma série de pinturas de grande valor da autoria de Gaspar de La Huerta e do Padre Manuel Henriques.

O espaço correspondente ao Colégio de Jesus alberga ainda as instalações do Museu Mineralógico e Geológico, as instalações do Museu de Física e ainda do Museu de Zoologia.

No que concerne à arquitectura religiosa do Colégio, tem uma estética maneirista e barroca, quanto à arquitectura civil tem um cunho pombalino.

## *Igreja de São Salvador*



Ilustração 42 - Arco sobre o portal da Igreja de São Salvador



Ilustração 41 - Fachada da Igreja de São Salvador

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Sé Nova

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Igreja

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XII; séc. XVIII; séc. XIX

**Estilo (s) Artístico (s)** – Românico; Manuelino; Maneirismo; Barroco

**Artistas/ Artífices/ Autores** – João de Ruão (escultor)

**Descrição** – A Igreja de São Salvador é contemporânea da Igreja da Sé Velha, datando da segunda metade do séc. XII. É uma igreja típica do românico regional no que respeita ao desenvolvimento estrutural e decorativo, embora pouco reste deste carácter românico, devido às várias remodelações de que foi alvo principalmente nos sécs. XVIII e XIX. Na fachada do edifício sobressai o portal de arquivoltas assentes em quatro colunas com capitel. Tem um interior de três naves, em cujos flancos se abrem três capelas secundárias. Os capitéis têm uma bela decoração com motivos vegetais e animais bem como elementos antropomórficos.

A capela-mor apresenta um retábulo em talha dourada marmoreada, do séc. XVIII (1746). O retábulo da capela do lado esquerdo é de estética maneirista, esculpido pela mão de João de Ruão e dedicado a São Marcos.

Das capelas secundárias a mais interessante, é uma do lado do evangelho, de características manuelinas, datada de 1515, coberta por uma abóbada de nervuras, no interior da qual se encontram os túmulos de Afonso de Barros e de D. Guiomar de Sá, decorado por um grupo de anjos em relevo. Sobre a arca podemos ver uma *Pietà*. As paredes desta pequena igreja são revestidas de painéis de azulejos historiados, do barroco coimbrão, de meados do séc. XVIII.

Foi iniciada no séc. XII mas foi também alvo de campanhas construtivas nos sécs. XVI e XVIII, sendo por isso transmissora de estéticas românica, manuelina, maneirista e barroca.

*Sé Velha*



Ilustração 43 - Fachada da Sé Velha



Ilustração 44 – Porta Especiosa da Sé Velha



Ilustração 45 - Claustro da Sé Velha com a Torre da Universidade ao fundo



Ilustração 46 - Vista da Nave Central da Sé Velha

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Almedina

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Sé / Catedral

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XII; séc. XIII; séc. XVI; séc. XVIII

**Estilo (s) Artístico (s)** – Românico Afonsino; Gótico; Renascimento; Mudéjar; Maneirismo  
**Artistas/ Artífices/ Autores** – Mestre Roberto (autor do projecto); João de Ruão (escultor); Olivier de Gand e Jean d' Ypres (pintores); Diogo Pires o Moço (escultor)

**Descrição** – A Sé Velha insere-se no contexto estético do Românico Afonsino que acaba por corresponder ao reinado de D. Afonso Henriques, aquando da transferência da corte para Coimbra. A campanha construtiva teve início na década de 60 do séc. XII e prolongou-se até à primeira metade do séc. XIII, sendo o seu projecto inicial da autoria de Mestre Roberto.

O exterior da Sé tem um aspecto robusto típico das igrejas medievais românicas. O acesso à igreja é feito por uma pequena escadaria. Na frontaria existe um portal formado por arcos justapostos, que assentam em colunas com capitéis decorados, onde são visíveis alguns aspectos decorativos mudéjares. Por cima do portal encontramos um janelão, com uma estrutura idêntica ao portal.

Desta fase inicial há que salientar os capitéis decorados com motivos vegetalistas e animalistas, que constituem o mais rico programa iconográfico do Românico Português.

A igreja tem ainda lateralmente, duas portas: uma a Porta Especiosa, obra quinhentista dedicada à Virgem com o Menino, da autoria de João de Ruão e logo a seguir a chamada Porta de Santa Clara, de estilo renascentista.

As características arquitectónicas da Sé Velha, três naves sendo a nave central de maiores dimensões, transepto saliente, torre lanterna sobre o cruzeiro e cabeceira tripartida rompem com o esquema utilizado até então no nosso país (Braga e Porto) e transformam-se numa nova tipologia que é a chamada tipologia de catedrais do Sul (Coimbra, Lisboa e Évora). O interior do templo caracteriza-se por ser uma igreja de três naves, sendo a central coberta por uma abóbada de berço e as laterais cobertas por abóbadas de aresta. O cruzeiro é coberto por uma lanterna. A cabeceira é constituída por capela-mor e duas capelas secundárias; Na capela – mor encontramos um retábulo de madeira policroma e dourada, atribuído a Olivier de Gand e Jean d'Ypres.

Numa capela à entrada encontra-se uma pia baptismal de estrutura gótica e decoração renascentista, possivelmente da autoria de Diogo Pires, o Moço, que se encontrava inicialmente na Igreja de S. João de Almedina, tem ainda como pano de fundo um retábulo de estética maneirista de meados do séc. XVI. Na capela do lado do Evangelho, dedicada a S. Pedro existe um retábulo de pedra de Ançã de tipo coimbrão da primeira renascença; esta pequena capela foi remodelada para se tornar na capela funerária do Bispo D. Jorge de Almeida que aqui foi sepultado. Do lado oposto, encontra-se a Capela do Sacramento, coberta por uma cúpula quartelada e com um retábulo profundamente decorado com esculturas do

séc. XVI, onde podem ver-se Cristo e dez dos Apóstolos no plano superior e os Evangelistas, a Virgem e um outro santo no plano inferior. Esta imensa obra data de 1566 e é da autoria de João Ruão. Podemos encontrar no interior da Sé Velha vários túmulos da era medieva, que se transformaram nas primeiras experiências das oficinas de Coimbra em estatuária.

Na nave do lado esquerdo podemos encontrar os túmulos do Bispo D. Tibúrcio, datado dos finais do séc. XIII com três brasões a adornarem a arca, sendo o brasão de Portugal ladeado pelos brasões do prelado. Seguidamente encontramos o túmulo de D. Vetaça dama bizantina da corte da Rainha Santa Isabel, datado do séc. XIV e por fim o túmulo do Bispo D. Egas Fafe, datado da segunda metade do séc. XIII.

No ano de 1218 iniciou-se a construção do claustro da Sé Velha, o primeiro claustro gótico em edifícios não cistercienses no nosso país; edificado no reinado de D. Afonso II, foi profundamente restaurado no séc. XVIII. De planta quadrada, tem cinco arcos quebrados de cada lado. De maior interesse são os capitéis e a sua decoração, apresenta-se como um estudo para o que viria a ser o apogeu desta estética, mostrando desde já um acentuado naturalismo. Nas paredes interiores abrem-se várias dependências, podendo ser visto numa delas o túmulo do Conde D. Fernando. No claustro encontram-se ainda outras duas capelas relevantes: a de Santa Maria da transição do séc. XIII para o séc. XIV e a de Santa Catarina do séc. XIII. Ambas demonstram características góticas.

## *Mosteiro de Santa Clara-a-Nova*



Ilustração 47 Fachada do Mosteiro de Santa Clara a Nova



Ilustração 48 Portal que antecede o átrio da Igreja

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santa Clara

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Mosteiro

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVII; séc. XVIII

**Estilo(s) Artístico(s)** – Maneirismo; Barroco; Rococó

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Frei Turriano

(engenheiro - mor); Domingos de Freitas e Pedro de

Freitas (mestres de obras); Mateus do Couto (arquitecto) Teixeira Lopes (escultor); António Azevedo Fernandes e Domingos Nunes (ensabladores); Mestre Pêro (escultor); Carlos Mardel (arquitecto)

**Descrição** – Os problemas de instalações e de insalubridade com que lutava o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, levaram à extrema necessidade de construção de um novo mosteiro, assim o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova começa a ser construído em Julho de 1649, sob a autorização de D. João IV. A planta e o projecto deste edifício devem-se a Frei João Turriano, engenheiro -mor do reino e lente de Matemática na Universidade de Coimbra, sendo a construção propriamente dita da responsabilidade de Domingos de Freitas, a quem sucedeu o irmão Pedro de Freitas. A fase de construção foi lenta e morosa, pelo que a mudança das



Ilustração 49 Estátua da Rainha D. Isabel

clarissas só se fez em 1677. À data apenas estavam concluídas as zonas habitacionais e um salão ao qual se resumia o culto, pois a igreja em si só ficou concluída em 1696, data da sagração do templo foi em 1696, tendo as obras sido prolongadas até ao séc. XVIII, com a construção do claustro, da portaria e do aqueduto. As obras do templo estiveram sob a alçada do arquitecto régio Mateus do Couto, que respeitou no essencial o projecto original. Do conjunto monacal fazem parte a igreja, os dormitórios e todas as restantes dependências conventuais, no entanto à excepção da igreja, das sacristias e do claustro, o edifício é hoje ocupado por uma unidade militar. Uma vez que apenas no ano de 1677 é que as monjas ocuparam o edifício, foi também nesse ano que se trasladaram os restos mortais da Rainha Santa. O seu traçado rectilíneo e uma planimetria simples, inserem o edifício numa estética ainda maneirista, muito embora o portal da igreja e a fachada da portaria se insiram numa estética nitidamente barroca.

O interior da igreja é de nave única de cobertura em abóbada aquartelada, a cabeceira possui também uma abside única, onde se destaca uma escultura da Rainha Santa já do séc. XX, da autoria de Teixeira Lopes e também o seu túmulo de prata, mandado fazer por D. Afonso Castelo Branco. A ladear a nave existem dois púlpitos de pau-preto com elegante dossel de madeira dourada, da autoria dos ensambladores António Azevedo Fernandes e Domingos Nunes, datados de 1704. A ladear os arcos que comunicam com os coros existem dois arcos altares, junto dos quais existem dois túmulos góticos: o da Infanta D. Isabel, neta da Rainha Santa e o que contém os restos mortais de D. Isabel de Aragão, esposa de D. Pedro e os de sua filha. O primeiro, túmulo de estátua jacente é decorado por um friso esculpido com santas e mártires, já o segundo túmulo apresenta não só a estátua mortuária mas também as armas bipartidas de Portugal e Aragão. O túmulo da Rainha Santa encontra-se no coro baixo, datado de 1336, tendo sido executado antes da morte da Rainha, por Mestre Pero. A arca assenta em seis leões, as faces são decoradas com pequenos nichos que se abrem para albergar imagens de santos, mártires e bispos. A estátua jacente apresenta-nos a Rainha Santa trajada de monja clarissa, com um bordão e uma pequena bolsa de peregrina. Um dossel protege-lhe a cabeça e aos pés tem dois cães alegóricos, na zona do busto estão dois anjos. As paredes laterais do templo estão cobertas por talhas douradas e policromadas, de alto nível de execução.

O claustro do convento de Santa Clara – a – Nova é de grandes dimensões e deve o seu plano ao arquitecto Carlos Mardel, tornando-se assim num mais importantes exemplos de arte barroca na região centro devido ao nível do traçado e à excelente qualidade de execução. Com a extinção das Ordens Religiosas, o espaço foi ocupado pelo Exército (Batalhão de



Serviços de Saúde) e pelo Museu Militar. Como já vem sendo hábito, o edifício tendo começado a ser construído no séc. XVII, foi alvo de campanhas arquitectónicas ao longo dos sécs. XVIII, XIX e séc. XX, pelo que nele encontramos uma estética que passa pelo maneirismo, barroco e rococó.

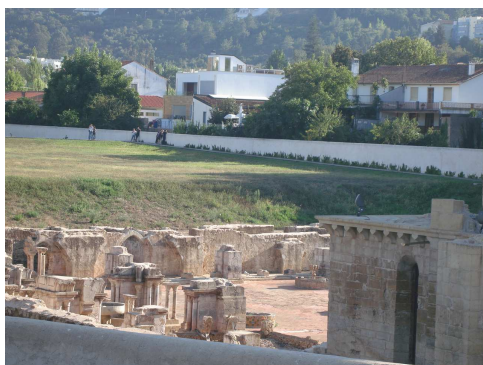
*Mosteiro de Santa Clara - a – Velha*

Ilustração 50 - Fachada do Mosteiro de Santa Clara a Velha



Ilustração 51 - Vista das ruínas do Claustro do Mosteiro de Santa Clara a Velha

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santa Clara

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Mosteiro

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XIII; séc. XIV; séc. XV; séc. XVI; séc. XVII; séc. XIX

**Estilo (s) Artístico (s)** – Gótico; Manuelino; Renascimento

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Domingos Domingues (arquitecto régio); Quentin Metsys (pintor)

**Descrição** – Fundado entre 1283 e 1286 a mando de D. Mor Dias, as primeira notícias dão conta da construção de alguns edifícios para acolhimento de monjas clarissas, embora modesto este conjunto já devia ser composto por uma igreja, um dormitório e um claustro.

Havendo alguma resistência da parte dos monges crúzios do mosteiro de Santa Cruz quanto à construção deste mosteiro, foi extinguido o cenóbio após a morte da fundadora D. Mor Dias em 1311. Em 1314 começa uma nova página na vida deste mosteiro, aquando D. Isabel de Aragão refunda a casa monástica. O projecto inicial deve-se assim à traça do arquitecto Domingos Domingues, arquitecto que havia colaborado no claustro do Mosteiro de

Alcobaça. Da primeira fase construtiva surge a igreja, sagrada em 1330, pela mão do arquitecto Estêvão Domingues.

Logo no ano seguinte o mosteiro foi inundado pelas águas fluviais do Mondego, factor que desde sempre se interrelacionou com a vida do mosteiro de Santa Clara, pelo que se construiu um plano mais elevado que o inicial. Nos finais do séc. XVII as monjas clarissas tiveram que abandonar definitivamente o mosteiro para um novo convento, construído no cimo de uma das colinas do Mondego.

A igreja possui uma planta de três naves, tendo a nave central cobertura em abóbada de berço e as laterais em abóbada de arcos cruzados, com uma cabeceira de capela – mor poligonal, ladeada por duas capelas quadrangulares no exterior e poligonais no interior. Por se tratar de um mosteiro feminino a entrada é feita por portas laterais. A iluminação é feita através de frestas altas e por rosáceas, uma em cada ponta do edifício e a outra sobre a porta lateral, que por sua vez dava passagem para o claustro.

No piso alto foi mandado construir por D. Afonso Castelo Branco um arco em pedra de Ançã, de estética maneirista coimbrã com o objectivo de albergar o túmulo de prata da Rainha Santa Isabel.

As recentes campanhas arqueológicas expuseram grande parte da zona conventual, pois antes devido às fortes inundações apenas a parte da igreja era visível. Assim agora pode ver-se o claustro, obra arquitectónica com um elevado nível de construção, com destaque para o lavabo com arcadas duplas e um tanque ao centro com um pilar manuelino. Também digna de apontamento é a profusão de azulejos mudéjares sevilhanos não só no claustro mas também um pouco por todo o corpo da igreja bem como pelos edifícios anexos.

## *Igreja de Santo António dos Olivais*



Ilustração 52 Pormenor da estátua de Sto. António



Ilustração 53 Fachada da Igreja de Santo António dos Olivais

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santo António dos Olivais

**Protecção** – Imóvel de Interesse Público

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Igreja

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XIII; séc. XV; séc. XVIII

**Estilo(s) Artístico(s)** – Românico; Barroco; Neogótico

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Pascoal Parente (pintor); António Augusto Gonçalves (arquitecto)

**Descrição** – A caminhada religiosa desde local remonta ao séc. XIII, pois há referências à existência de uma capela dedicada a Santo Antão. Havia à data, neste local um convento franciscano, cuja comunidade se transferiu posteriormente para outro local. Dessa comunidade fazia parte o próprio Santo António que ingressou em 1220. No entanto dessa época medieva pouco ou nada chegou aos nossos dias, pois a aparência que o edifício nos mostra hoje data da segunda metade do séc. XVIII.



Ilustração 54 Pórtico que antecede a escadaria de acesso à igreja

A Igreja de Santo António dos Olivais tem uma estética típica das igrejas de peregrinação setecentistas, devido à sua escadaria e também às chamadas capelas da Paixão. A igreja é precedida por uma escadaria de seis lanços setecentista, que por sua vez é ladeada por três capelas de cada lado, dedicadas À Paixão e Morte de Cristo. A anteceder o edifício religioso existe um pórtico de três vãos, em cujo vão central se pode ver um pequeno nicho com uma tosca escultura de Santo António. Dentro da igreja, que por sua vez é de uma arquitectura simples, com planta longitudinal e de nave única, destacam-se uma série de azulejos historiados alusivos à vida de Santo António, datados dos primeiros anos do séc. XVIII.

Destaque também para três altares de talha dourada e policroma de estética barroca do séc. XVIII, onde no altar-mor podemos ver uma tela da Nossa Senhora da Conceição, datada de 1779 e da autoria de Pascoal Parente. A sacristia vale pela sua riquíssima decoração, com telas de motivos antonianos, delimitadas por molduras de talha, sendo o tecto pintado de enrolamentos e festões. No local onde outrora se ergueu a cela de Santo António foi erguida uma capela em neogótico, projectada por António Augusto Gonçalves.

## *Igreja de São Bartolomeu*



Ilustração 56 Portal da Igreja de São Bartolomeu



Ilustração 55 Fachada da Igreja de São Bartolomeu



Ilustração 57 Interior da Igreja de São Bartolomeu

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – São Bartolomeu

**Protecção** – Em vias de Classificação

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Igreja

**Período(s) Relevante(s)** – séc. X; séc. XII; séc. XVI; séc. XVIII

**Estilo (s) Artístico (s)** – Românico; Barroco

**Artistas/ Artífices/ Autores** – Manuel Alves Macamboa e Eusébio Vicente Valido (arquitectos); Pascoal Parente (pintor)

**Descrição** – A data da primitiva construção remonta ao séc. X, ao ano de 957, data em que há notícia da sua doação ao Mosteiro do Lorvão. Foi remodelada em pleno românico, no séc. XII mas só no séc. XVIII é que se daria a profunda remodelação que lhe conferiu as características que hoje ostenta, pela mão dos arquitectos Manuel Alves Macamboa e Eusébio Vicente Valido. A pequena igreja de São Bartolomeu possui um plano simples, de nave única e capela – mor rectangulares. Há que destacar os retábulos barrocos em talha dourada, principalmente o da capela - mor que nos mostra uma tela com o Martírio de São Bartolomeu,

da autoria de Pascoal Parente, que por sua vez é também autor de outras duas telas sobre a Anunciação e Cristo Crucificado datados de 1776. O exterior é modesto, clássico, de estética setecentista de onde sobressaem o portal e as duas torres sineiras.

### *Igreja do Carmo // Antigo Colégio do Carmo*



Ilustração 58 Fachada da Igreja do Carmo



Ilustração 59 Pórtico que antecede a entrada da Igreja do Carmo

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santa Cruz

**Protecção** – Em Vias de Classificação

**Tipologia** – Arquitectura Religiosa

**Subtipo** – Igreja // Colégio

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI; séc. XVII, séc. XVIII; séc. XIX

**Estilo (s) Artístico (s)** – Renascimento; Maneirismo; Rococó

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Gaspar Coelho e Domingos Coelho (pintores); Francisco Fernandes (mestre de obras); Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão (pintores)

**Descrição** – O Colégio do Carmo foi fundado em 1542 pelo Bispo do Porto D. Frei Baltazar Limpo, para que o colégio albergasse os clérigos que fossem estudar para Coimbra; no entanto a sua construção efectiva deve-se ao Bispo de Portalegre D. Frei Amador Arrais. Frei Amador foi um ícone da nossa cultura à data, não só pelas publicações mas também pelo papel de protector das artes que teve na época. O seu brasão de armas ainda hoje pode ser visto na fachada do edifício. A Igreja do Carmo data de 1597 e terá sido traçada por Francisco Fernandes que foi também seu mestre-de-obras. De nave única, com capelas nos flancos, tem cobertura de abóbada de caixotões; nas capelas laterais sobressaem os retábulos setecentistas de estética rococó. As pinturas maneiristas da autoria de Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão podem ser contempladas no retábulo principal. No interior da igreja podemos ver ainda



várias esculturas de madeira dourada e policroma representando o Profeta Elias, o Profeta Eliseu, São João e um Santo Bispo. As pinturas representam a Transfiguração de Cristo, a Apresentação de Jesus no Templo, o Repouso na fuga para o Egipto, a Senhora do Carmo, o Presépio e a adoração dos Reis Magos.

O claustro do Carmo data de 1600, é de planta quadrada, de linhas clássicas, com dois pisos. As paredes do piso inferior estão cobertas de azulejos de fabrico coimbrão, representando cenas da vida do Profeta Elias. A fachada de muito boa traça foi alterada no séc. XIX, mantendo no entanto grande parte da traça primitiva. O pórtico tem duas inscrições, encimadas pelo brasão do fundador Frei Amador Arrais

*Arquitectura Civil*

*Claustro da Manga // Jardim da Manga*



Ilustração 61 Pormenor do Claustro

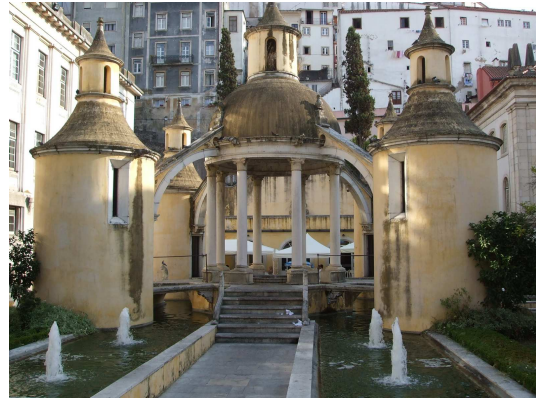


Ilustração 60 Claustro do Jardim da Manga



Ilustração 63 Pormenor da estatuária do Jardim, o Papagaio que representa a oratória.



Ilustração 62 Pormenor da estatuária do Jardim, o Cão que representa a fidelidade

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santa Cruz

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Civil

**Subtipo** – Jardim

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI;

**Estilo (s) Artístico (s)** – Renascimento

**Artistas/ Artífices/ Autores** – João de Ruão (escultor); Pêro de Évora, Diogo Fernandes e Fernão Luís (pedreiros); Jerónimo Afonso (mestre de cantarias)

**Descrição** – O Jardim da Manga também conhecido por Fonte da Manga ou Claustro da Manga, fazia parte de um dos claustros do Convento de Santa Cruz.

A estrutura é formada por construções circulares, ligadas entre si e rodeadas por tanques. No centro desta estrutura, surge-nos um templete de planta circular, com oito colunas e decorado por gárgulas, papagaios e cães, sendo que os papagaios simbolizam o “dom da oratória” e os cães a “fidelidade”. A encimá-lo está uma abóbada esférica com lanternim. As quatro estruturas circundantes ligam-se ao centro por meio de passadiços e possuem no seu interior retábulos de pedra dedicados aos quatro santos eremitas: São João Baptista, São Jerónimo, São Paulo – o – Eremita e Santo Antão.

O Jardim da Manga foi projectado por João de Ruão, sob possível influência de Frei Brás de Braga; este é um local pleno de simbologias: o templete representa a Eternidade, devido à sua forma circular, a escadas que conduzem ao templete, têm sete degraus, o sete como número perfeito simboliza a Caridade, a Graça e o Espírito Santo, já os oito tanques por sua vez, simbolizam os quatro rios do Paraíso (Fison, Gion, Heidequel e Eufrates), por último os jardins que envolvem toda a estrutura simbolizam o próprio Paraíso. A sua construção data do séc. XVI, sendo uma construção de carácter tipicamente renascentista.

*Aqueduto de São Sebastião // Arcos do Jardim*

Ilustração 66 Arco de Honra



Ilustração 65 Arcos do Jardim



Ilustração 67 Arcos do Jardim

**Distrito** – Coimbra**Concelho** – Coimbra**Freguesia** – Sé Nova**Protecção** – Monumento Nacional**Tipologia** – Arquitectura Civil**Subtipo** – Aqueduto**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI**Estilo (s) Artístico (s)** – Renascimento**Artistas/ Artífices/ Autores** – Não Contemplado

**Descrição** – O Aqueduto de São Sebastião, mais conhecido por Arcos do Jardim, é uma construção que data do séc. XVI (pós 1570) no reinado de D. Sebastião, e tinha por função facilitar a passagem da água do alto onde se ergue o Convento de Santa Teresa para o Castelo e para a parte alta da cidade. É possível que este aqueduto tenha sido construído sobre os restos de um outro da época romana. Tem cerca de 20 arcos e no entanto já não se encontra completo pois aquando das obras para a construção da cidade universitária uma parte do aqueduto foi demolida. Por cima do arco de honra há um templete com colunas dóricas, com cobertura em cúpula de tijolo que termina num simples lanternim. Sob a cúpula encontram-se duas esculturas: por cima a sul a do Mártir S. Sebastião e por baixo a norte a de S. Roque.

## *Museu Machado de Castro // Antigo Paço Episcopal*



Ilustração 69 Portal de acesso ao pátio do Museu



Ilustração 68 Portal da Igreja de Santa Ana

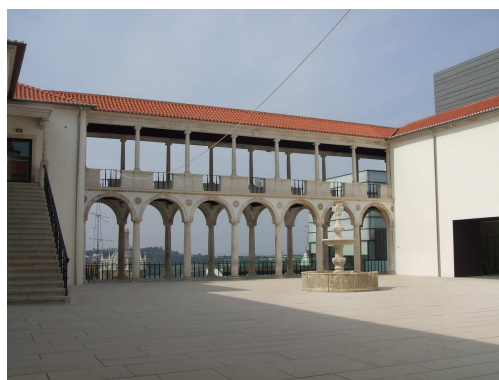


Ilustração 70 Vista da varanda que fecha o pátio

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Sé Nova

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Civil

**Subtipo** – Paço

**Período (s) Relevante (s)** – Séc. XIII; Séc. XVI; Séc. XVII; Séc. XX

**Estilo (s) Artístico (s)** – Não Contemplado

**Artistas/ Artífices/ Autores** – Não Contemplado

**Descrição** – O Museu Machado de Castro instalou-se sobre dois edifícios já existentes: o Paço Episcopal e a Igreja de São João de Almedina. O museu propriamente dito foi fundado em 1911, tendo-se instalado no Paço Episcopal em 1912, data em que abriu ao público.

O Paço Episcopal foi o local onde residiram todos os bispos conimbricenses desde o séc. XII. Foi ao longo dos tempos alvo de algumas reformas construtivas sendo as mais

significativas as levadas a cabo por D. Jorge de Almeida e por D. Afonso Castelo Branco, nos finais do séc. XVI e inícios do séc. XVII. Esta última foi a mais visível e da qual fazem parte a porta principal do pátio, de estética maneirista e a varanda que fecha o mesmo, do lado do rio.

Mesmo antes de se entrar no pátio do Museu propriamente dito, pode ver-se do lado direito a Igreja de São João de Almedina, sendo a sua construção inicial de inícios do séc. XII (1129).

Dentro de algumas zonas de exposição do museu são visíveis vestígios desta igreja.

Em finais do séc. XVII e inícios do séc. XVIII a igreja foi reconstruída alterando-se a estética românica primitiva.

O portal que existe na igreja virado à entrada do museu foi para aqui transferido do Convento de Santa Ana, datando do séc. XVII. Assim como o portal virado à escadaria que leva ao antigo Largo da Feira no átrio da Sé Nova, também este é caracterizado por uma estética maneirista. Tanto o Paço Episcopal como a própria Igreja de Almedina assentam sobre um Criptoportico romano; realizado para tentar diminuir o declive existente na encosta.

Abrem-se aqui várias galerias e arcadas que podem ser visitadas e onde se encontram algumas esculturas e inscrições romanas, descobertas aquando das escavações de desaterro. Dentro da imagética exposta no museu destaque para um importante conjunto de estatuária medieval com obras góticas da Oficina de Mestre Pêro, tal como inúmeras obras renascentistas do escultor manuelino Diogo Pires – o – Moço, ou de Filipe Hodart ou de João de Ruão. Dentro da escultura destacam-se nomes como Olivier de Gand, Frei Cipriano da Cruz, Claude Laprade e Manuel Dias numa estética barroca. Na pintura destaque para nomes como Vicente Gil, Manuel Vicente, Cristóvão de Figueiredo, Gregório Lopes e Vasco Fernandes, Domingos Vieira Serrão, Josefa de Óbidos e André Gonçalves. Não se pode deixar de referir as colecções de tecidos, tapeçarias, tapetes orientais, colchas indo – portuguesas, de ourivesaria sendo as mais interessantes as que pertenceram à Rainha Santa Isabel e provindo na maioria dos conventos extintos, no campo das faianças e das porcelanas destacam-se as peças de fabrico lisboeta do séc. XVI e XVII.



*Paço da Universidade // Paço das Escolas*



Ilustração 71 Via Latina



Ilustração 72 Torre da  
Universidade



Ilustração 73 Biblioteca Joanina

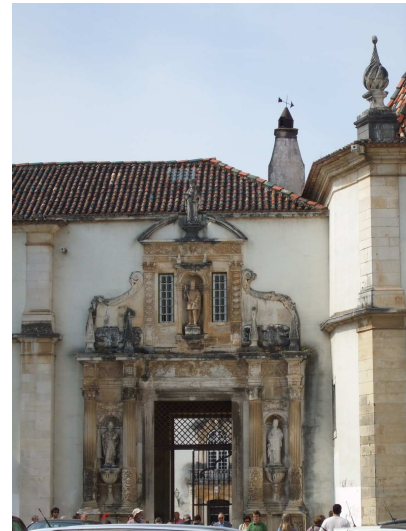


Ilustração 74 Porta Férrea



Ilustração 75 Portal do Colégio de  
São Pedro

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Sé Nova

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Civil

**Subtipo** – Paço

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI; séc. XVII; séc. XVIII

**Estilo (s) Artístico (s)** - Gótico; Manuelino; Renascimento; Maneirismo; Barroco; Pombalino; Neoclássico

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Laprade (escultor); Carlos Falch, Simões Ribeiro e Vicente Nunes (pintores); Marcos Pires e Mestre António Tavares (arquitecto); Isidro Manuel (mestre de obras); Manuel de Sousa (escultor)

**Descrição** – O antigo paço medieval, erguido numa das mais altas colinas da cidade, remodelado ao longo dos séculos, transformou-se pela mão de D. João III na instituição universitária. O acesso ao pátio da Universidade é feito através da Porta Férrea, construção de 1634, saiu da traça do arquitecto António Tavares e foi supervisionada pelo mestre-de-obras Isidro Manuel.

Os vãos dos portais são rectangulares e no cimo de cada um deles abre-se um nicho onde figuram estátuas alegóricas das várias Faculdades. Por cima dos entablamentos surgem nichos centrais com duas estátuas régias: D. Dinis como fundador da Universidade portuguesa e D. João III que trouxe a instituição universitária definitivamente para Coimbra. A imagem da Sapiência encima todo o conjunto. Manuel de Sousa foi o autor do conjunto. Do lado direito surge a Via Latina, uma colunata neoclássica construída no séc. XVIII, composta por três arcos altos encimados por um frontão que tem ao centro as armas do reino e no topo a imagem da Sapiência. Nesta colunata existe uma obra escultórica de Laprade, datada de cerca de 1700, onde figura D. José sob baldaquino sustentado por atlantes. O acesso é feito por uma escadaria.

A seguir à Via Latina, encontram-se os Gerais, onde hoje em dia funciona a Faculdade de Direito. Estruturalmente resume-se a um claustro de plano irregular e pisos sobrepostos. A galeria principal tem as paredes cobertas de belos azulejos. A estrutura que nos apresenta hoje deve-a às reformas de entre 1698 e 1702, sob o reitorado de D. Nuno de Silva Teles e sob a alçada de José Cardoso e do arquitecto régio Manuel do Couto. A Via Latina dá acesso a uma vastidão de dependências, entre as quais a Sala Grande dos Actos, também conhecida por Sala dos Capelos. É palco das mais importantes cerimónias académicas. Pensa-se que era



antigamente o salão do Paço, e que terá sido remodelado no séc. XVI pela mão de Marcos Pires, arquitecto. No entanto a aparência que tem hoje foi-lhe dada pela mão de António Tavares, mestre construtor, em meados do séc. XVII, sob o reitorado de D. Manuel de Saldanha. A pintura no tecto surge pela mão de Jacinto Pereira da Costa e os retratos dos monarcas são, na sua maioria, da autoria de Carlos Falch. Os painéis de azulejaria do tipo “tapete” de uma policromia excepcional, são de fabrico lisboeta.

A Sala do Exame Privado é outra dessas dependências demarcadas. Decorada por um lambril de azulejos da autoria de Agostinho Paiva e retratos de alguns dos antigos reitores da instituição, alguns deles da autoria de António Simões, foi remodelada no início do séc. XVIII (1701) pelo mestre de obras da Universidade José Cardoso e sob o reitorado de D. Nuno da Silva Teles.

Por cima da Via Latina pode encontrar-se a Reitoria. Reformada por ordem de D. Francisco de Lemos entre 1773 e 1775, conferindo-lhe as características que hoje possui. De entre as suas várias dependências salientam-se a Sala dos Archeiros, a Sala do Senado, a Sala das Congregações e o Gabinete do Reitor, todas elas pela luxuosa decoração de azulejos e pinturas. A Reitoria possui ainda uma pequena capela privada, um belíssimo exemplar da estética barroca, nas pinturas do tecto bem como no altar de talha dourada.

A chamada Torre da Universidade, verdadeiro ícone não só da Universidade mas também da cidade de Coimbra, foi construída entre 1728 e 1733, sendo o projecto da autoria de António Canevari, arquitecto romano, que à data era responsável pelos empreendimentos arquitectónicos de D. João V, sob orientação do mestre de obras da Universidade, Gaspar Ferreira. Alberga esta torre o relógio que marca o tempo da vida quotidiana académica e da cidade que a acolhe. Tem vários andares, totalizando uma altura de 33 metros, tendo sido no penúltimo andar que se instalaram os seus sinos<sup>20</sup>. No último andar existe um pátio que serve de miradouro<sup>21</sup>.

Do lado esquerdo da Porta Férrea encontra-se o Colégio de S. Pedro, onde hoje se instalam vários serviços universitários. Aqui implantado por D. Sebastião no ano de 1574, estivera inicialmente situado na Rua da Sofia, destinados aos clérigos pobres. Ao passar para o espaço universitário ficou destinado aos candidatos ao ensino secundário. O aspecto que tem hoje foi-lhe conferido pelas campanhas de remodelação levadas a cabo no início do séc. XVIII, em 1713 destacando-se o portal barroco de elevado valor escultórico. Após a expulsão

---

<sup>20</sup> São 3 os sinos da Torre da Universidade, conhecidos entre os estudantes por “Cabra, Cabrão e Balão”

<sup>21</sup> A Torre apenas se encontra aberta ao público para visita no dia 1 de Março, dia da Universidade.

das Ordens Religiosas do nosso país, o Colégio passou a servir de morada real e também dos reitores da Universidade.

Do lado oposto estão duas das mais importantes dependências do Paço das Escolas: a Biblioteca Joanina e a Capela de São Miguel. A Biblioteca Joanina foi começada a construir em 1717, no reinado de D. João V, tendo decorrido a empreitada no decorrer dos reitorados de D. Nuno da Silva Teles, D. Pedro de Baena e D. Francisco Carneiro de Figueiroa. Estiveram envolvidos nestas obras artistas como Gaspar Ferreira, arquitecto, João Rodrigues de Almeida, mestre carpinteiro, e ainda António Martins João, mestre canteiro. O portal é barroco, formado por quatro colunas jónicas, encimado por escudo nacional. O interior é constituído por três salas, que comunicam entre si através de arcos, as paredes estão cobertas por estantes de madeiras exóticas, douradas e policromadas. Os tectos das salas apresentam frescos da autoria de Simões Ribeiro e Vicente Nunes, datados de 1723. Na parede de topo surge uma pintura de autor desconhecido que representa D. João V, datada de 1725. O espólio livreiro da Biblioteca Joanina uma das mais importantes do género, prima pelas grandes obras publicadas na Europa em séculos anteriores, privilegiando obras sobre Direito Canónico e Civil, bem como Teologia e Filosofia.

A Capela de São Miguel, à esquerda da Torre da Universidade, foi mandada construir entre 1517 e 1522 e é um excelente exemplar de arte manuelina, traçada por Marcos Pires e finalizada por Diogo de Castilho; tendo sido remodelada nos sécs. XVII e XVIII. Tem uma planta longitudinal de cruz latina, de uma só nave e com capela-mor rectangular, que comunicam entre si por um arco cruzeiro. O portal encontra-se numa das paredes laterais do templo, tendo uma estética manuelina naturalista.

No interior da capela destacam-se a azulejaria de “tapete” da nave e da capela-mor, uns de fabrico lisboeta e outros da autoria de Gabriel Ferreira, o órgão barroco de 1733 adornado com uma pintura de “chinoiserie” de Gabriel Ferreira da Cunha e por fim o retábulo principal do séc. XVII, cujo trabalho de carpintaria se deve ao entalhador Bernardo Coelho e os de pintura a Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão.

A Vida de Cristo é a temática principal desta obra pictórica que prima pela qualidade do traçado e da composição, bem como pela riqueza do colorido.

Destaque para uma estátua barroca de São Miguel, orago da capela.

*Palácio de Sub – Ripas // Paço de Sub – Ripas*

Ilustração 77 Arco Passadiço que liga ambas as casa



Ilustração 76 Pormenor do arco e do portal que dá acesso ao actual Instituto de Arqueologia

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Almedina

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Civil

**Subtipo** – Paço

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI

**Estilo (s) Artístico (s)** – Manuelino

**Artistas/ Artificies/ Autores** – João de Ruão (escultor)

**Descrição** – Situada na Rua de Sub – Ripas, este é um dos mais importantes edifícios quinhentistas da cidade. Pensa-se datar da segunda metade do séc. XVI e tendo um plano disposto por vários pisos, distinguem-se nitidamente duas partes constitutivas do conjunto: a Casa do Arco (ou Casa de cima) e a mais antiga a Casa da Torre (ou Casa de Baixo).

A Casa de Baixo construída por volta de 1515 tem uma decoração que prima pelos motivos naturalistas, de cariz manuelino, que se destaca principalmente no portal e nas janelas.



Ilustração 78 Pormenor do Portal

A Casa de Cima por sua vez foi construída por volta de 1540 e tem um plano claramente de passagem do Manuelino para o Renascimento. Merecem destaque os medalhões de baixos-relevos visíveis nas paredes exteriores, que pela técnica e características se pensa pertencer à oficina de João de Ruão. A ligação entre os dois blocos é feita por um arco passadiço, bastante construído entre 1542/1547. Hoje em dia alberga o Instituto de Arqueologia, da Faculdade de Letras

*Edifício do Chiado*

Ilustração 80 Fachada do Edifício do Chiado



Ilustração 79 Pormenor da entrada



Ilustração 81 Pormenor da entrada

**Distrito** – Coimbra**Concelho** – Coimbra**Freguesia** – São Bartolomeu**Protecção** – Imóvel de Interesse Público**Tipologia** – Arquitectura Civil**Subtipo** – Edifício**Período (s) Relevante (s)** – séc. XX**Estilo (s) Artístico (s)** – Modernismo**Artistas/ Artificies/ Autores** – Não Contemplado

**Descrição** – Este edifício é dos poucos existentes em Coimbra que se inserem na chamada “Arquitectura do Ferro”. O nome “Edifício do Chiado” deriva do facto do seu dono inicial Nunes dos Santos, ser também o dono dos Armazéns do Chiado em Lisboa. A sua construção decorreu entre os anos de 1909/1910. Aquando da sua abertura ao público transformou-se no maior “centro comercial” da época na cidade. Tornou-se imóvel da Câmara Municipal, há cerca de vinte e cinco anos. No decorrer do ano de 1995 foi alvo de profundas transformações, que tinham por objectivo devolver ao edifício, o seu traçado original. Hoje em dia é mais um núcleo do Museu da Cidade e podemos aí visitar a Colecção Telo de Morais, constituída por exemplares de pintura, escultura, porcelana chinesa e mobiliário português e indo-português.

***Casa da Nau // Casa do Navio*****Distrito** – Coimbra**Concelho** – Coimbra**Freguesia** – Almedina**Protecção** – Imóvel de Interesse Público**Tipologia** – Arquitectura Civil**Subtipo** – Edifício**Período (s) Relevante (s)** – séc. XV**Estilo (s) Artístico (s)** – Renascimento**Artistas/ Artificies/ Autores** – Não Contemplado

**Descrição** – A Casa da Nau ou Casa do Navio é assim denominada devido à sua planta em forma de triângulo irregular. Pensa-se que esta casa deve ter sido construída na segunda metade do séc. XV, tem características arquitectónicas medievais e foi construída de modo a adaptar-se ao traçado das ruas, no entanto a estrutura das janelas e alguns elementos decorativos são já do período de transição entre o Manuelino e o Renascimento. Digno de registo é o sub – beiral decorado por modilhões bastante salientes onde se apoia a cornija onde se encontram gárgulas-bombardas. É um edifício de rés-do-chão e dois andares, com janelas nas fachadas das mais variadas tipologias. No último piso existe uma janela com varandim suportado por um pilar. Hoje em dia o edifício é ocupado por uma república estudantil.

## *Quinta das Lágrimas*

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santa Clara

**Protecção** – Imóvel de Interesse Público

**Tipologia** – Arquitectura Civil

**Subtipo** – Quinta

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVIII; séc. XIX

**Estilo (s) Artístico (s)** – Revivalismo; Neobarroco

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Não Contemplado

**Descrição** – Conhecida principalmente por ter sido o cenário do amor proibido de D. Pedro e D. Inês, na Quinta das Lágrimas podemos encontrar entre outras um conjunto de nascentes, um Palácio do séc. XIX e um jardim com raras espécies da flora mundial.

A sua origem perde-se no tempo, mas sabe-se que as suas matas eram coutadas de caça da Família Real e que foi também pertença da Universidade e ainda de uma Ordem Religiosa.

Em 1730 a Quinta tornou-se pertença da família Osório Cabral de Castro e é dessa época que data a construção do Palácio, que foi reconstruído por volta de 1879 devido a um incêndio que destruiu parte do edifício.

Há que destacar a Fonte dos Amores e a Fonte das Lágrimas; a primeira cercada por um muro de vedação, com porta de arco quebrado, a segunda que segundo a lenda provém das lágrimas de D. Inês de Castro aquando do seu assassinato, corre de um cano de pedra para um grande tanque quadrado.

O Palácio possui uma capela que está integrada na sua ala direita. É cercada por um pequeno adro, limitado por um gradeamento que abre depois em portão de ferro; no interior é uma capela de nave única, com dois altares colaterais e capela-mor.

Pensa-se que tenha sido construída por volta do séc. XIV, tendo sido alvo de remodelações nos sécs. XVIII, XIX e XX. Devido precisamente às remodelações tem hoje uma estética revivalista e neobarroca. Hoje em dia o espaço é um hotel de luxo.



*Parque de Santa Cruz // Jardim da Sereia*



Ilustração 83 Cascata do recinto do jogo da pela



Ilustração 82 Recinto do Jogo da Pela

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Sé Nova

**Protecção** – Imóvel de Interesse Público

**Tipologia** – Arquitectura Civil

**Subtipo** – Jardim

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVIII

**Estilo (s) Artístico (s)** – Barroco

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Não Contemplado

**Descrição** – O Jardim da Sereia, antigo local de meditação dos Monges de Santa Cruz, é nos dias de hoje um dos mais importantes espaços verdes da cidade. O nome “Jardim da Sereia” advém-lhe de uma escultura existente na Fonte da Nogueira, onde se pode ver um Tritão (que as pessoas vulgo chamam de sereia) a abrir a boca a um golfinho de onde sai a água para uma concha. A construção deste parque e seu conseqüente arranjo aconteceu entre o ano de 1723 e 1752, sob o priorado de D. Gaspar da Encarnação. A organização do espaço é claramente



Ilustração 84 Pórtico com os três arcos



barroca e cenográfica, presente nos espaços e nos elementos estruturantes, com áreas arborizadas, lagos, fontes, escadarias e alamedas com muretes cobertos de azulejaria.

É de salientar o pórtico com três arcos que permite o acesso ao parque/ jardim. Cada arco é encimado por uma escultura que representam as três virtudes teologais: Fé, Esperança e Caridade. A ladear o pórtico há dois torreões de planta quadrada ornamentados por frescos que são apenas decorativos no exterior mas que no interior mostram no torreão do lado esquerdo “Santo Agostinho diante de Cristo e da Virgem” e “Santo Agostinho dando a regra aos seus cónegos regrantés”, do lado direito pode ver-se “Cristo Crucificado aparece a D. Afonso Henriques em Ourique” e “S. Teotónio recebe D. Afonso Henriques com os cativos mouros”. A entrada desemboca num átrio que dá pelo nome “Recinto do Jogo da Pela” que por sua vez culmina num pequeno “palco” onde se encontra uma cascata, dividida em três parte; o corpo central tem a cascata propriamente dita e em cujo centro podemos ver uma escultura de Nossa Senhora da Conceição. Os dois corpos laterais são mais recuados e neles podem ver-se do lado esquerdo a representação de “Sara e Agar no Deserto” e do lado direito “O Profeta Eliseu lançando sal nas águas de Jericó”, bem como esculturas dos Evangelistas datadas do séc. XVI.

## *Parque Dr. Manuel Braga // Parque da Cidade*

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Almedina

**Protecção** – Não Contemplado

**Tipologia** – Arquitectura Civil

**Subtipo** – Jardim

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XX

**Estilo (s) Artístico (s)** – Não Contemplado

**Artistas/ Artífices/ Autores** – Jacinto de Matos (paisagista e floricultor); Silva Pinto (projectista); Diogo de Macedo e Jesus Martinez (escultores)

**Descrição** – O Parque Dr. Manuel Braga mais conhecido como Parque da Cidade surge num contexto de evolução do núcleo urbano e das práticas sociais, assim como o alargamento da Av. Emídio Navarro. O projecto deve-se ao paisagista Jacinto de Matos que o traçou por volta de 1920. Ao centro tem um coreto, projecto da autoria de Silva Pinto; assim como possui algumas peças escultóricas: uma representando Antero de Quental (da autoria de Diogo de Macedo) e outra evocando Florbela Espanca (da autoria de Jesus Martinez).

Este Parque/ Jardim faz parte do imaginário coimbrão assim como é um ícone da cidade e da sua vida académica, pois foi até há alguns anos palco da “Queima das Fitas” a mais académica de todas as festas do país. Hoje em dia tem prolongamento até Parque Verde, inaugurado em 2004 que aproximou o Parque das práticas ao ar livre da cidade, pelos seus espaços verdes e ciclovias, mas também às actividades culturais devido à implementação do Pavilhão de Portugal, pavilhão da Expo 2000, em Hannover, projectado por Souto Moura e Álvaro Siza Vieira, construído essencialmente com cortiça, e que constituiu mais um dos espaços museológicos da cidade. Quanto à flora aí existente são de salientar os plátanos, as tílias, as cameleiras, as olaias e algumas espécies de cedros.

O parque aderiu também a um projecto inovador que consiste na plantação de algumas espécies procuradas por alguns tipos de borboletas de forma a poder atrair esses maravilhosos seres. Também no Parque existe o ancoradouro do Barco Basófilas, barco – restaurante usado para percursos turísticos no rio Mondego.

## *Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*



Ilustração 86 Portal de entrada do Jardim



Ilustração 85 Estátua de Avelar Brotero

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Sé Nova

**Protecção** – Imóvel de Interesse Público

**Tipologia** – Arquitectura Civil

**Subtipo** – Jardim

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVIII; séc. XIX

**Estilo (s) Artístico (s)** – Não Contemplado

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Guilherme Elsdén (engenheiro); Domingos Vandelli (químico) Della- Bella (naturalista)

**Descrição** – O projecto para o Jardim Botânico foi criado no ano de 1772 por ordem do Marquês de Pombal, no âmbito do Museu de História Natural; no entanto o projecto inicial por ser um pouco megalómano foi rejeitado e as obras em si só arrancaram em 1774. No processo de desenvolvimento do projecto do Jardim Botânico estiveram envolvidos nomes como o Engenheiro Guilherme Elsdén, o químico Domingos Vandelli e o naturalista Della-Bella. No entanto os trabalhos de construção foram demorados e só no séc. XIX o Jardim atingiu a área que tem hoje em dia.

O Jardim ocupa hoje uma área de cerca de 13,5 hectares de terreno, dividindo-se em duas zonas distintas: a zona superior mais acessível, desemboca no “Quadrado Grande” cuja fonte é original do Colégio de São Bento, é aqui que se abrem clareiras com vistas sobre o

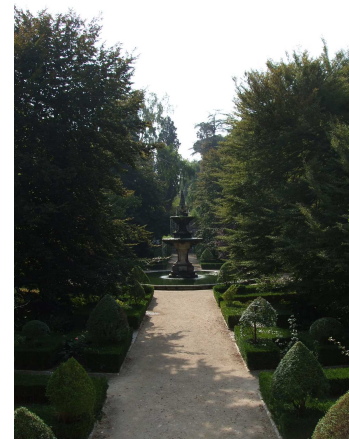


Ilustração 87 Pormenor de uma das passagens do jardim

Mondego e encontramos a estufa quente bem como a Avenida das Tílias e a parte inferior de mata mais fechada e de difícil acesso. Este Jardim vale não só pela beleza da sua flora mas também pelo seu carácter científico, pois devido aos microclimas que produz é possível desenvolverem-se aqui espécies raras provenientes de locais tão díspares como os Himalaias ou da América do Sul. O jardim está delimitado por um gradeamento de ferro, cuja entrada nobre se situa junto aos Arcos do Jardim e foi construída em 1843. Perto da entrada principal foi colocada uma estátua do Dr. Félix Avelar Brotero botânico de renome, dos primeiros orientadores deste Jardim, obra da autoria de Soares dos Reis.

*Rua da Sofia*

Ilustração 88 Vista da Rua da Sofia



Ilustração 89 Vista da Rua da Sofia

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santa Cruz

**Protecção** – Imóvel de Interesse Público

**Tipologia** – Arquitectura Civil

**Subtipo** – Rua

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XVI; séc. XVII; séc. XIX

**Estilo (s) Artístico (s)** – Renascimento

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Não Contemplado

**Descrição** – A Rua da Sofia quando foi aberta em 1535 veio reiterar definitivamente o papel da cidade como pólo cultural e universitário. Era para a época uma rua extremamente larga, ampla e com piso regular. Destacando-se da malha apertada das ruelas da cidade, a Rua da Sofia foi aberta com o objectivo de albergar os colégios da Universidade. Assim a Rua da Sofia, embora tenha sustentado esta “vida académica e universitária”, sempre se manteve um pouco à margem do seu rebuliço, tendo sido desde sempre “um bairro de estudantes”, que só se abriu ao comércio no séc. XIX. Sete colégios foram construídos na Rua da Sofia: do Carmo, da Graça, de São Pedro, de São Tomás, de São Bernardo, São Boaventura e o Colégio das Artes. Havia ainda nesta Rua o Convento de São Domingos, o Palácio da Inquisição e depois já em Setecentos a Igreja de Santa Justa.

O Colégio do Carmo construído a partir de 1540, teve a igreja concluída em 1597. Dos edifícios de quinhentos e de seiscentos, hoje apenas existe uma parte. Está hoje ocupado pela Ordem Terceira de S. Francisco, que o alterou profundamente no decorrer do séc. XIX.

O Colégio da Graça, fundado em 1543, recebeu um projecto da autoria de Diogo de Castilho com o qual ficou estabelecida a tipologia dos Colégios de Coimbra. O espaço foi posteriormente ocupado por um quartel militar, que embora já não ocupe os edifícios, desvirtuou e remodelou a arquitectura do colégio bem como a sua função original. O Colégio de São Tomás é hoje em dia o Palácio da Justiça; O Colégio das Artes está a ser recuperado e alberga hoje o C.A.V. – Centro de Artes Visuais; O Convento de São Domingos está completamente descaracterizado e é hoje em dia ocupado por galerias comerciais. Todos os outros colégios desapareceram parcialmente ou são simplesmente casas particulares.

Hoje em dia a Rua da Sofia está descaracterizada do seu contexto arquitectónico, mas tem a valência do que resta das centúrias de XVI e XVII.

## *Edifícios da Associação Académica e Teatro de Gil Vicente*



Ilustração 91 Fachada do Teatro Gil Vicente



Ilustração 90 Pormenor de um dos painéis de azulejos figurativos

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Sé Nova

**Protecção** – Em Vias de Classificação

**Tipologia** – Arquitectura Civil

**Subtipo** – Edifício

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XX

**Estilo (s) Artístico (s)** - Modernismo

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Alberto José Pessoa, João Abel Manta e André Santos (arquitectos), Manuel Cerveira (arquitecto paisagista – projecto do jardim)

**Descrição** – Os edifícios da Associação Académica de Coimbra foram inaugurados no ano de 1963. Aqui funcionam várias secções desportivas e culturais da Academia, bem como várias cantinas estudantis, espaços de convívio e ainda tem anexo o Teatro Académico de Gil Vicente, ícone incontornável da “cultura” universitária e não só. Os edifícios da A.A.C. e o edifício do Teatro Gil Vicente formam um conjunto de edifícios modernos que se “encaixam” no centro nevrálgico entre a Alta de Coimbra e a Praça da República, primando pela funcionalidade e pragmatismo e organizando-se em torno de um jardim interior, como se de um claustro se tratasse, onde existe um painel de azulejos figurativos, em tons de cinzento, azul e preto, alegóricos às actividades da Associação Académica: cinema, rádio, fotografia, orfeão, grupos corais, imprensa, leitura, danças regionais e teatro académico.

Numa das fachadas virada à Av. Sá da Bandeira podem ver-se os painéis da autoria de Abel Manta, representando a evolução do traje académico ao longo dos tempos.

## *Portugal dos Pequenitos*



Ilustração 93 Pormenor de um dos Guardiães do Portal



Ilustração 92 Fachada do Portugal dos Pequenitos

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Santa Clara

**Protecção** – Sem efeito

**Tipologia** – Arquitectura Civil

**Subtipo** – Edifício; Parque lúdico – pedagógico

**Período (s) Relevante (s)** – séc. XX

**Estilo (s) Artístico (s)** – Modernismo

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Cassiano Branco (arquitecto) Manuel de Jesus Cardoso (canteiro); Valentim Azevedo (mestre de obras)

**Descrição** – Inaugurado a 8 de Junho de 1940, o Portugal dos Pequenitos faz parte do património da Fundação Bissaya Barreto desde 1959. O parque/ jardim divide-se em três partes: o Museu Etnográfico da Habitação Portuguesa, a reprodução dos principais monumentos portugueses e uma parte dedicada à expansão ultra-marina. Na primeira fase de construção ergueram-se as aldeias regionais, os monumentos de Coimbra e os pavilhões da expansão ultra-marina sob a alçada de Manuel de Jesus Cardoso; já a segunda fase contou com a mestria de Valentim Azevedo e daí resultaram os monumentos portugueses. Assim podem ver-se aqui as mais variadas casas portuguesas algarvia, a minhota, a transmontana,



bem como alguns dos mais importantes monumentos portugueses. No que respeita às colónias ultra-marinas podem ver-se no interior dos seus pavilhões fotografias e produtos típicos, numa tentativa de aproximação e cruzamento de culturas e povos. Pode ainda encontrar-se dentro do Portugal dos Pequenitos três acervos museológicos: Museu do Traje, Museu da Marinha e Museu do Mobiliário, que em miniaturas expõe várias peças que mostram a evolução ao longo dos tempos destas três temáticas.

*Arquitectura Militar*

*Torre de Anto // Torre do Prior do Ameal*



Ilustração 95 Vista sobre a Torre de Anto



Ilustração 94 Placa sobre a relação da Torre de Anto com António Nobre

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Almedina

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Militar

**Subtipo** – Torre

**Período (s) Relevante (s)** – Séc. XVI

**Estilo (s) Artístico (s)** – Não Contemplado

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Não Contemplado

**Descrição** – A Torre de Anto fazia parte integrante da muralha medieval da cidade. Nos inícios do séc. XVI, devido à privatização das zonas de defesa junto à muralha, a torre foi adaptada a edifício residencial, pelo que a sua aparência actual provém dessas transformações.

A maior remodelação a que foi sujeita data da época manuelina, nos inícios do séc. XVI, e foi essa que lhe conferiu o aspecto que mantém ainda hoje. É de planta quadrangular e tem quatro pisos que se ligam entre si por uma escada em caracol. A entrada no edifício faz-se

por uma escada lateral que nos leva a um portal de carácter gótico; em todas as fachadas abrem-se janelas de cariz manuelino sem ornamentação, de traçado muito simples.

O nome actual, Torre de Anto deve-o ao poeta António Nobre que aqui residiu no séc. XIX, aqui tendo escrito algumas das suas mais belas obras. A estreita ligação entre o poeta e o edifício, levou a que o Museu da Cidade de Coimbra instalasse aqui um espaço museológico dedicado à “Memória da Escrita”.

## Muralha de Coimbra e Arco de Almedina



Ilustração 97 Arco de Almedina



Ilustração 96 Arco de Almedina

**Distrito** – Coimbra

**Concelho** – Coimbra

**Freguesia** – Torre de Almedina / São Bartolomeu

**Protecção** – Monumento Nacional

**Tipologia** – Arquitectura Militar

**Subtipo** – Muralha / Cerca

**Período (s) Relevante (s)** – Séc. IX; Séc. XV; Séc. XVI

**Estilo (s) Artístico (s)** – Renascimento

**Artistas/ Artificies/ Autores** – Não Contemplado

**Descrição** – A cidade de Coimbra foi provida na época medieval de uma muralha, da qual ainda hoje restam vestígios. Das várias portas da muralha ainda hoje existem duas, sendo a mais conhecida o chamado Arco de Almedina.

O Arco de Almedina propriamente dito data do séc. IX, após a primeira reconquista cristã de 878. O edifício sobre o arco foi um acrescento datado de 1541, aquando das reformas realizadas durante o reinado de D. Manuel I.

Um pouco mais abaixo em direcção à Rua Ferreira Borges encontra-se a Porta da Barbacã data do séc. XV e nela podemos ver uma escultura de cariz renascentista



Ilustração 98 Porta da Barbacã

representando a Virgem com o Menino, muito semelhante às saídas da oficina de João de Ruão. Por baixo pode ver-se o brasão de armas de Portugal.

## Anexo B -- Rotas na Cidade de Coimbra

### - Rota dos Claustros

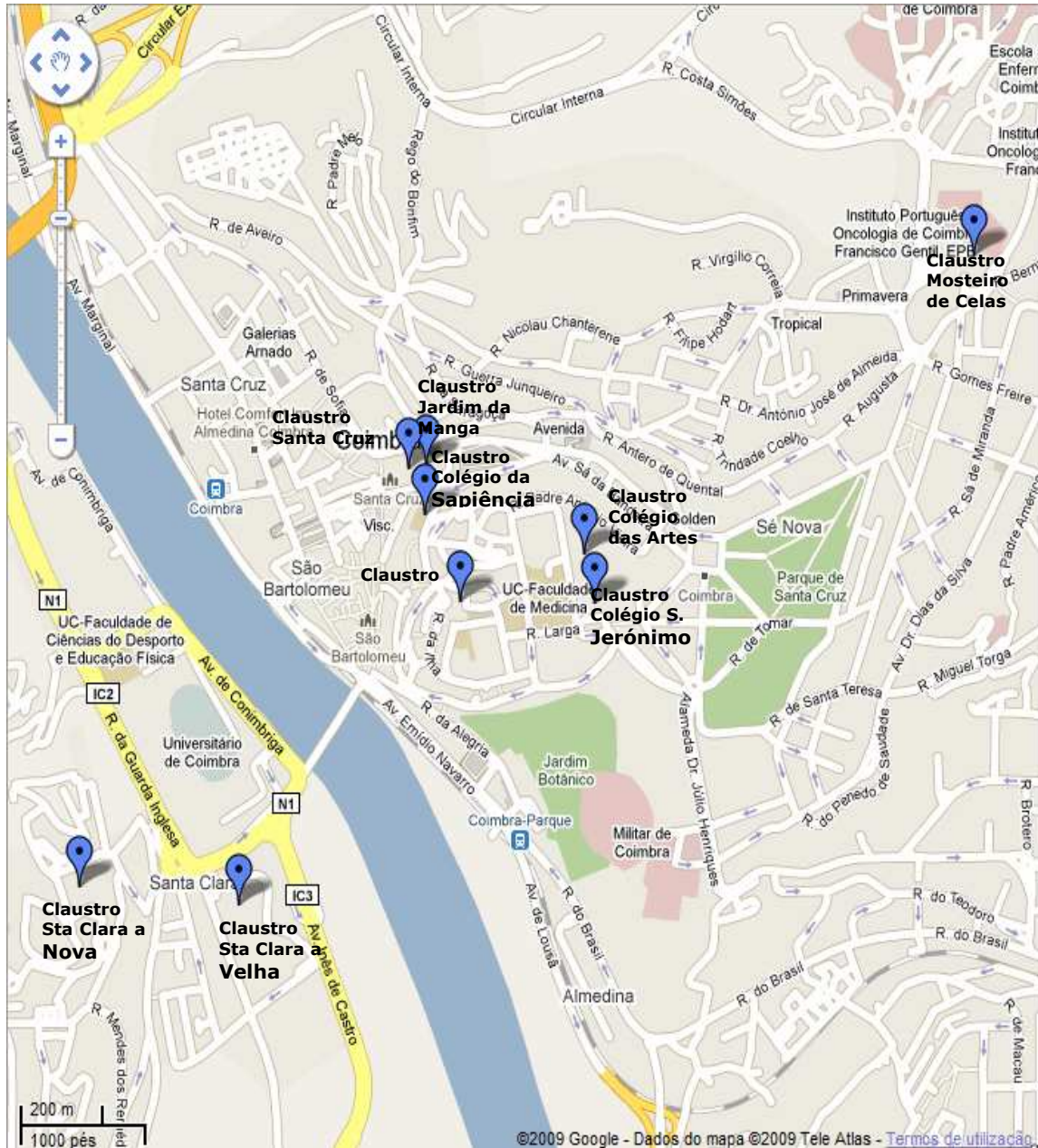


Ilustração 99 - Rota dos Claustros

**Simbologia do Claustro** – Como local sagrado que é, o Claustro remete-nos para a comunicação entre dois níveis: o “céu”, como sendo a componente espiritual, e a “terra”, como sendo a componente terrena, secular. Tradicionalmente surge como uma representação simbólica do jardim do paraíso, ou jardim do Éden. O claustro detém em

si mesmo um forte significado e uma simbologia religiosa que desde sempre lhe permitiram incluir-se nesse “microcosmos” sagrado no qual estão incluídas as próprias igrejas. Surge assim como um ponto de encontro do indivíduo consigo mesmo e com Deus, através do silêncio, da introspecção, da contemplação e da oração.

É de salientar o papel das esculturas que adornam os claustros românicos, que têm como objectivo não só o embelezamento mas também a representação e a transmissão dos valores religiosos através de capitéis historiados que obedecem a um plano muito preciso, indo assim ao encontro de um ideal “românico – medieval” de interpretação religiosa.

O Claustro surge assim como ponto central no contexto de uma dialéctica “multidisciplinar”. Este espaço tantas vezes escondido no coração do espaço religioso presta-se a actividades tão díspares como a introspecção, a interpretação de signos e de símbolos, o auto-conhecimento e o conhecimento em sentido mais lato.

Assim, sendo o Claustro um lugar que se presta ao conhecimento e à interpretação é essencial o traçar desta rota pelos claustros da cidade.

Como elemento arquitectónico é na cidade de Coimbra um elemento de experimentação com o delinear por Diogo de Castilho do protótipo de claustro renascentista, nos casos dos Colégios Universitários.

Sendo também um local de reflexão e de introspecção urge vivenciar estes espaços na direcção de uma “subjetivação” de um espaço que por ser mais íntimo e pessoal é tantas vezes negligenciado nas visitas às nossas igrejas.

#### **Pontos – Ancora**

- **Claustro do Mosteiro de Celas**
- **Claustro do Colégio das Artes**
- **Claustro da Sé Velha**
- **Claustro de Santa Cruz**
- **Claustro da Manga**
- **Claustro de Santa Clara – a – Velha**
- **Claustro do Colégio da Sapiência**
- **Claustro de Santa Clara – a – Nova**
- **Claustro do Colégio São Jerónimo**







Simbolicamente existe uma interligação entre a água, a lua, a mulher e imortalidade.

A água é a fonte de todas as potencialidades da existência, a origem e o fim das coisas do Universo; é o equivalente líquido da luz, revitaliza e confere nova vida. Existe também uma analogia entre os quatro elementos e o Homem e o Universo, assim nesse sentido a água, húmida e fria corresponde ao Inverno e ao humor “fleumático” ou seja um humor paciente.

Há ainda na mitologia clássica uma inter relação dos deuses com os elementos, à água corresponde a figura de Neptuno, tão utilizada na iconografia renascentista e barroca.

Sendo a água um símbolo de vida e de regeneração, é pertinente a traça desta rota, pois vai ao encontro da simbologia de uma cidade que ao longo dos tempos se regenerou, se adaptou, se transformou e se moldou a fenómenos que teve o privilégio de integrar e que foram em si geradores de “vida” e de evolução.

Para além de que sendo Coimbra um dos pontos de passagem desse grande modelador que é o Rio Mondego, tem com a água uma relação peculiar, pois se por um lado a água foi um elemento de vida e de progresso, por outro teve também o seu lado mais negativo com as enchentes fluviais e com a necessidade do assoreamento das águas do rio, devido às quais tanto do património da cidade foi destruído, sendo o elemento mais conhecido o Mosteiro de Santa Clara – a – Velha, daí a sua participação neste rota.

#### **Pontos – Ancora**

- **Fonte de Celas// Fonte de El – Rei**
- **Arcos de São Sebastião // Arcos do Jardim**
- **Jardim da Sereia**
- **Jardim da Manga**
- **Fonte da Madalena**
- **Fonte Nova// Fonte dos Judeus**
- **Museu da Água (Parque Dr. Manuel Braga)**
- **Santa Clara – a – Velha**

## - Rota dos Jardins



Ilustração 101 Rota dos Jardins

**Nota** – A sinalética que marca o Jardim Botânico está colocada sobre o ponto de entrada pela Alameda Dr. Júlio Henriques e não assinala a vasta extensão que ocupa o Jardim em si.

**Simbologia do Jardim** – A simbologia do jardim é a representação do paraíso, do Jardim do Éden, que é em si mesmo a presença cósmica divina perfeita. O jardim representa um local sagrado, onde se pode ver a acção ordenadora do Homem sobre a Natureza. Os jardins árabes simbolizam o paraíso e a harmonia cósmica de um mundo

em miniatura. Os jardins do Oriente, para além desta simbologia, associam-lhe, através da vivência do jardim por parte dos seres humanos, o regresso à natureza original e à pureza espiritual. Esta conotação com o Éden é sobretudo forte nos jardins interiores, quer sejam os jardins dos claustros dos mosteiros cristãos ou os jardins das casas árabes

Por contraponto à “cidade” representa o espaço onde o Homem se pode dedicar ao ócio, ao repouso positivo e à elevação da alma, através da contemplação da Natureza, obra divina.

Representa a morada das almas e das qualidades que na alma se cultivam. Directamente ligado ao conceito de Jardim do Éden, o jardim é o lugar de onde o Homem foi expulso, após o pecado e onde deseja intimamente voltar, é o Paraíso Perdido.

Directamente relacionada com a simbologia dos jardins, esta rota permite visitar jardins que se prendem cada um com uma parte da simbologia específica; assim sendo o jardim onde o Homem se pode dedicar ao repouso positivo e à elevação da alma, encontramos no Jardim da Sereia esse local de deleite com a sua estrutura cenográfica e com a sua estética barroca, que permite a fruição não só da natureza mas também de verdadeiras obras de arte.

Já quanto à acção ordenadora do Homem sobre a Natureza e o lugar onde se cultivam as qualidades da alma podemos ver no Jardim Botânico o ponto de encontro entre a contemplação e a fruição da natureza e a actividade científica e de conhecimento que daí advêm, numa mistura de ócio e saber.

O Parque Dr. Manuel Braga e o Parque Verde são como passado e presente desta simbologia, vivências que se tornam diferentes na prática pela força do tempo, mas que se mantêm eternas pelo sentimento da fruição.

#### **Pontos – Ancora**

- **Jardim Botânico**
- **Jardim da Sereia**
- **Parque Dr. Manuel Braga**
- **Parque Verde**



As artes do Trivium tinham como objectivo dotar a mente de disciplina para que esta se pudesse manifestar através da linguagem; já as artes do Quadrivium permitiam prover a mente de meios e métodos para o estudo da matéria e dos conteúdos, sujeitos depois a melhoramento no âmbito das disciplinas ditas superiores. A iconografia das Artes está relacionada com mitologia clássica e as suas “musas” que personificavam as diferentes aptidões artísticas do Homem, que no fundo se revelam como manifestações divinas no indivíduo e consequentemente na sociedade em que este se insere. As ciências estão relacionadas com as capacidades cognitivas do Homem, às quais era dado um papel primordial pela cultura humanista e de quinhentos.

Sob o epíteto de “Lusa – Atenas”, Coimbra é e sempre foi uma cidade de cultura, de artes e de saber, como tal há edifícios que constituem o património construído da cidade que encarnam e interpretam precisamente esse epíteto.

Veja-se o exemplo dos Colégios Universitários, onde se primava pelo ensino e pela formação, os Museus Universitários criados para servir a comunidade coimbrã e não só a estudantil e por fim os próprios edifícios da Universidade, local primordial de ensino e aprendizagem dos milhares de alunos e de mestres que por ali já passaram.

Inclusive a própria Rua da Sofia ou da Sabedoria, uma rua imponente aberta para albergar os Colégios Universitários, que se transformou à data no primeiro bairro escolar da cidade.

Como tal, parece pertinente o traçar desta rota, que nos levará por alguns dos mais importantes edifícios que marcaram a vida passada e presente da vida cultural e do ensino da cidade.

#### **Pontos – Ancora**

- **Igreja/ Colégio da Graça**
- **Rua da Sofia**
- **Colégio da Sapiência**
- **Colégio São Jerónimo**
- **Colégio das Artes**
- **Museu da Ciência**
- **Laboratório Químico**
- **Paço da Escolas**



### - Rota do Passado ao Presente

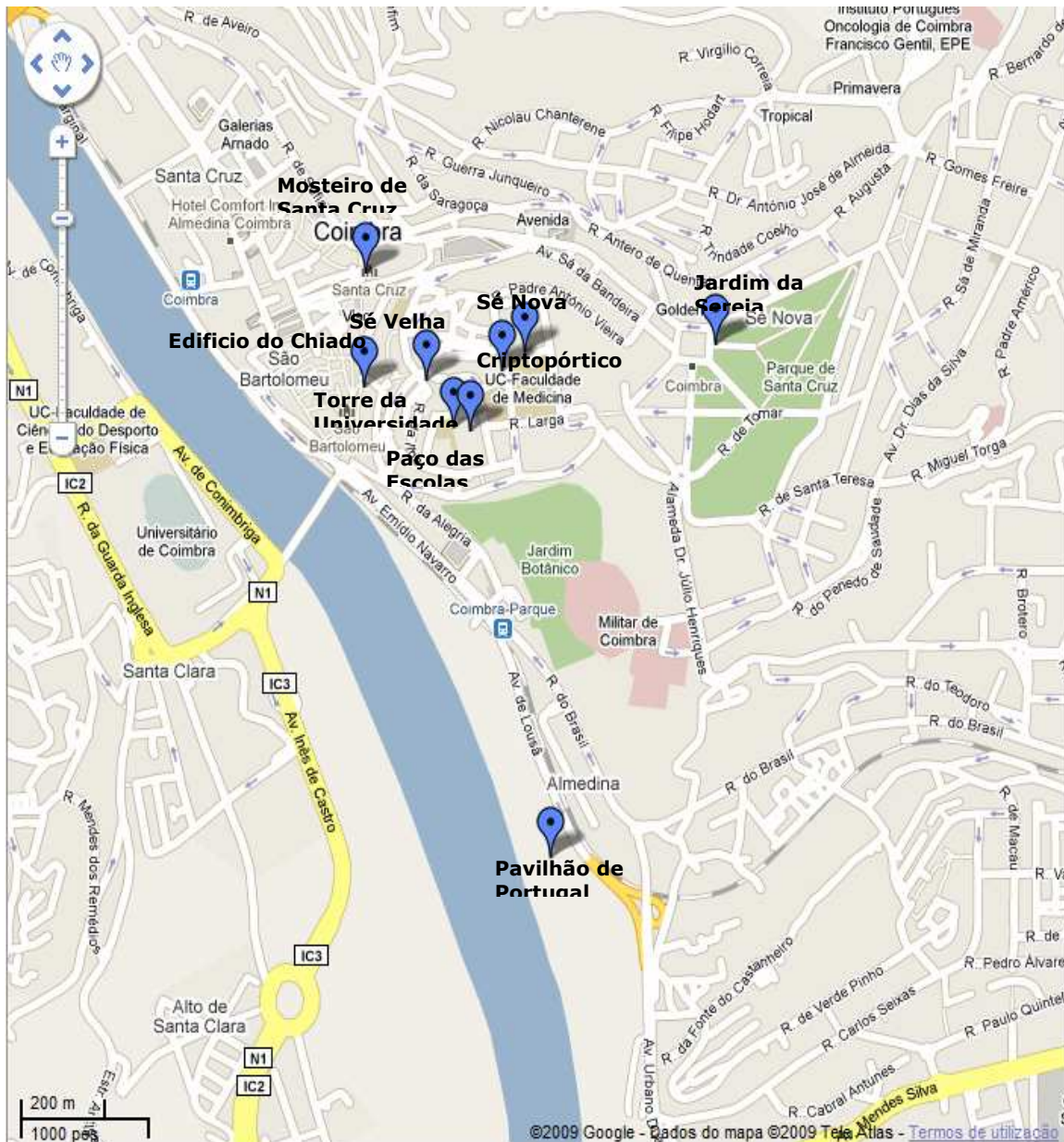


Ilustração 103 Rota do Passado ao Presente

**Simbologia do Tempo** – O Tempo representa a imutabilidade e a irreversibilidade dos acontecimentos. Como suposta divindade benéfica contribui para o triunfo da verdade e da inocência contra as armadilhas dos vícios e da calúnia.

... Recriando, protegendo e vivenciando o passado, celebramos o presente e “prevemos” o futuro...

Com olhos postos no passado e nas suas experiências, vivemos o presente e delineamos o futuro; futuro que se quer melhor para a cidade, para o seu património e a sua cultura e também para as suas gentes, as que apenas passam e as que por aqui permanecem!

Coimbra, cidade de sempre, rica num passado que lhe confere a identidade que tem hoje e que prima em manter: cidade das cortes, cidade dos amores, cidade da cultura e do conhecimento, cidade dos estudantes...

Assim pretende traçar-se um percurso que conduza por edifícios que a seu modo e tempo marcaram um período importante na história da cidade, tentando fazer uma “viagem no tempo” ao longo dos vários séculos que viram crescer e florescer a identidade da cidade de Coimbra. Assim dos romanos à modernidade, quase todas épocas estão aqui contempladas...

scer e florescer a identidade da cidade de Coimbra. Assim dos romanos à modernidade, quase todas épocas estão aqui contempladas...

A Torre da Universidade surge nesta rota como símbolo evidente da cidade de Coimbra, mas também como instrumento medidor e regulador do tempo, pois para além dos relógios, alberga os sinos que regulam o funcionamento ritual da Universidade e consequentemente da cidade em si. O sino que anuncia as aulas é um ícone da cidade civil e universitária, sendo conhecido como a “Cabra”, anuncia não só as horas das aulas, mas também anunciava as “*horas tristes*”, as horas dos estudantes recolherem a casa para aí se dedicarem ao estudo, porque nem só de Queima das Fitas vive a vida universitária...

#### **Pontos – Ancora**

- **Criptopórtico Romano**
- **Sé Velha**
- **Paço das Escolas**
- **Torre da Universidade**
- **Sé Nova**
- **Jardim da Sereia**
- **Mosteiro de Santa Cruz**
- **Edifício do Chiado**
- **Pavilhão**

de

**Portugal**

## Anexo C – Entrevista a Dr. Pedro Machado Presidente

### ENTREVISTA

#### PEDRO MACHADO APOSTA NA DIVERSIDADE PARA COMBATER SAZONALIDADE

**“A Região Centro é a mais completa e rica do país em termos turísticos”**

Por Zilda Monteiro

**Assumi a presidência da RTC há relativamente pouco tempo. Como tem corrido este desafio?**

Tem sido um desafio muito, muito interessante. Assumi no passado dia 1 de Setembro e é um desafio tripartido porque hoje presido à RTC, à Associação Turismo Centro de Portugal (que está na Bernardino Ribeiro, nas instalações da CCDR) e à Agência Regional de Promoção de Turismo, que está sediada em Viseu. Apesar de trabalharem para um fim semelhante - que é o turismo do Centro de Portugal -, são três organismos distintos do ponto de vista das suas organizações, apesar de terem o mesmo presidente. É um desafio muito aliciante. Do que pude aprender nestes três meses, é fácil perceber que o turismo até 2007 não tem nada a ver com o turismo após 2007, quer pelos meios financeiros, quer pelos desafios, quer pelos produtos, quer pelas marcas, quer pelo crédito, quer por um conjunto vasto de factores.



**O que é que vai mudar?**

Muda o conceito. Deixamos de fazer promoção do território, entendido aqui como o território deste ou daquele município, e passamos a defender conceitos com produtos e marcas. Produtos que já tínhamos e marcas com outra escala e competitividade. A partir deste momento, ser competitivo em turismo é ter escala, o que significa ter uma capacidade instalada de hotelaria e restauração, que nos possa fazer concorrer, por exemplo, com a cidade de Barcelona que sozinha tem 40 mil camas, enquanto a Região Centro tem 39 mil. Nós temos bons percursos, bem definidos, bem sinalizados e temos uma estratégia agressiva de comunicação.

**A Região Centro tem a vantagem de ter uma oferta muito diversificada...**

Do meu ponto de vista, a Região Centro é a mais completa e rica do país em termos turísticos. Não digo isto por narcisismo, digo porque, de facto, é a maior. É uma região que integra 24 municípios, que têm uma diversidade que vai do sol e mar da Figueira da Foz, Mira ou Tocha, até aos percursos de montanha na Serra da Lousã, do Açor ou da Pampilhosa da Serra; dos vinhos do Carregal do Sal ao Museu que se está a constituir neste momento e que será uma marca do Museu do Salazar em Santa Comba Dão; até ao chicharo de Alvaiázere; passando pela pesca na Barragem do Zêzere; pela caça ao Javali e veado na Serra da Lousã; ao bucho em Arganil... A riqueza é tão grande do ponto de vista gastronómico como de outros produtos. Tudo isso nos permite afirmar pela positiva.

*“O turismo pode ser uma das alavancas que pode ajudar a sustentar a nossa balança*



*económica.”*

**Acha que o futuro passa obrigatoriamente pelo turismo?**

Julgo que o turismo pode ser uma das principais alavancas que pode ajudar a sustentar a nossa balança económica. Simultaneamente, pode ajudar a afirmar a identidade própria e a criar riqueza em cada município, mesmo nos concelhos que hoje têm maiores dificuldades de afirmação, seja nos pólos empresariais, seja nas novas formas logísticas. Julgo que o turismo, à semelhança de outros países, como é o caso espanhol, sustenta hoje, para não dizer que equilibra, a balança de pagamentos. Neste momento, Portugal está a despertar para o turismo. É normal. É corrente no discurso do sr. Ministro da Economia dizer que as duas grandes áreas de intervenção em que Portugal vai apostar são as exportações e é o turismo. Julgo que, nesse sentido, estamos no bom caminho.

**Quais são os projectos que gostaria de ver desenvolvidos na região?**

São muitos. Desde logo, aqueles de grande montra que nos entram pela casa dentro, como a navegabilidade do Rio Mondego, enquanto projecto estruturante para esta Bacia do Mondego, ou a criação de uma Carta Gastronómica do Centro, como complementaridade a todos os concelhos que fazem parte da nossa região de Turismo. Outro dos projectos, que tenho defendido e no qual estamos a trabalhar, é o turismo cinegético, que assenta sobretudo na caça ao veado e ao javali em ambiente natural, mas também na pesca, principalmente nas nossas albufeiras e barragens, como é o caso do Zêzere. Penso que complementando o que já existe com tudo isto, com esta ligação à gastronomia e restauração, com os percursos naturais e pedestres, valorizamos muito a região. No fundo, queremos aproveitar tudo aquilo que temos de melhor e que hoje é utilizado como produto turístico noutros espaços europeus mas que nós ainda não aproveitamos. Dou o exemplo prático da observação de pássaros nas nossas reservas naturais e nos nossos paus. Este é um produto muito procurado na Europa e nós ainda não explorámos. Estes produtos tão díspares permitem-nos combater o problema da sazonalidade já que na região Centro o turismo ainda está muito concentrado nos meses de Verão.

**Acha que ainda se mantém muito o culto do turismo histórico e monumental?**

O turismo histórico e monumental é, de facto, uma das marcas mais fortes que temos no Centro do país. Basta olharmos à nossa volta.

**Estes projectos que enumerou são uma aposta na descentralização?**

São uma aposta na descentralização e no combate à sazonalidade. É preciso combater os meses com menos procura com produtos que sejam atractivos nessa época do ano. O turismo cinegético é sobretudo para os meses de Inverno. Isso permitia-nos, de alguma forma, contrabalançar esta balança de procura para o Centro de Portugal, nomeadamente entre aquilo que já se faz no Verão, que é o sol e mar da Figueira, Tocha e Mira, e agora também ajudar a procurar novas ferramentas que ajudem às assimetrias regionais. É preciso perspectivar o território todo. O Verão tem uma grande incidência nos concelhos do Litoral, o Inverno teria uma incidência maior sobre os concelhos do Interior, numa perspectiva transversal. No meu ponto de vista, o turismo cinegético, que gasta e investe mais do que o “turing” patrimonial e cultural, é muito importante e tem no Centro uma fortíssima procura. Nós não temos aqui só património construído, como castelos, aldeias históricas, aldeias de xisto, a Universidade de Coimbra, o Museu Machado de Castro... Enfim, temos aqui uma panóplia e uma diversidade que nos permite, de facto, ser concorrentes pela positiva com outros mercados que ainda não explorámos.

**Esses outros mercados poderiam funcionar como uma atracção para outro tipo de público, aquele que não procura o turismo histórico...**

Temos que ser pragmáticos. O que propomos para o Centro de Portugal não é um turismo massificado. Esse vai para o Algarve nos meses de Verão. Nós achamos que podemos ter um turismo ao longo do ano de qualidade de excelência porque os produtos de que falamos, quer no aspecto gastronómico, quer no aspecto paisagístico, permitem-nos ter um turismo menos massificado mas provavelmente maior e melhor. A muita gente do Algarve não significa um maior investimento do que o que resulta do turismo patrimonial e cultural e de natureza do Centro. Nós procuramos um cliente diferente. Depois, obviamente, que temos que promover e oferecer estas novas marcas e produtos que sejam complementares e que obriguem as pessoas a virem dos aeroportos de Lisboa e Porto, porque é por aí que a grande maioria entra. Julgo que o Centro pode ser um concorrente efectivo, legítimo, com valor acrescentado, em relação àquilo que se faz. Aquilo que considero que poderia ser um mapa óptico da RTC seria, de facto, a ligação entre a Serra da Estrela e o Litoral. Teríamos turismo de neve, praia, montanha, natureza, albufeira, cultural. Enfim, uma infinidade de produtos que mais nenhuma região tem.

*“Temos o dever e a obrigação de pensar no turista português.”*

**Estamos a falar muito do turista estrangeiro. Onde é que fica o lema do “Vá para fora cá dentro”?**

Temos o dever e a obrigação de pensar no turista português. No caso da região Centro, 70 por cento dos que nos visitam é mercado nacional. Quase que se impõe dizer-se aqui que temos que tratar bem os nossos. Temos que tratar muito bem o turista português, porque é ele que faz hoje férias mais curtas, espaçadas durante todo o ano, que aproveita os fins de semana. Se ele encontrar boa hotelaria como existe no Centro, boa gastronomia e restauração, bons percursos, boas alternativas àquilo que encontra nas grandes cidades ou nestes destinos mais massificados, vai encarar o Centro como possibilidade. Julgo que o Centro se começa a afirmar como alternativa. Para além do nacional, não podemos esquecer que o segundo mercado que nos procura é o espanhol que tem grande familiaridade connosco, que vem através da A25 procurar as nossas praias. Isto é tradição. Julgo que, nesse sentido, temos que salvaguardar as condições para que consigamos ter maior empatia com o mercado nacional que hoje prefere este turismo mais desconcentrado ao longo do ano. Prefere o lazer da boa mesa e encontrar boas unidades hoteleiras em sítios que normalmente estão pouco povoados, que têm ar puro para respirar. É preciso aliciá-los com estes produtos que estou a defender e a trabalhar.

**Não acha que hoje as pessoas se sentem mais atraídas por este tipo de turismo de natureza?**

Claramente. Aliás, percebe-se isso quase empiricamente. Basta estar um fim de semana e percorrer as nossas auto-estradas e parar nas estações de serviço e facilmente detectamos conjuntos de portugueses, dos dois sexos e de todas as idades, com mono-volumes, com bicicletas de montanhas em cima. Facilmente se percebe que hoje os portugueses preferem um turismo de natureza e de aventura, anti-stress, que liberte energia. Esta tem que ser a nossa estratégia. O turismo activo é uma das nossas prioridades.

*“Hoje os portugueses preferem um turismo de natureza e de aventura, anti-stress, que liberte energia.”*

**Qual é o papel da Agência Regional de Promoção do Turismo?**

A Agência Regional de Promoção do Turismo do Centro de Portugal é um instrumento poderoso para o mercado externo. As regiões de turismo têm a seu cuidado a promoção do mercado interno, as agências foram criadas para a promoção no mercado externo. A RTC tem um território confinado a 24 municípios, a Agência tem cinco regiões de turismo – Rota da Luz de Aveiro, Dão-Lafões, Serra da Estrela, a Nata do Tejo que vem desde Castelo Branco e a Região de Turismo do Centro. Depois tem ainda as juntas de Curia, Bussaco e Monfortinho. Portanto tem oito entidades públicas e 107 privadas. Uma das grandes vantagens desta Agência é a promoção da marca, é importante que a marca Centro de Portugal seja válida por si própria. Por outro lado, há que salientar o aproveitamento dos recursos financeiros que juntam público e privado. Isto permite-nos apostar numa estratégia concertada que era uma coisa que não existia até aqui e vem reforçar muito mais o nosso mercado a nível externo. No mercado interno ainda trabalhamos muito na lógica da associação dos vários municípios que estão consolidados nas várias regiões de turismo. Julgo que o modelo da Agência é um modelo a explorar mesmo para o mercado interno.